

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E
PROFICIÊNCIA DE LEITURA E APRENDIZAGEM**

A REALIDADE DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC

TATIANA APOLINÁRIO CAMURÇA

FORTALEZA

2007

TATIANA APOLINÁRIO CAMURÇA

**CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E
PROFICIÊNCIA DE LEITURA E APRENDIZAGEM**

A REALIDADE DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC.

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Profª Drª Maria do Rosário Fátima Portela Cysne Portela, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

FORTALEZA

2007

Tatiana Apolinário Camurça

**Condições Socioeconômicas e Proficiência de Leitura e Aprendizagem:
a realidade dos estudantes de Biblioteconomia da UFC**

Esta Monografia é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca do Centro de Humanidades.

A citação de quaisquer trechos deste estudo é permitida, desde que sejam respeitadas as normas de registros científicos.

Aprovada em -----/-----/-----.

Nota: _____

Banca Examinadora:

Profª Drª Maria do Rosário de Fátima Portela Cysne - UFC
Presidente e Orientadora

Prof. Dr. Casemiro Silva Neto- UFC
Membro

Profª Me. Maria de Fátima Oliveira Costa -UFC
Membro

AGRADECIMENTOS

Ao grande Mestre, Senhor de minha vida, que mesmo sem merecimento, pude contar com sua inestimável ajuda que em todos os momentos esteve presente, Deus.

As minhas primeiras palavras de reconhecimento e agradecimento no plano humano se dirigem ao meu querido amigo e esposo Mardonier Silva Camurça, acima de qualquer adjetivo, um Ser compreensivo em todas as circunstâncias. Por acreditar em minha capacidade, mesmo quando nem eu mesmo acreditava.

À Universidade Federal do Ceará por me propor momentos e oportunidades de aprendizagens, através de Encontros, palestras e eventos que me engrandeceram como cidadã, acima de tudo.

Ao Departamento de Ciências da Informação que mesmo com tantas dificuldades de toda natureza, se empenha para que o curso atue de maneira a formar profissionais questionadores e seres pensantes, não apenas executantes.

À minha Professora e orientadora, Professora Maria de Fátima Portela Cysne que enfim vai voltar à sua vida normal, dado que eu fui muito inoportuna com meus e-mails, mensagens e ligações em momentos de lazer. Contribuindo com sua sabedoria, conhecimento e experiência. Acreditou em minha proposta de estudo e me fez ver bem mais longe do que o visível.

Aos membros da banca examinadora desta monografia, Professor Dr. Casemiro Silva Neto e Prof^a Mestre Maria de Fátima Oliveira Costa que, com sua conduta profissional costumeira, dispuseram-se a participar da equipe de avaliação deste trabalho, dedicando parte de seu precioso tempo para, cuidadosamente, analisar, sugerir e contribuir para o aprimoramento desta primeira produção científica.

Aos meus colegas de sala, colegas que se transformaram em amigos ao longo desses quatro anos, críticos de meus trabalhos, meu comportamento, todos de alguma

maneira, me ajudaram a não ser medíocre em minhas decisões. São eles: Osmélia, Jamile, Camile, Célia, Érika, Neto Ramos, Nonato, Marina, Auridiana, Kátia, Max, Jonathas, Fátima, Neuila, a todas Danieles e Danielas, Fran, Rafa, Valéria, Sofia C. Martinha, a monitora Adriana Nóbrega por sua presteza em ajudar a mim e a Professora Portela. Sei que vou esquecer alguns nomes de pessoas queridas, mas que em algum momento participaram da minha vida acadêmica.

“Quando eu entrei na faculdade, que me deparei com os textos científicos, os textos de nível superior, eu fiquei louca por que eu leio e releio e não entendo? Isso me angustiou o primeiro semestre, me angustiou muito. Eu fiquei desesperada, meu Deus, o que será de mim aqui na faculdade sem saber ler?”

Depoimento em uma entrevista feita com uma universitária, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, em uma Tese de Educação em 2006 .

“Reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer, como alguém vive com que convive que experiências têm em que trabalha que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Por que cada um lê e relê com os olhos que tem, pois compreende e interpreta a partir do mundo em que habita.”

Leonardo Boff

RESUMO

Monografia de graduação com estudo exploratório que identifica a influência da situação socioeconômica no nível de compreensão da leitura acadêmica dos discentes do 1º, 2º, 5º e 7º semestres do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fundamenta-se na abordagem do Discurso do Sujeito Coletivo-DSC de Lefèvre e Lefèvre e na teoria das representações sociais e coletivas que possibilitou desenvolver uma reflexão sobre o pensar do conjunto de professores e alunos sobre um dos possíveis determinantes do desempenho acadêmico ao mesmo tempo em que proporcionou se obter uma leitura individual da opinião de cada participante da pesquisa. A aplicação de questionário aos estudantes, a realização de entrevistas com os professores e a análise de pesquisa realizada pela UFC sobre as condições socioeconômicas dos alunos possibilitou: (a) identificar o predomínio de uma compreensão textual insuficiente ao nível exigido para aprendizagem acadêmica e (b) aponta a interferência limitante, mas, não determinante de fatores socioeconômicos acusados de proporcionar o afastamento dos discentes de ambientes de leitura e aprendizagem em suas trajetórias escolares, fragilizando a aprendizagem no ensino superior.

Palavras chaves: 1. Leitura e Desempenho Acadêmico. 2. Aprendizagem - Fator Socioeconômico. 3 Ensino de Biblioteconomia

ABSTRACT

Monograph of graduation with exploratory study which identifies the influence of socioeconomic situation in the level of comprehension Of academic reading of students of 1st, 2nd, 5th and 7th semesters of Course of Libranship da Universidade "Libraryteconomy" of Based upon on approaching of Colective Subject of Speech - CSS of Lefère and Lefère and on theory of social representations and collectives that provided to develop a reflection about the thought of professors and students regarding of possible determination of academic performance at the same time that provided to get a individual reading (understanding) of each participant's opinion a of research. The application of questionnaire to students, the realization of entervIEWS with professors and the analysis of the research accomplished by UFC under the conditions socioeconomics of students provided: (a) identify the predominacy of an insufficient comprehension to the required level for academic learning and (b) shows limitant interference, but, not determinant of socioeconomic factors accused to provide the repelling of students of ambient of reading and learning in their school trajectories, weakening the learning in the high school.

Key words: 1. Reading and academic performance. 2. Learning - Socioeconomic factor. 3. Teaching of Libranship

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 SITUANDO O TEMA	14
1.2 JUSTIFICANDO A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA	16
1.3 EVIDENCIANDO O PROBLEMA DA PESQUISA	18
1.4 QUESTÕES NORTEADORAS	22
1.5 OBJETIVOS	22
1.5.1 OBJETIVO GERAL	22
1.6 Objetivos Específicos	22
2 A LEITURA	24
2.1 REFLEXÕES SOBRE A LEITURA	24
2.2 BRASIL: AINDA É UM PAÍS DE NÃO-LEITORES.....	25
2.3 O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO E SEU DESEMPENHO ACADÊMICO: UMA QUESTÃO DE LEITURA	26
2.3.1 A RELAÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS ORIUNDOS DE CAMADAS POPULARES COM A LEITURA ACADÊMICA	29
2.4 COMPREENSÃO DE LEITURA NA UNIVERSIDADE	33
3 BIBLIOTECONOMIA E OS SEUS CONTEXTOS	37
3.1 ENTENDENDO A BIBLIOTECONOMIA	37
3.2 O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA	40
3.2.1 ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA E O SEU CONTEXTO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA LEITURA	41
3.2.2 A LEITURA, O ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC	45
3.2.3 A QUESTÃO SOCIOECONÔMICA	46
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	49
4.1.2 A ABORDAGEM	50
4.1.3 Caracterização do campo	51
4.1.4 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	52
4.1.4.1 <i>Questionários construídos para a pesquisa</i>	53
4.1.4.2 <i>Questionários aplicados pela CCV/UFC</i>	55
4.1.4.3 <i>As entrevistas com os professores</i>	56
5 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	58
5.1 COLETA DOS DADOS	58
5.1.2 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO PERFIL ESTUDANTIL DE BIBLIOTECONOMIA/UFC E AO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ALUNOS	60

5.3 Analisando as questões abertas	61
5.3.1 ANALISANDO AS QUESTÕES ABERTAS	61
5.4 ANALISANDO AS QUESTÕES FECHADAS	64
5.5 CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES	81
5.5.1 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO – DSC DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS	83
5.5.2 TABULAÇÃO DOS DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVOS –DSC DOS PROFESSORES.	90
6 SUGESTÕES E CONCLUSÕES	95
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS	105
APÊNDICES	129

LISTA DE TABELA DAS QUESTÕES ABERTAS

Tabela 1 – Você considera suficientes os conhecimentos adquiridos nas escolas para sua aprendizagem na Universidade?	60
Tabela 2 – Você considera suficiente o tempo que dispõe para ler a maioria do material requerido pela Universidade?	61
Tabela 3 – O quê você considera como principal obstáculo para melhorar suas habilidades de leitura?	62
Tabela 4 – Que grau de influência a sua condição socioeconômica interfere nas suas habilidades de leitura?	63

LISTA DE TABELA DAS QUESTÕES FECHADAS DOS ALUNOS

TABELA 1 – Idade	66
TABELA 2 – Filhos	67
TABELA 3 – Residência própria	67
TABELA 4 – Estudou o ensino médio em	67
TABELA 5 – Mora com	68
TABELA 6 – Situação profissional do estudante	68
TABELA 7 – Remuneração-faixa salarial do estudante	69
TABELA 8 – Depende financeiramente do trabalho/estágio/bolsa para se manter na universidade?	70
TABELA 9 – Carga horária do trabalho/estágio/bolsa por semana	71
TABELA 10 – Qual é o nível escolar de seu pai	71
TABELA 11 – Qual é o nível escolar de sua mãe?.....	72
TABELA 12 – Renda familiar.....	72
TABELA 13 –Quantidade de pessoas que moram em casa.....	72
TABELA 14 – Quantas horas por dia dedica à leitura fora da universidade?	73
TABELA 15 – Você considera suficientes os conhecimentos adquiridos nas escolas para sua aprendizagem na universidade?.....	73
TABELA 16 – Você considera suficiente o tempo que dispõe para ler a maioria do material requerido pela Universidade?.....	74
TABELA 17 – Que tipo de leitura sente mais dificuldade de compreensão?	75
TABELA 18 – O que faz quando sente dificuldade na compreensão de leitura?	75
TABELA 19 – Que tipo de leitura sente mais facilidade?.....	76
TABELA 20 – Gosta de escrever?.....	77
TABELA 21 – O que gosta de escrever?.....	78

TABELA 22 – Freqüenta biblioteca?.....	78
TABELA 23 – Qual biblioteca freqüenta?.....	79
TABELA 24 – Com que finalidade freqüenta a biblioteca?	79
TABELA 25 – Costuma comprar livros?.....	79
TABELA 26 - Você considera que já escreveu algum trabalho de cunho científico?	80

LISTA DE QUADRO DAS QUESTÕES ABERTAS DOS PROFESSORES

QUADRO 1 - Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?	90
QUADRO 2 - Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?	91
QUADRO 3 - Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresentar, em sua visão, qual é a que você considera maior?	91
QUADRO 3.1 - Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?	92
QUADRO 3.2 - A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações?	92
QUADRO 4 - Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho e o estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?	93
QUADRO 5 - Saindo desse ambiente de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?	93
QUADRO 6 - Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?	94

**LISTA DE GRÁFICOS DOS QUESTIONÁRIOS SOCIOECONÔMICOS
FONECIDO PELA CCV/UFC**

GRÁFICO 1 – Ensino fundamental	124
GRÁFICO 2 – <i>Ensino médio</i>	125
GRÁFICO 3 – Escolha do curso	125
GRÁFICO 4 – Informações sobre o Mercado de Trabalho	125
GRÁFICO 5 – Participação na vida Econômica	125
GRÁFICO 6 – Qual a remuneração mensal em salários mínimos	126
GRÁFICO 7 – Quanto a Escolaridade do pai	126
GRÁFICO 8 – Quanto a Escolaridade da mãe	127

1 INTRODUÇÃO

1.1 SITUANDO O TEMA

A intenção de pesquisa deste estudo foi identificar até que ponto a situação socioeconômica interfere nas habilidades de leitura do estudante de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Um dos pressupostos do estudo é o de que, independentemente da origem social e econômica dos graduandos em Biblioteconomia, a leitura deve ser uma ferramenta para a sua futura atuação Profissional, por ser ela uma habilidade fundamental requerida na aprendizagem, como explicado por Marobin, citado por Carelli (1999, p.7), quando afirma que:

É através da leitura que o estudante constrói, ele mesmo, o próprio curso universitário. Na leitura crítica e constante, ele assume pessoalmente o processo de sua aprendizagem. Aprende a discernir, discriminar, organizar, coordenar, compreender, explicitar, caracterizar, formular, confrontar e interpretar, incorporar e assimilar os conteúdos apresentados.

Em uma sociedade como a contemporânea, a leitura é mais de que uma necessidade. Tornou-se um instrumento de comunicação indispensável para enfrentar o cotidiano, seja na escola, no trabalho ou em quaisquer outros ambientes. Vista como uma habilidade desenvolvida pelo ser humano e sendo uma de suas nobres capacidades, é algo externo a ele. Seu uso viabiliza o desenvolvimento de uma relação contínua, proporcionando facilidades e trazendo ao indivíduo vantagens, sob os mais diversos aspectos de sua vida. A leitura é, também, um ato social, devendo ser cultivada e desenvolvida desde cedo, com o estímulo da família e da escola.

No início do Século XIX, com a transição da economia agrária para industrial-urbana, o mundo conheceu um desenvolvimento econômico sem precedentes. O conhecimento foi explorado de tal maneira que tornou o domínio da informação uma via para a continuidade desse crescimento. Foi nesse cenário que o desenvolvimento de mão de obra especializada passou a ser uma exigência no mercado de trabalho mundial. Também nas diversas relações em que o homem foi o protagonista dele foi exigido uma ênfase na

aprendizagem da leitura e da escrita, houve uma maior cobrança do domínio cada vez maior dessas duas habilidades que se completam.

Durante esse período o letramento passou a representar uma linha divisória, representando um *status* social entre os que sabiam ler e escrever e os que não sabiam, fortalecendo, assim, o desenvolvimento de uma cultura letrada. No entanto, à medida que novas condições sociais passaram a demandar o uso da escrita e a sociedade foi se tornando cada vez mais grafocêntrica, uma nova necessidade se configurou: não mais satisfazia aprender a ler e a escrever; era preciso que os indivíduos compreendessem de modo mais profundo, analítico e dialogal, o que liam.

Kleiman (1989, p.33), por exemplo, considera a leitura como um indicativo fundamental para o desenvolvimento de uma nação. Descreve-a como um instrumento de poder que através dos tempos vem assumindo seu papel na sociedade, que é o de contribuir como decodificadora de signos. A autora entende e esclarece que a leitura deve ir muito além desse nível caracterizado como decodificador e junção de palavras, sílabas e frases que é necessário ao leitor, mas não é suficiente para que se estabeleça uma relação dialógica entre autor, texto e leitor. Percebe-a como processo interativo, construtivo, porque o desvendamento do que se lê se dá, simultaneamente, pelos diversos níveis de conhecimentos do sujeito-leitor, caracterizando-se, portanto, numa relação interacionista. Exemplifica essa interação como decorrente do domínio ortográfico, sintático-semântico, pragmático, enciclopédico, e outros conhecimentos prévios para ter acesso ao entendimento do texto escrito, construindo assim, nova aprendizagem a partir do conteúdo lido.

Para os estudantes universitários, a leitura deve ser uma habilidade instrumental para adquirir informação e processá-la na produção de conhecimento, a partir do qual se tornam aptos a elaborar seus textos científicos, ou seja, a gerar um novo conhecimento. É também um meio para aprimorar saberes antes adquiridos, assim como para perceber e refletir sobre a sociedade da qual fazem parte. Nesse estágio, a necessidade de o leitor-universitário ter o domínio das leituras consideradas volumosas e complexas faz-se presente de maneira acentuada. A relevância da leitura no contexto acadêmico é uma preocupação constante nas pesquisas de Carelli (1999, p.3), que também corroboram com as temáticas desta monografia:

(...) é durante o 3º grau que o indivíduo sente freqüentemente e com maior complexidade, a necessidade de ser um bom leitor, pois é solicitado um volume maior de leituras, como também as mesmas apresentam maior complexidade. Na Universidade freqüentemente a leitura é considerada como instrumento que o aluno tem pleno domínio, no entanto, na maioria das vezes isso não é real.

A Universidade é reconhecida como uma instituição produtora de conhecimento que possui mecanismos e recursos aptos a proporcionar construção de conhecimento. Para que seja possível a formação do alto nível desses profissionais, exige-se uma formação básica anterior à universidade, além de fluência na leitura e escrita da língua materna. Essa formação é de responsabilidade do ensino fundamental e médio, que deve capacitar os estudantes para que continuem avançando em seus conhecimentos, agora em um outro nível, na educação superior. No entanto, a precária condição da educação básica do ensino da rede pública já e conhecida de todos: suas carências e limitações inibem a possibilidade de muitos estudantes conseguirem chegar a este nível de conhecimento. Os professores com um alto nível de letramento têm a possibilidade de incorporar aos projetos, programas de extensão da universidade a preocupação de formar leitores proficientes. Pavão (2004, p.6) comenta que:

A universidade é apontada como um espaço propício à apreensão do *habitus* destas práticas, seus gestos e objetos que compõem um tipo de sociabilidade característico e que, por diversas razões, infelizmente, não se dá de forma satisfatória, ao longo dos ensinamentos fundamental e médio.

1.2 JUSTIFICANDO A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA

A motivação para a construção desta pesquisa cujo tema é ‘A relação entre o perfil socioeconômico e as competências de leitura, aprendizagem e produção de conhecimento dos alunos de Biblioteconomia da UFC’ iniciou-se nos primeiros semestres do referido curso. No momento em que a aluna-pesquisadora viu seu nome no jornal, obtendo a décima colocação para o Curso no qual hoje está se formando, sentimentos opostos se confundiram: a alegria de ter logrado êxito na aprovação do vestibular e a preocupação em ter que deixar de trabalhar para freqüentar as aulas na tão almejada Universidade Federal do Ceará. Esses e muitos outros obstáculos foram ultrapassados no decorrer da vida acadêmica da pesquisadora, mas um problema se sobressaía dentre os tantos que são comuns no cotidiano universitário. Talvez,

por ser um problema de raízes bem profundas, raízes que nasceram sob o solo de uma escolarização muito precária desde o ensino fundamental e médio: a falta de leitura.

A descoberta de que não se sabia ler na Universidade, as dificuldades de compreensão de leituras que, para a aluna-pesquisadora, assemelhadas aos enigmas, charadas e do dialeto científico, que só conseguiu causar um sentimento de confusão, além de se avolumar ao grande número de outras leituras exigidas pela academia; novas exigências; cobranças que o universitário deve atender para lograr êxito em sua carreira de estudante. Mas como entender, compreender, criticar, analisar leituras que requeriam outras mais, e sempre tendo que dividir o tempo de estudo com a carga horário do trabalho, condição que teria que atender para responder aos requisitos de aprendizagem da universidade? Como atingir os objetivos e sonho de profissional sem uma formação satisfatória no ensino fundamental e médio? Certamente um grande desafio a ser ganho por aquela que seria a primeira na família a conseguir adentrar pelos portões do ensino superior.

A partir desse momento, sentiu-se a necessidade de investigar se, e de que forma o fator socioeconômico interfere no processo de aquisição de aprendizagens e no melhor desenvolvimento acadêmico dos universitários do Curso de Biblioteconomia da UFC, partindo do processo de formação acadêmica tendo por base a competência da compreensão da leitura.

Concernente a essa mesma problemática, por exemplo, um artigo escrito por um grupo de pesquisadores da Universidade de São Francisco, em São Paulo, cujo título é 'Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica', ressalta que tem sido cada vez mais evidente a preocupação de pesquisadores, agências formadoras e governamentais em relação à integração do estudante à vida universitária e, em especial, quanto ao seu desempenho acadêmico de permanência ou evasão.

Considera-se como necessária a ampliação do conhecimento da Universidade sobre si mesma e sobre seus estudantes, de forma a garantir o cumprimento adequado de suas funções científicas e sociais. Nesse sentido, instrumentos de avaliação têm sido elaborados com o objetivo de caracterizar o estudante e verificar como suas experiências universitárias marcam seu percurso acadêmico. (SANTOS, *et al.*, 2004, p.2).

Um dos caminhos para se conhecer que tipos de profissionais estão sendo formados é a aproximação da realidade dos estudantes, ou seja, verificar se os estudantes universitários são leitores críticos, que dificuldades enfrentam no estudo da literatura exigida nas diversas disciplinas etc. Esta monografia tem como sujeitos de investigação os universitários de Biblioteconomia, com o objetivo de avaliar se são leitores críticos e se a proposta da Conferência Mundial sobre a Educação Superior no Século XXI (UNESCO, 1999), para que a universidade contemple um novo modelo de Educação superior centrado no estudante, está sendo desenvolvido pela Biblioteconomia da UFC.

Sua proposta visa um modelo que não se *satisfaz* somente com o domínio do conhecimento das disciplinas, mas que os estudantes possam também desenvolver competências e atitudes para a comunicação, análise criativa e crítica, à reflexão independente e o trabalho em equipe em contextos multiculturais. (GERBER *et al.*, 2006, p.08).

1.3 EVIDENCIANDO O PROBLEMA DA PESQUISA

Na Universidade Federal do Ceará, os ingressantes no Curso de Biblioteconomia, em sua maioria, são oriundos de escolas públicas, com um nível socioeconômico desfavorável. Podemos constatar tal afirmação em uma pesquisa feita em 2005 pelos integrantes do Projeto de extensão da UFC, 'Conexões de Saberes'. Apesar de ainda serem poucos os estudos que abordam a questão *Leitura versos* Universitários, tal fato constitui-se em mais um motivo para o engendramento desta pesquisa.

Considerando a estrutura social brasileira, o nível socioeconômico é uma variável de fundamental importância para estudos referentes à aprendizagem dos estudantes. O desempenho dos estudantes universitários deve-se a um complexo de causas que delimitam as peculiaridades deste fenômeno, dentre elas, a influência do baixo nível socioeconômico dos mesmos.

O perfil socioeconômico dos universitários revela que o curso de graduação é uma das poucas formas de ascensão social para os alunos de origem social desfavorável. Segundo a coordenadora do Projeto, Celecina Silva, a principal proposta do Projeto de extensão da

UFC, *Conexões de Saberes* é identificar o perfil dos novos estudantes, reconhecer as características socioculturais e econômicas, e incorporar esses alunos ao mundo acadêmico como protagonistas, e não como coadjuvantes.

Verificar a relação entre a compreensão de leitura (crítica-analítica), e a condição social e econômica dos estudantes de Biblioteconomia da UFC, torna-se, de certa forma, uma proposta monográfica que poderá subsidiar os objetivos do projeto de extensão “Conexões dos Saberes”, trazendo resultados que também deverão fundamentar os estudos e debates do Curso. Para a abordagem teórica e guia desta monografia, foram escolhidos estudiosos da leitura como Ângela Kleiman, Magda Soares, Ezequiel Silva, Eliane Yunes, Regina Zilberman, Dra. Ana Maria Sá de Carvalho, Dra. Fátima Portela Cysne e a Professora Ms. Rute Batista de Pontes, e outros estudiosos que se empenham em pesquisar a compreensão da leitura e a reconhecem como fundamental para a educação em todos os seus níveis.

Pretende-se com este estudo fazer uma análise sobre as influências causadas pela situação socioeconômica dos estudantes de Biblioteconomia nas habilidades de leituras e no seu desempenho acadêmico. Espera-se que este estudo possa contribuir para os professores conhecerem melhor o contexto em que estão inseridos seus alunos, para que os próprios alunos se sintam protagonistas dentro do Ensino Superior e busquem melhores condições de ensino-aprendizagem, e para que a universidade busque estabelecer um ambiente apropriado à integração e ao desenvolvimento do aluno, a fim de que possam ser minimizadas as dificuldades de compreensão acerca da leitura acadêmica.

Suspeita-se que a questão socioeconômica seja influente na vida dos alunos, no que se refere à aprendizagem da leitura, interferindo, assim, no seu pleno desenvolvimento acadêmico. Mesmo com uma pequena mudança do acesso ao nível superior, de pessoas oriundas de camadas economicamente menos favorecidas, o cotidiano desse universitário de origem simples pode sofrer interferências devido a sua condição social e econômica. Pesquisas estatísticas indicam que as diferenças de oportunidades educacionais, a renda das famílias, a educação dos pais e outras variáveis, como o tipo de escola que o jovem frequentou não serão ocorrências neutras em nenhuma etapa da vida acadêmica do estudante.

No sistema de educação do ensino superior, dentre tantos cursos e estudantes que a universidade abraça o acadêmico do curso de Biblioteconomia, compreendido como o futuro profissional da informação, tem a necessidade de desenvolver habilidades de leituras até mais do que alunos de outras áreas, pois é nela e por ela que serão possíveis os resultados satisfatórios de seu trabalho, como estudante e como profissional.

Para uma boa formação exige-se dos discentes de Biblioteconomia um vasto repertório intelectual, pois o mesmo poderá atuar em diferentes cenários cujo intercâmbio das informações se fará em diferentes formatos e conteúdos, sendo pela leitura que ocorre o processo de obtenção de novas aprendizagens. Santos (2005, p.02) explica que a leitura acadêmica condiciona atividades cognitivas e atitudes autônomas no que consiste o desenvolvimento da aprendizagem do discente.

A leitura na universidade requer dos estudantes interesse, conhecimento e tempo para pensar de diferentes maneiras. Como, geralmente, o objetivo da leitura é a compreensão do que as outras pessoas pensam, essa tarefa exige dos alunos uma visão crítica dos assuntos lidos, o que envolve tarefas de examinar, identificar, comparar, localizar, avaliar, selecionar e priorizar informações. Acrescente-se a isso as leituras chamadas de alto nível de conhecimento que requerem a conexão de idéias e de fontes de informação. (SANTOS, 2005, p.02).

Em 1985, Souza publicou os resultados de uma pesquisa para a qual utilizou como sujeitos de estudo os estudantes de 1º e 7º semestres do curso de Biblioteconomia de Santa Catarina UFSC. Entre as questões levantadas, perguntou-se sobre o conhecimento que os alunos tinham da Literatura específica e também de outras Literaturas, de caráter genérico. Os resultados foram desanimadores, demonstrando um índice de leitura muito baixo. Tal estudo não levantou as causas, as variáveis que se relacionavam a esta questão em particular. É intrigante e existência da apatia pela leitura e ou o não desenvolvimento de habilidades leitoras em um Curso *onde* uma das vertentes é a de formar leitores, cultivar e desenvolver o gosto pela leitura. Corroboram com esses resultados, as observações feitas por Macedo (1985), no se refere a sua formação:

Faltam aos bibliotecários brasileiros bases para desenvolverem a pesquisa em decorrência do tipo de formação que eles recebem no nível de graduação; começa a existir uma atividade de pesquisa, embora a temática seja limitada Em Ciência da Informação tem falhado no tocante à formação

de alunos habilitados a se expressar oralmente, e elabora trabalhos de idéias, a se desenvolver nas lidas da pesquisa e estudo de campo (MACEDO, 1985, p.56).

Nesse sentido, torna-se um agravante quando se trata do bibliotecário, pois, de acordo com Barros (1986), o bibliotecário que não lê se castra, consciente ou inconscientemente. Não avança, não promove conhecimento. Parece-nos paradoxal a imagem de um não-leitor ser um futuro bibliotecário. A leitura e sua compreensão devem fazer parte do perfil do profissional em Biblioteconomia, assim como todos os estudantes que freqüentam os bancos da universidade.

A leitura é um processo cognitivo que envolve muitas variáveis. Andréa Pavão (2004) defendeu, em sua tese de mestrado, um estudo que tem como título 'O papel da leitura e da escrita das camadas populares na universidade'. Neste trabalho a autora explica que ler não é um dom inato; é uma prática social exterior ao indivíduo, que vai ser interiorizada, viabilizada por ações públicas, pela família, pela escola, ao longo de sua vida. É sensato pensar que um estudante que teve pouco contato com livros durante sua formação anterior à universidade, pertencente a uma família não leitora, com maior ligação com o trabalho do que com a universidade, com pouco tempo dedicado aos estudos, torna-se um ávido leitor.

Um grande estudioso da área de Biblioteconomia, também professor, Francisco das Chagas de Souza (1983), sob a luz dessa questão, comenta que, se o futuro bibliotecário adquiriu vícios ou defeitos na sua formação de leitor durante o ensino médio e fundamental, deverá esforçar-se por corrigi-los durante sua formação universitária. Em face disso, o autor ressalta que o aluno deverá sempre ser receptivo ao conhecimento e ao uso de fontes secundárias de informação em seu campo, bem como a leitura regular, é fundamental na educação.

Sendo assim, deve a Universidade, bem como o curso de Biblioteconomia, levar em consideração o contexto de seus alunos, o modo como se dá o processo da leitura e de que modo os diversos tipos de fatores podem afetar sua permanência ou mesmo o seu desempenho acadêmico, desenvolvendo pesquisas como esta para analisar o impacto da variável socioeconômica na competência leitora dos estudantes de Biblioteconomia.

1.4 QUESTÕES NORTEADORAS

Considerando o exposto, foram elaboradas as seguintes questões de pesquisa:

- a) Qual a competência de leitura e o nível de desenvolvimento acadêmico dos estudantes de Biblioteconomia nos semestres: 1º, 2º, 5º e 7º da UFC?
- b) Circunstâncias socioeconômicas favoráveis ou desfavoráveis afetam a competência de leitura e o nível de desempenho acadêmico dos estudantes de Biblioteconomia da UFC?
- c) Quais as principais causas do mau desempenho em leituras críticas e analíticas por parte desses estudantes?
- d) Que métodos os professores adotam ao trabalharem a leitura de textos acadêmicos em suas aulas?

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Identificar e analisar o grau de intervenção da situação socioeconômica dos estudantes de 1º, 2º, 5º e 7º semestres do Curso Biblioteconomia da UFC na sua compreensão crítica de leitura para aprendizagem e no seu desenvolvimento acadêmico.

1.6 Objetivos Específicos

- a) Conhecer a situação socioeconômica dos estudantes de Biblioteconomia da UFC;
- b) Verificar o nível, a habilidade e a competência de leitura dos estudantes;

- c) Verificar quais as relações que podem dar-se entre o contexto socioeconômico e desenvolvimento de competências leitoras e de aprendizagem dos alunos de Biblioteconomia da UFC.

Os aspectos expostos tornaram-se um convite a se pensar, na hipótese de que a condição socioeconômica dos estudantes e as possíveis interferências em suas habilidades leitoras possam ser determinantes em seu desenvolvimento acadêmico.

No primeiro capítulo desse estudo estão explícitas: temática, problemática, as questões norteadoras, assim como os objetivos que guiaram à pesquisa. Encontram-se ainda nesta seção uma indicação inicial dos principais teóricos estudados para fundamentar a discussão do estudo, o tipo de estudo e a abordagem que foram utilizados.

O segundo capítulo discorre sobre algumas concepções de leitura, sua discussão no Brasil, e a leitura no ensino superior como uma condição fundamental para o bom desempenho do universitário. Ainda nesse capítulo, aborda-se a relação entre a leitura e os diferentes contextos sociais dos alunos, a história da leitura em contato com a história do leitor e os principais conceitos de compreensão de leitura na Universidade.

No terceiro capítulo são feitas algumas considerações sobre a Biblioteconomia e seus contextos, à luz de alguns teóricos dessa área, levando o foco da abordagem para o entendimento acerca do ensino da Biblioteconomia e o espaço que a leitura vem ocupando nessa área do conhecimento. A questão socioeconômica dos estudantes também é discutida como sendo um fator considerado na aprendizagem dos estudantes.

No quarto capítulo são descritos os procedimentos e instrumentos utilizados, e as razões pela escolha dos mesmos. A caracterização do campo de estudo, dos discentes e professores do curso de Biblioteconomia da UFC. Explica-se a abordagem utilizada, a teoria do DSC, que será explicado com maiores detalhes no mesmo capítulo, a análise do discurso do sujeito coletivo, assim como os instrumentos usados (entrevista e questionários).

No quinto e último capítulo encontra-se o relato do modo como foram coletados os dados e suas respectivas análises, finalizando-se a pesquisa com a conclusão a que se chegou e uma pequena contribuição dada em forma de sugestões da parte desse estudo.

2 A LEITURA

“Ninguém te sacudiu pelos ombros quando ainda era tempo. Agora, a argila de que és feito já secou e endureceu e nada mais poderá despertar em ti o místico adormecido ou o poeta ou o astrônomo que talvez te habitassem”.

Exupéry.

2.1 REFLEXÕES SOBRE A LEITURA

No grego, o pleno sentido de ler como sendo *legei* é colher, recolher, juntar, que o latim transformou-o em *lego*, *legis*, *legere*, denotando juntar horizontalmente as coisas com o olhar. Os latinos também usavam *interpretare* para ler, mas com um significado mais profundo, o de ler verticalmente, sair de um plano para outro, de forma transcendente. Apenas analisando etimologicamente o termo ler, já se pode vislumbrar a complexidade que carrega a palavra leitura. Ultrapassando a decifração de códigos, transformando-se em ponte instrumental *sine qua non* para a compreensão dos sentidos das palavras, frases, parágrafos, textos e seus contextos e pertinências, o sentido mesmo das coisas, que é o que torna possível a relação do homem com ele próprio, com seu semelhante, e dele com o mundo.

Eliana Yunes (2003) descreve o processo de ler como uma ação da descoberta; significa uma descoberta, mudar de horizonte, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Ler é, pois, interrogar as palavras, ampliá-las e duvidar delas. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar ou de inventar a vida. O ato de ler é um ato de sensibilidade e inteligência, e de compreensão e comunhão com o mundo.

Ainda no pensamento de Yunes (2003), o leitor deve estar disposto a aprimorar certas habilidades, a atender algumas condições, pois ler não é algo dado naturalmente ao homem; é construção o tempo todo, não é um ato simples. Ao se entender leitura como compreensão do que se lê, observamos as seguintes habilidades: capacidade de fazer proposições, identificar lacunas de informação, distinguir entre observações e interferências, raciocinar hipoteticamente e exercitar a metacognição.

A leitura se configura como um meio de aquisição do que se passa em torno do homem. É um ato social, e como tal, não deve ser encarada como ação fruto do desejo e do

esforço de um único indivíduo, mas como uma questão pública. Dessa forma, torna-se dever do estado incentivar condições adequadas para a formação de leitores, como já explicitado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, [...]. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão em que os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997, p. 53).

2.2 BRASIL: AINDA É UM PAÍS DE NÃO-LEITORES

No Brasil, até o Século XIX, a leitura foi privilégio de uma minoria. No Século XX e no atual já não se pode dizer o mesmo. Apesar de mal compartilhada, reconhece-se que é um direito de todos. O analfabeto não sabe ler nem escrever, e o iletrado funcional é incapaz de ler e escrever o mínimo necessário à vida profissional. Não consegue fazer uso da leitura nas mínimas atividades de seu cotidiano.

A leitura ou a sua falta constitui-se em um problema complexo e histórico em nosso país. Algumas ações de cunho político ainda não têm alcançado resultados efetivos no que diz respeito a uma formação de leitores no Brasil. O Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER, Viva Leitura, Fome de ler dentre outros, pretendem dar suporte à criação e ao financiamento de bibliotecas e editoras, a formação de multiplicadores de leituras, trabalhando para que o prazer de ler seja um hábito pertencente à vida dos brasileiros.

Ezequiel Silva (1983) afirma que, com raras exceções em pontos isolados do processo histórico brasileiro, não houve a preocupação em se desenvolver uma política honesta que promovesse o homem brasileiro em toda a sua plenitude. Afirma ainda que os bens culturais, no Brasil, têm uma distribuição injusta, restringindo-se às elites. As classes trabalhadoras se encontram em desvantagem para produzir e expressar suas idéias porque não tiveram o direito de ser leitoras.

É provocador o fato de que mesmo no momento atual, em que o desenvolvimento econômico de um país esteja tão intrinsecamente ligado ao grau de instrução de seus moradores, a qualidade do ensino prestado nas escolas públicas do Brasil ainda é um grande empecilho para a geração de riquezas e tecnologias, fazendo com que o Brasil aumente seus laços de dependência com países ricos que já acordaram para a questão da educação nacional.

Segundo o UNESCO (2002), citado por Cool (2004), aproximadamente 80% da população mundial (algo em torno de cinco bilhões de pessoas) vive atualmente nas linhas de pobreza. Nessas zonas, além de assim se caracterizarem, concentram-se a maior parte das pessoas analfabetas, cujo número se cifra em torno de um bilhão. Deste modo, pode-se observar a co-relação existente entre pobreza, baixo índice de escolarização e elevadas taxas de analfabetismo.

No que consiste a situação nacional relativa à distribuição da renda, o Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional, elaborado em 2003, pelo Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, indica que nos lares com rendas equivalentes a mais de dez salários mínimos a taxa de analfabetismo é de apenas 1,4 % , enquanto nos em que a renda é menor que um salário mínimo, é de 29 % . (COOL, 2004, p.18).

2.3 O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO E SEU DESEMPENHO ACADÊMICO: UMA QUESTÃO DE LEITURA

A intenção de pesquisar a leitura no ensino superior, é a de abordá-la a partir de sua compreensão construída pelos universitários, classificada, nesse estágio acadêmico, como leitura crítico-analítica, que exige um nível de letramento bem elevado e que, no mais das vezes, não é o que ocorre entre os estudantes de alguns cursos, como os de Biblioteconomia, sujeitos desta pesquisa, levando-se em conta que ambos, tanto o tipo de leitor – os universitários – como a leitura crítico-analítica constituem-se em realidades extremamente complexas, permeadas de subjetividades.

A graduação tem início com o ingresso dos estudantes em uma instituição de nível superior, no mais das vezes através do vestibular. Nessa etapa é exigido do vestibulando muito estudo que requer, paralelamente, muitas leituras. Todavia, o nível de exigência é muito mais para responder a questões pontuais, de múltipla escolha, mais comum a estudos dirigidos, característica de cursinhos preparatórios para responder às provas objetivas. Nesse momento de preparação para o vestibular não há muita diferença do tipo de leitura que lhe foi exigido nos níveis da educação fundamental e média, o sentido real do processo de leitura não foi explorado.

O volume e complexidade da leitura na academia, a compreensão e a própria produção textual que lhe é solicitada são completamente diferentes do que o estudante estava acostumado a desenvolver ao longo de onze ou mais anos de estudo em sua trajetória escolar. O que se observa é que há uma lacuna muito grande entre esses dois momentos de estudo, antes e durante a universidade. A qualidade da educação do ensino fundamental e médio terá seus determinantes em grandes proporções de dificuldade no ensino superior, pois o novo universitário precisará interagir com os conhecimentos adquiridos anteriormente para projetar sua aprendizagem nesse novo estágio de conhecimento.

Percebe-se, por parte de pesquisadores e órgãos governamentais da área da educação superior, uma preocupação quanto à integração efetiva do estudante universitário, que um olhar especial é dirigido ao desempenho dos estudantes oriundos de universos muito diferentes do ambiente acadêmico. Vendramini et al (2004, p.3) esclarece que “o estabelecimento de um ambiente acadêmico e social apropriado à integração e ao desenvolvimento do aluno não será suficiente se não for percebido por ele como um contexto propício e como oportunidade de construir experiências.” Entende-se que há de se atentar para o comportamento e atitudes dos estudantes, quais as possibilidades reais que possuem de aprender no espaço acadêmico, e de que forma se dá essa interação do aluno na universidade de forma que e de que forma se dá a interação do aluno na universidade, possibilitando uma avaliação de seu desempenho.

Na busca desse conhecimento devem ser incluídos estudos não apenas concernentes às condições objetivas, mas às próprias características pessoais, subjetivas dos alunos, porque também influem no desenvolvimento das requeridas habilidades acadêmicas.

No estudo realizado por Vendramini *et al* (2004, p.4), cujo objetivo era avaliar a vida acadêmica, a percepção do estudante sobre a vivência universitária, incluindo aspectos de natureza pessoal, interacional e contextual. Dentre as várias dimensões que esse estudo contemplou, destacam-se as condições externas, mas familiares, para relacioná-las com as questões guias na construção dessa pesquisa: “[...] esta dimensão reflete a necessidade que o estudante tem de conciliar as atividades acadêmicas e as vivências externas, advindas do mundo do trabalho, relacionamento afetivo e família, condição de moradia, transporte e custeio dos estudos.”.

Nota-se uma preocupação dos pesquisadores em conhecer quem é o estudante universitário fora dos muros das Instituições de Ensino Superior (IES), quais suas reais condições de vida, suas potencialidades, suas limitações no contexto de aprendizagem. Há consensos que o conhecimento da vida do estudante fora da universidade pode fazer-se entender o seu comportamento frente às atividades acadêmicas.

Nadir Zago (2006) é uma das poucas pesquisadoras que estuda as questões não só de acesso como também de permanência de estudantes universitários que pertencem a um nível socioeconômico desfavorável. Em 2006 a pesquisadora de Pós-Graduação de Santa Catarina escreveu um artigo que retrata a problemática do acesso e de permanência das camadas populares ao ingressar no ensino superior, ressaltando que não se deve esquecer das políticas de permanência desses estudantes. Caso contrário, todo o esforço para reduzir o distanciamento entre estudantes oriundos de escolas públicas e universidade pública poderá ser em vão.

A estudiosa lembra que já faz parte do senso comum afirmar que as políticas públicas voltadas para a educação básica não têm contribuído para garantir um ensino de qualidade. Enfatizando que não se pode esquecer que são esses alunos filhos de uma educação sem qualidade que estão configurando o novo perfil dos universitários. Estudos como esses indicam os caminhos para responder à pergunta: o desempenho acadêmico desses alunos com histórico escolar pouco competitivo, terá possibilidade de ser qualificado mesmo com esse prejuízo escolar anterior à universidade?

2.3.1 A relação entre universitários oriundos de camadas populares com a leitura acadêmica

Como dito na seção anterior, o intento ao se falar sobre a leitura é trabalhar com a idéia de compreensão do que se lê, ou seja, entender como se dá o processo de construção de significados, essa relação dialógica com o texto que, particularmente nesse caso, trata-se da leitura crítico-analítica por parte dos universitários, principalmente aqueles estudantes que são frutos de uma escolarização não muito qualificada na educação básica. A preocupação toma proporções mais abrangentes devido à constatação infeliz, ressaltada por poucos estudiosos que se empenham na questão do que vem sendo observado sobre a desenvoltura e aprendizagem de muitos universitários:

Há pesquisas descrevendo deficiências de linguagens, inadequação das condições de estudo, faltam habilidades lógicas, problemas de produção de textos que acabam comprometendo o desempenho acadêmico do universitário, por que dele se espera que seja capaz de integrar as novas informações e conhecimentos que recebe na universidade ao seu universo pessoal. (MERCURI, *apud* SAMPAIO; SANTOS, 2002, p.32).

Quando as questões de leitura não são resolvidas no tempo da educação básica, esse problema será ampliado na universidade, pois a leitura se tornará mais complexa e as exigências acadêmicas bem mais rigorosas. Ou seja, **no** mais das vezes, os universitários ainda estão no nível da aprendizagem da leitura e não do seu domínio, requisito de estudos mais analíticos, tendo em vista que a escola não deu conta do letramento e do desenvolvimento das habilidades de leitura, mesmo em níveis básicos, de sua responsabilidade. Nesse cenário o professor acadêmico vê-se diante de um desafio: trabalhar conteúdos pertinentes ao nível da academia e ao mesmo tempo trabalhar questões referentes à compreensão básica de leituras que não foram trabalhadas na educação de níveis fundamental e médio.

Sabemos que o trabalho com a linguagem e, conseqüentemente, o ensino da leitura nas escolas brasileiras vai de mal a pior, eis por que é imprescindível o estabelecimento e a expansão do chamado espaço de contradição dentro das escolas e das aulas de leitura, afim e se defrontar posturas e metodologias esclerosadas e inócuas. (ORLANDI, 1998, p.114).

Eni Puccinelli Orlandi é uma das maiores estudiosas do Brasil sobre a questão da leitura, reconhece as falhas do seu ensino na educação básica. Lança um olhar crítico para os métodos que muitos professores trabalham nas salas de aula, procedimentos esses que em nada contribuem para o aprimoramento da leitura com os alunos. Nas palavras de outros estudiosos do assunto como Pedro de Sousa (1998), à época da repressão política no País, sanar as deficiências de leitura e da escrita acarretadas no 1º e 2º graus era questão *si ne qua non* de uma política de libertação concluindo-se que educação é mesmo uma problemática social. Talvez isso evidencie uma intenção de despertar uma consciência crítica mais aguçada por parte dos universitários daquele período político.

Um dos objetivos desse estudo é identificar se há relação entre a compreensão de leitura e a possibilidade desta estar relacionada diretamente ou não à situação social e econômica dos universitários, especificamente os estudantes de Biblioteconomia da UFC. Antes de nos aprofundarmos mais sobre essa relação específica, esta seção se deterá um pouco sobre as definições e /ou concepções de leitura:

[...] um processo mental de apreensão e compreensão abrangente do conteúdo sobre os quais o leitor realiza atividades de interpretação e produção de sentidos, discutindo com o autor do texto a partir de seu próprio contexto, de suas motivações e propósitos de leitura. (MELO 1983; ANTUNES, 1987; MOLINA, 1992; KLEIMAN, 1996 *apud* SAMPAIO, 2002, p.01).

O trabalho de leitura é, em grande parte, um processo de produção de sentido do qual o texto participa mais como um conjunto de obrigações do que como estrita mensagem. A partir de então, podemos poder mostrar que as inferências inerentes ao ato léxico apóiam-se mais sobre a capitalização cultural específica de cada leitor do que sobre a aprendizagem escolar de uma técnica de decifração. (CHARTIER, 1996, P. 37).

Jouve (2002) descreve a leitura como uma atividade complexa, que se desenvolve em cinco direções: como um processo neurológico (sendo necessário funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro), cognitivo (após a leitura ocorre uma conversão de palavras e grupos de palavras em elementos de significação que supõem um importante esforço de abstração), afetivo (em razão do volume de emoções que a leitura provoca, pois a recepção do texto recorre à capacidade reflexiva do leitor), argumentativo (indiferentemente do tipo de texto, o leitor sempre será interpelado, obrigando-se a assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida) e simbólico. (COSTA, 2006, p.43).

Aceitando-se a idéia de que compreender algo é resultado da atividade mental por parte do sujeito que utiliza informação externa, é fácil entender que o sujeito não armazena a informação tal como a recebe, mas a transforma pelas ligações que faz com os conhecimentos que já possui conhecimentos prévios, elaborando um novo conhecimento. O entendimento de do que se lê, também é pode ser condicionado pelas estratégias de leitura que o sujeito deve desenvolver, assim explica Pellegrini, citado por Costa (2006, p.07).

Pellegrini (1996) destaca que as habilidades de leitura devem ser selecionadas e usadas conforme a exigência da situação de leitura, constituindo assim estratégias de leitura. Entende-se como estratégia de leitura o modo como às habilidades são usadas, ou seja, o plano ou abordagem elaborado pelo leitor que permite a compreensão do texto, as estratégias caracterizam-se por serem planos flexíveis que os leitores usam, adaptados às diferentes situações e não por procedimentos mecânicos e inflexíveis.

A leitura é entendida na contemporaneidade como um ato de compreensão que envolve o contexto do interlocutor e do leitor. Em se tratando de leitores universitários, estudos e pesquisas realizadas demonstram que as primeiras compilações sobre o programa de desenvolvimento de habilidades acadêmicas (leituras, redações, estratégias de estudos) com universitários americanos evidenciou que: “Os estudantes despreparados geralmente são aqueles que tiveram pouca ou nenhuma experiência escolar agradável nas atividades de leitura e redação e as encararam de modo relutante”. (SAMPAIO; SANTOS, 2002, p.32).

O que se pode admitir é que a leitura e a escrita são os principais indicadores para se verificar o desempenho do estudante em sua aprendizagem como discente. Pesquisas de cunho sociológico começam a voltar suas atenções para a questão da leitura na universidade, a entender o processo de leitura antes mesmo do início da graduação. Universitários oriundos de classes sociais menos favorecidas normalmente apresentam uma condição de vida bastante limitada, além de uma trajetória escolar com muitos obstáculos vencidos. Ao ingressarem em uma universidade, esses estudantes podem ser chamados de vitoriosos por conseguirem concluir um curso de nível superior. No entanto, a permanência e a conquista do sucesso acadêmico ainda não estão garantidas para os vitoriosos universitários, já que um longo caminho de leituras deve ser trilhado desde a aprovação no vestibular até a conclusão da graduação.

Mesmo sem recursos econômicos significativos, depois de muitas tentativas frustradas, resultadas de uma insuficiente educação escolar anterior, ao alto grau de concorrência, uma parcela quase anônima, dentre tantos estudantes que integram o sistema de educação pública no Brasil, mesmo diante do quase impossível, existe uma mobilização que os impulsiona a seguir em frente.

[...] chegar a esse nível de ensino nada tem de natural, mesmo porque parte significativa deles, até o ensino fundamental e, em muitos casos, ainda no ensino médio, possuía um baixo grau de informações sobre o vestibular e a formação universitária (ZAGO, 2002 *apud* ZAGO, 2006, p.06).

As informações fornecidas pela pesquisadora contribuem para o entendimento de quem são esses estudantes, filhos da educação pública: serão eles protagonistas nas universidades que escolheram para estudarem? Sobre o papel dos cursos preparatórios para o vestibular, Zago (2006) considera que esse tipo de comércio contribui para a elitização do ensino superior. Revela, ainda, que a origem social exerce forte influência no acesso às carreiras de mais prestígio dentro das universidades. De modo global, a escolha por uma carreira significa ocultar questões centrais como a condição social, cultural e econômica da família e o histórico de escolarização do candidato.

O desempenho dos universitários está relacionado a inúmeras variáveis contempladas basicamente nas seguintes dimensões: formação acadêmica anterior, interação com os ambientes universitários tais como grupos de pesquisas, programas de extensão, uso da biblioteca, escolha do curso, desempenho acadêmico, habilidade, condições pessoais e externas de estudo ambientes universitário.

Quando o estudante está inserido em uma situação em que tem de conciliar estudo e leituras com atividades externas, como se caracteriza seu desempenho como leitor? A leitura na academia demanda investimento de tempo por parte do estudante, autodisciplina e o aprimoramento de muitas habilidades anteriores ao ato de ler, sendo ao mesmo tempo condição *sine qua non* o seu sucesso como estudante, pois a forma do ensino-aprendizagem dá-se principalmente por meio da leitura. Pode-se facilmente relacionar desenvolvimento acadêmico e as questões ligadas à falta de leitura num ambiente acadêmico.

[...] várias pesquisas apontam as deficiências de compreensão e o escasso hábito de leitura entre universitários como responsáveis, em grande parte, pelo baixo desempenho acadêmico desses alunos, já que a escolarização em nível universitário pressupõe uma considerável quantidade de trabalho intelectual, compreensão e expressão de conteúdos complexos (SAMPAIO; SANTOS, 2002, p. 32).

Contemporaneamente sabe-se que a finalidade da leitura tem como principal pressuposto a compreensão da intenção do que autor quis dizer. E na universidade percebe-se com maior tenacidade essa exigência como condicionante da construção de um novo conhecimento (mesmo que alguns autores só considerem tal fato na pós-graduação). Sobressai nesta situação a figura do leitor, pois se o mesmo apresenta um alto grau de dificuldade para entender a mensagem, construir e desconstruir discursos dados, corre-se o risco de o mesmo perder-se no texto. “[...] muitas vezes as dificuldades que o aluno tem para desempenhar o significado do texto são tão agudas que o papel do locutor se esvazia” (KLEIMAN, 1989, p. 40).

2.4 COMPREENSÃO DE LEITURA NA UNIVERSIDADE

A leitura para muitos teóricos, a partir do modelo em que se estuda, pode ser definida e caracterizada sobre vários ângulos. Alguns modelos como os modelos ascendentes que consideram a leitura um processo linear e hierarquizado indo de processos psicológicos primários (juntar letras) a processos cognitivos de ordem superior (produção de sentido). São modelos que pressupõem o leitor fluente o indivíduo que domina bem o processo de decodificação. E este, “o bom leitor”, é o que se utiliza de seus conhecimentos prévios. Os modelos interativos de leitura defendem que o leitor utiliza simultaneamente e em interação capacidades de ordem superior e capacidades de ordem inferior:

[...] em ambos os produtos, objetivo é o mesmo, obter significado do que está escrito, embora através de processos de sentido oposto. No primeiro caso o acesso direto ao livro é feito mediante uma abordagem holística, que exige conhecimento do contexto [...]; no segundo, o leitor utiliza um processo analítico, seguido de reconstrução de uma cadeia de grafemos (VIANA, 2002, p. 87-88).

É explicado que para os modelos ascendentes, a leitura teria como princípio operações perceptivas sobre os grafemas e terminaria nas operações semânticas, sendo as correspondências grafo-fonológicas a única via de acesso ao significado da mensagem escrita. Nos modelos descendentes, a leitura seria um processo de identificação global das palavras partindo de antecipações léxico-semânticas, sintáticas e hipóteses produzidas.

Nesse avanço significativo sobre o estudo da leitura, o modelo interativo representou um novo olhar na compreensão de leitura. Kleimam(1989) entende a leitura numa dimensão interativa, pois o mesmo envolve modelos centrados no texto como no leitor, combinando aspectos psicológicos e sociais dos interlocutores, observa que as novas idéias interativas obtiveram grande grau de especificidade em decorrência dos estudos nas áreas da psicologia cognitiva.

Outra estudiosa sobre leitura Kato (1995) analisa a postura de alguns autores que começam baseado nesse modelo interativo, a focar além das intenções dos autores aceitando as inferências do leitor. A leitura nesse momento, passa ser o resultado da interação entre leitor e autor. Os autores se preocupam menos no que o autor do texto diz e observa ao que os leitores possam compreender ou inferir sobre o texto. Nessa dimensão discursiva, em que o foco é a construção de significados da leitura desenvolvida pelo aluno é que o interesse desse estudo recai.

Lencastre, (2003) descreve o processo de compreensão da realização de textos escritos pode ser definido como um processo construído a partir da interação de dois grandes grupos: do leitor e do texto. O autor explica ainda que leitores possam interferir sobre o texto tendo como referência o próprio conhecimento de mundo, das relações do cotidiano, experiências e vivências de cada um dos indivíduos. A contribuição que o leitor trás para o texto no ato da leitura pode determinar o grau de sua compreensão. A existência da experiência como leitor, ou não, é importante na construção de significados, mas não é determinante na visão de alguns autores:

O efeito do conhecimento prévio do domínio da compreensão do texto em geral é um tema mais controverso do que se pensa: dependendo do objetivo da leitura [...] o conhecimento prévio deve também proporcionar como um plano de evocação de informações (LENCASTRE, 2003, p. 224).

Portanto, são inúmeras as variáveis que estão envolvidas nesse processo de compreensão da mensagem escrita. Partindo da definição de Lencastre (2003), sobressai a variável que compõe as características dos leitores, sua capacidade cognitiva, suas estratégias de leitura, suas intenções.

Orlandi Puccinelli em seu livro denominado 'A leitura e os leitores', (1998) mostra a leitura na perspectiva discursiva. A autora vale-se dos pressupostos teóricos da análise do discurso francesa. De forma sucinta, ela explica que interpretar é atribuir sentidos; compreender é produzir sentidos, através da exposição à materialidade dos processos de significação presente no texto. A autora acredita não só quem escreve, mas também quem ler produz sentidos, em sua própria condição sócio-histórica.

Na universidade o estudante depara-se com um novo momento em sua vida. Nesse estágio deverá considerar a leitura acadêmica como um gênero textual cujas características consistem na construção conceitual específica. É concebível que o professor deva fazer o cortejo entre o texto acadêmico e o leitor, tornando esse novo relacionamento o mais amigável possível.

É um erro ignorar as deficiências de leituras no 3º grau, ou seja, na academia. Pois o modo de transmissão, recepção e avaliação dos programas de cada disciplina é feito, em geral, através da leitura e compreensão de textos. Existem alunos universitários que ainda não conseguem por vários motivos anteriores a universidade, desenvolverem habilidades e estratégias de leitura, de forma que tais deficiências implicam em uma incompreensão dos textos acadêmicos.

O modo como acontece o processo da leitura na universidade, dentre o número variado de cursos com muitas diferenças e poucas semelhanças. Basicamente a forma de ensino/aprendizagem se estabelece mediante a leitura de textos, artigos científicos em que o aluno deve se posicionar após feita às leituras dos mesmos. A questão compreensão leitura nesse momento torna-se subjetiva, pois como são várias as recepções que cada um fará sobre

um mesmo texto, as habilidades, estratégias de leitura se constituem como possibilidades de entendimento do que se lê.

Uma vez que esses alunos não sejam trabalhados de forma especial, tais grupos podem ficar as margens do processo de aprendizagem acadêmico. Alargando as diferenças dentro da academia: alunos habilitados a trabalharem com textos científicos, filosóficas, pesquisadores, e aqueles que ainda não conseguiram desenvolver tais habilidades.

Um artigo publicado pela revista *Diálogo Educacional de Curitiba* (2006). cujo foco recai sobre a questão das desigualdades do acesso e de permanência dos alunos que historicamente vêm sendo excluídos do ensino superior. Maria Lourdes Gisi (2006), a autora do artigo, uma doutora em educação, denuncia características desse sistema de educação quando diz que:

No *Senso da Educação Superior de 2003*, que indica a existência de uma crescente defasagem entre o número de concluintes e ingressantes. Verifica-se, ainda, que o percentual de estudantes oriundos do ensino médio feito em escolas públicas é maior entre os ingressantes do que os concluintes, tanto nas IES públicas como nas privadas (GISI, 2006, p. 105).

Quando estudantes com diferentes trajetórias escolares adentram a universidade, possíveis problemas não solucionados terão projeções bem maiores em sua aprendizagem. O mesmo senso citado pela autora acima, mostra que “há mais ingressantes pobres na graduação do que concluintes”. Perceber uma desigualdade que acompanhou toda a vida do estudante, inclusive influenciando em seu desempenho acadêmico, relacionado à sua classe social e permanência acadêmica.

3 BIBLIOTECONOMIA E OS SEUS CONTEXTOS

“[...] Não fazemos viagens e deslocamentos físicos, mas buscamos entre nós mesmos e em nós mesmos reconhecer a dimensão da diferença e da diversidade cultural.” (VELHO 1981).

3.1 ENTENDENDO A BIBLIOTECONOMIA

Em artigo publicado Galvão (1993, p.102), pode observar algumas explicações à luz do entendimento de alguns teóricos acerca da Biblioteconomia, antes de falarmos do ensino do Curso: Biblioteconomia não possui base teórica constituída de acordo com os padrões científicos [...] é apenas um conjunto de normas e consenso construídos durante anos. Figueiredo citado por Galvão (1993, p.07).

É defendido que o conhecimento biblioteconômico se apresenta como um produto acabado e, assim, em área tão dogmática, pouco se cria, raramente se inova e ousar é proibido (GALVÃO, 1993, p.102). No entanto, Shera citado por Galvão (1933, p.103), afirma que a Biblioteconomia não tem chegado a um estudo de desenvolvimento suficientemente avançado para que possa estabelecer um conjunto de noções gerais.

Há consensos que essas atribuições ou pensamentos a respeito da Biblioteconomia como do Bibliotecário ainda está num processo de mudanças, não totalmente desvinculados da imagem estereotipada criada no passado. A redefinição da área é um fato diante de tantos acontecimentos na Ciência e na sociedade. Em muitos casos, o esforço para reverter à imagem da profissão, não tem alcançado resultados em curto prazo, mas o entendimento como a função da Biblioteconomia atual requer mudanças e inovações para seu desenvolvimento como Ciência.

O entendimento de Biblioteconomia hoje difere do passado pelos inúmeros motivos relacionados a um contexto mais amplo do que o nacional. Dentre as várias mudanças em que o mundo globalizado está sofrendo ressaltamos as que às novas tecnologias da informação e da comunicação alteram a noção de valor agregado à informação e

consequentemente nas atividades ligadas a Biblioteconomia como, o registro, a recuperação e o acesso da informação.

Segundo Reynolds citado Galvão (1993, p.101) elucida que no passado a maioria das escolas de Biblioteconomia ensinava aos estudantes a natureza das bibliotecas e os serviços relacionados à mesma. Quanto à função social da área a professora Cysne (1993, p.15) afirma que hoje pensar Biblioteconomia como prática social e educativa ainda está muito longe de ser consenso de quantos fazem o curso de Biblioteconomia.

O cenário atual em que a informação é um produto, um bem comercial, o volume de informação tem-se um processamento automático, estratégias de buscas automatizadas, à distância e o tempo entre a fonte de informação e seu destinatário não são tão importantes, pois o monitoramento, o uso e a avaliação da informação são facilitados e o seu registro acontece um custo relativamente baixo. O profissional da informação dentro desse contexto sente a necessidade de se ajustar às novas exigências da sociedade pós-moderna. Mas, será essa a realidade dentro das instituições de ensino que formam esses profissionais para esse mercado descrito acima? O acompanhamento por parte dos Cursos Superiores de Ensino acontece no mesmo ritmo das mudanças fora da academia?

Na universidade o próprio exercício da atividade bibliotecária, transformando tal área em corpo sem espírito, em uma profissão cuja filosofia é confinada dentro dos estreitos limites de um pobre e defasado código de ética. Urge tentar-se a redefinição da área, um aprofundamento através do desenvolvimento de uma real teoria da Biblioteconomia (a partir de uma análise de suas bases filosóficas e sociais) e do estudo de áreas afins, em seus pontos de interseção com a Biblioteconomia. (GALVÃO, 1993, p.109).

A reflexão que o autor nos convida a fazer não deve ser confinada as salas de Coordenações e Chefias de Departamentos nas universidades. A apatia dos alunos deve dar lugar a ação e reflexão da imagem da área pelo que parece ainda não definida. As turmas que ultimamente estão concluindo os mais diversos Cursos de Ensino de Biblioteconomia no Brasil possuem um perfil jovem, com potencial para produzir conhecimentos, estudos e modifiquem o *status quo* da área. E quem é esse Moderno Profissional da Informação? Em que bases científicas e filosóficas, técnicas, e humanísticas está se formando? A quem irá beneficiar seu trabalho?

Uma primeira incursão na abundante literatura a respeito leva a caracterização de profissionais como interprete de cenários da informação, vendedor de serviço da informação, administrador da informação, provedor é facilitado da transferência da informação, tomador de decisão, ponte informacional, processador da informação e tantas outras, refletindo concepções de gerências, de agregação de valor, de geração de um novo produto, e de organização e socialização do conhecimento. (Guimarães, 2000, p. 54).

E ao que se refere à Biblioteconomia, no tocante ao campo profissional, na área da Ciência, a que veio? Para onde está caminhando?

[...] a Biblioteconomia é também uma prática social e nela o que pode haver de científico virtualmente não são apenas os procedimentos ditados pelas normas técnicas e administrativas, mas também o conhecimento histórico das formas de atendimento ao usuário e ainda ao conhecimento do próprio usuário em sua vasta complexidade. (SOUZA, 2003, p.40).

Entende-se que o olhar do bibliotecário tem que dar conta dos diferentes eventos que permeiam a leitura, situações de caráter educativo, pois o profissional da informação também pode ser um educador. O fato de que a Biblioteconomia ter como missão, como bem explica a professora de Biblioteconomia da UFRGS, Iara Conceição Bitencourt, o estudo e a produção de conhecimentos em relação aos aspectos conceituais, teóricos e metodológicos, tecnológicos do processo de geração, de gestão e de tratamento e de disseminação da informação, sendo a leitura a ferramenta básica para o bibliotecário. Afirma ainda que:

Saber ler é condição *sine qua non* para que o estudante do curso de graduação em Biblioteconomia possa vencer os desafios do currículo, bem como aqueles decorrentes do exercício profissional [...]. Neste caso dela irá se valer tanto para ler a biblioteca na qual atua e o campo de saber no qual se insere, como também para mediar à leitura dos usuários a quem irá atender. (NEVES *apud* BENOTTO, 2007, p.26).

Como se pode observar a autora entende que a leitura é a pedra fundamental para a formação e o exercício da profissão do bibliotecário. Defende que para o estudante de Biblioteconomia, a leitura deveria estar presente em todas as disciplinas de todas as etapas do currículo do curso de graduação como estratégia de uma prática pedagógica direcionada para a construção de conhecimento mesmo enquanto estudante.

No mesmo pensamento queremos reforçar o espaço da leitura na formação e atuação do bibliotecário trazendo um estudo de 1998, mas ainda pertinente, da Professora de Biblioteconomia da UFC, Rute Batista de Pontes (UFC), Else Benetti Marques Vallo (PUC de Campinas). O estudo provoca discussões a respeito da leitura não somente na dimensão profissional, mas também na dimensão humana. A visão de um bibliotecário por parte da sociedade, mas não como um usuário de biblioteca. Essa preocupação por parte das autoras torna nítida na seguinte indagação: “Como, então, esperar um fazer profissional, sem o devido preparo intelectual, cujo modo mais acessível e de retorno certo e permanente nesse sentido, é a leitura?” (PONTES; VALLO, 1998, p. 48). No entanto, essas questões são alvos muito recentes de preocupação no Brasil quanto mais na área em questão, a Biblioteconomia.

A habilidade da leitura escrita é intrínseca para formação cultural, social e profissional dos acadêmicos e não poderia ser diferente aos estudantes de um Curso que tece uma relação tão íntima com a leitura em suas mais diversas facetas, como o de Biblioteconomia. As universidades entendem essa questão como fundamental para o desenvolvimento dos alunos, para a construção de conhecimento e para cumprir seu papel com primazia. E para isso vem tomando atitudes e articulando ações que minimizem o impacto de uma suposta situação ainda não resolvida entre o estudante e a leitura, sua compreensão, no sentido de compreender, identificar, inferir, racionalizar e observar todo o contexto informacional que está à sua volta no qual o mesmo deve atuar de forma ativa.

[...] há uma insatisfação generalizada dos professores universitários, referente ao nível de desempenho de leitura dos alunos, o que gerou a criação de cursos de recuperação, em língua portuguesa, inserindo esses cursos na grade curricular do curso básico. Tal fato, segundo SILVA, ocorreu em diversas Universidades, tais como: PUC/SP, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Estadual do Ceará etc. Esse despreparo dos alunos universitários, ainda, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular [...]. (MOURA; MATSUDO; ANDRADE, 2001, p.03).

3.2 O ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA

Ao se referir sobre a preparação profissional do bibliotecário nos Cursos de Educação Superior no Brasil, Souza é enfático e crítico no que diz respeito aos modelos de ensino-aprendizagem dos alunos:

[...] ensina-se ao aluno do curso de graduação em Biblioteconomia de um único modo, sob um único currículo, como se a realidade fosse a mesma, e funcionasse do mesmo jeito em todo e em qualquer lugar [...], os bibliotecários se deparam com casos que exigem adaptação do aprendizado à realidade concreta e passam a observar que o ensino formal de Biblioteconomia pode ser insuficiente para sua intervenção mais criativa em muitas situações. (SOUZA, 2003, p.34).

Segundo o autor, o ensino de Biblioteconomia no País já é praticado há mais de cinquenta anos, no entanto o bibliotecário fruto desse ensino desconexo com a realidade social a qual faz parte, ainda não compreendeu a dimensão do seu papel social. O que se percebe são atitudes e comportamentos racionalistas e passivos em consequência de um ensino atrasado e infrutífero por parte das Instituições de Ensino Superior do Curso de biblioteconomia do Brasil.

Russo citado por Cysne (1993, p.56) faz uma retrospectiva dos acontecimentos brasileiros ligados ao ensino da biblioteconomia, abrangendo um período que vai de 1915, início do primeiro curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional, até 1965, após a regulamentação da profissão através da Lei 4084/62, e aprovação, pelo Conselho Federal de Educação, do primeiro Currículo mínimo para os cursos no País. Tal estudo nos explica os diferentes momentos e as principais mudanças que foram ponderadas no ensino da Biblioteconomia no País.

3.2.1 Estudante de Biblioteconomia e o seu contexto de aprendizagem através da leitura

Entender o espaço que a leitura ocupa no processo de ensino-aprendizagem do curso de Biblioteconomia é necessário para se visualizar a formação de um profissional apto a exercer suas funções no mercado de trabalho. Exige-se dele o entendimento não só das leituras de seus conhecimentos específicos como também entender a *inter*, a *trans* e

multidisciplinariedade que é peculiar ao curso de Biblioteconomia. O modo como acontecem as aulas, os instrumentos metodológicos, as leituras poderiam nos fornecer pistas como está o nível de leitura dos alunos e quais seus principais fatores de interferências que implicam no sucesso ou não dessa prática.

Contudo, numa pesquisa citada por Souza (2003, p.111) em uma grande universidade do País constatou que:

A leitura é considerada pelos estudantes como o instrumento mais importante no seu processo de aprendizagem e foi obviamente, rejeitada. Para os estudantes as aulas práticas, estágios e atividades envolvidas em bibliotecas são os recursos mais importantes [...] as anotações de aula são os recursos mais importantes para os estudos [...] há alunos que não lêem absolutamente nada do que foi indicado pelos professores em sala de aula durante todo o curso.

A precariedade da leitura na vida acadêmica dos estudantes de Biblioteconomia é fato que deixa uma contradição com um dos propósitos de sua formação que é de colaborar para formação de leitores, como uma prática social. Os estudantes universitários em geral, precisam dominar as habilidades de leitura, pois a formação em nível superior está para a construção de conhecimento e sem aquela essa não é possível. É curioso entender como será atuação de um profissional em Biblioteconomia, atuando em bibliotecas, centros de informações em que a leitura assume uma importância fundamental não apenas como uma ferramenta de trabalho, mas como ponte para aquisição de novos conhecimentos na sua formação profissional.

Guimarães (2000, p.57) traça uma das possíveis habilidades que o bibliotecário no âmbito educacional pode desenvolver que é o apoio à atividade de pesquisa de profissionais em outras áreas. É interessante ressaltar da necessidade do próprio bibliotecário atuar como pesquisador para desenvolvimento de sua área para que a mesma não venha a obscurecer-se. A falta de pesquisas científicas na área é inconcebíveis, dado todos os recursos de aprendizagem da mesma que o bibliotecário aprende enquanto estudante. No entanto, parece que a pesquisa ainda não é uma realidade nessa área tão precária de leituras como bem informou Francisco das Chagas (2003) em pesquisa realizada na UFMG sobre leituras dos

cursos de graduação em Biblioteconomia em relação à leitura, constatou-se a precariedade da mesma, por parte dos alunos, essas são decorrentes de vários fatores de ordem social.

[...] finalmente, ainda que imperceptível para muitos, o atual isolamento acadêmico é marcante. Verificam-se nos relatórios anuais do CNPq sobre financiamento à pesquisa, nos últimos anos pouquíssimos recursos foram demandados e carreados para a pesquisa em Biblioteconomia. (SOUZA, 2003, p.47).

A leitura assume a forma de instrumento imprescindível para a ocorrência de novas aprendizagens no ensino superior. E Pode-se através de seu reflexo entender o desenvolvimento do estudante. Conhecer a realidade de vida do estudante do aluno através da leitura pode ser um caminho obscuro, dado o fato dos escassos estudos à respeito no nível e das habilidades de leitura dos universitários. Na Biblioteconomia em particular, torna-se nebulosa a visão dessa realidade, pois tão próximas dos livros, das bibliotecas e tão necessária no pleno exercício das atividades intrínsecas à sua função como ter a leitura distante desses alunos?

Quanto à origem da classe social, observa-se, que salvo um número não muito grande de exceção, o bibliotecário advém dos estratos da classe média. Em períodos em que predomina a presença de membros do estrato baixo da classe média, entre candidatos ao curso, o que ocorre é o reflexo de uma geral carência de leitura e, portanto, de uma limitada formação de leitor. (SOUZA, 2003, p.34).

O que podemos observar através da análise feita pelo autor, a existência de poucos formandos em Biblioteconomia que têm uma relação íntima com a leitura decorrente de uma trajetória de vida sem muitas oportunidades de contato com a leitura em que as habilidades da mesma não foram desenvolvidas e são evidenciadas na formação de um curso superior com todas suas desvantagens na aprendizagem de outros conhecimentos via leitura.

O baixo nível socioeconômico dos universitários pode interferir na formação leitora dos mesmos. Pode-se aceitar em que o sistema escolar público em que a leitura é pouco valorizada, pela inexistência de bibliotecas e pela ausência de professores estimuladores da leitura.

Procurar o entendimento de fatores que estimulem, dificultem, viabilize ou não o desenvolvimento de habilidades de compreensão de textos escritos, textos críticos dos mais diversos que o aluno universitário ligados à sua área ou não é uma tarefa complexa, difícil de encontrar respostas objetivas. Por ser do âmbito das subjetividades, assunto tão transversal que adentra áreas do conhecimento como a Educação, Psicologia e a Sociologia. O foco da questão deve ser claro e os objetivos a serem alcançados serão os guias desse estudo. No entanto, necessário se faz, nesse momento a explicação mínima de alguns interferentes no ato da leitura no âmbito individual:

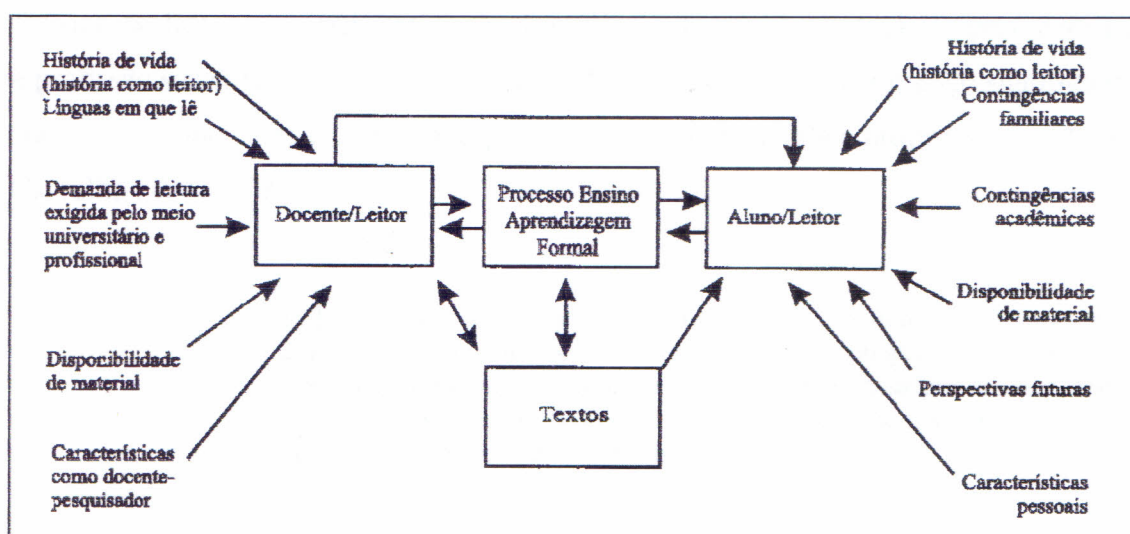


Figura 1 - Fatores que influenciam no processo da aprendizagem através da leitura.
Fonte: Witter (1997, p.86).

É possível inferir algumas considerações sobre o quadro acima: O entendimento sobre o contexto do qual o aluno, o estudante, o sujeito - leitor viveu, vive contribui para se fazer um juízo de sua leitura. Fatores e situações do âmbito familiar podem interferir contribuindo ou não para possibilidades de vivências com textos não somente escritos, mas textos culturais que contribuem para o entendimento daquele e vice e versa.

O âmbito das subjetividades é contemplado com a existência de características pessoais do sujeito, disposição, anseios, vontade e esforço para conquista do conhecimento em todos os sentidos. A característica do curso do qual o aluno faz parte também é um fator relevante, que leituras são trabalhadas, que matérias são acessíveis, as metodologias alcançam os objetivos traçados pelo corpo docente? São condicionantes importantes para se iniciar uma apreciação do nível de compreensão crítica por parte de nossos alunos.

3.2.2 LEITURA E O ESTUDANTE DE BIBLIOTECONOMIA DA UFC

Na recente publicação feita pela Associação Brasileira de Educação de Ciência da Informação (ABECIN) e a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) a professora da disciplina Teoria e Prática da Leitura (Curso de Biblioteconomia da UFC), Ana Maria Sá de Carvalho, fala sobre a importância desta disciplina que passou a ser obrigatória desde o 1º semestre de 2006 devido ao bom desempenho dos discentes após terem participado da citada disciplina. A professora explica que a expectativa da disciplina é formar bibliotecários protagonistas de uma profissão sustentáculo da sociedade atual. A leitura parece ocupar espaço significativo na formação dos alunos, desse curso em especial, pois como bem fala a professora Ana Maria de Sá Carvalho (2007, p. 77):

[...] o registro da comprovação da avaliação, acima, fica a cargo dos ex-alunos que são os maiores incentivadores dos colegas para se matricularem nessa disciplina, com o discurso de quem não passa por ela fica com uma falha na formação profissional; daí muitos deles se inscreverem na mesma após concluírem o curso de Biblioteconomia.

E quem são esses estudantes que driblam as carências do acervo da Biblioteca de Humanidades¹? Sobre a relação que os estudantes do curso de Biblioteconomia da UFC mantêm com a leitura a professora comenta: “Outras dificuldades emergem escassez de tempo para estudo, considerados que os alunos, na sua maioria, já têm seu emprego ou estágio remunerado, dificuldades com a leitura como consequência do ensino básico.” (CARVALHO, p.89,2007).

Ainda na referida obra, encontra-se um outro estudo realizado por três pesquisadoras do curso de Biblioteconomia da UFRS. O estudo visou traçar um panorama do emprego da leitura nas disciplinas que constitui a área da Biblioteconomia. O que se observou é que a leitura é entendida pelos professores desta área, como sinônimo de construção do conhecimento, de reflexão sobre os fatos e teorias, não apenas, como mera reprodução de conteúdos.

¹ Biblioteca em que se encontra o acervo que deveria atender as necessidades do curso de Biblioteconomia da UFC.

Um dos pontos considerados pelas pesquisadoras foi a questão da elaboração de resumos, com uma forma de perceber o nível de compreensão desses alunos no processo da leitura que envolve a abstração de significados relevantes, síntese e análises das informações dentre os textos trabalhados em sala e aula.

[...] no que tange à atividade de elaboração de resumos, com vista a avaliação de conhecimentos, pode-se considerá-las sob dois aspectos: um primeiro aspecto refere-se à atividade de compreensão e síntese[...].Um segundo aspecto se constitui em uma das competências específicas do bibliotecário e, portanto, por seguir regras próprias que são ensinadas no decorrer do curso, a sua prática freqüente levará a um melhor desempenho do futuro profissional.(FERREIRA;BENOTTO; DER LAN,2007,p.94-95).

Nas palavras das pesquisadoras percebe-se que o uso da leitura na e para formação do bibliotecário é vital. A síntese ou análise de um conteúdo dependerá da compreensão da mesma.

O uso da leitura no curso de biblioteconomia pode assumir várias faces a depender do objetivo que se propõe alcançar. Como modo de elucidar a questão pode-se exemplificar a leitura técnica no caso do processo de indexação (identificação dos elementos necessários à sua representação), a leitura informativa (a leitura tem a função de um elemento facilitador no uso de catálogos e códigos, CDD, CDU, CCAA), a leitura analítica em que o estudante vai abstrair idéias relevantes e significativas do conteúdo analisado, a fim de sintetizá-las. Tais atividades não serão possíveis de serem realizadas sem um domínio de leitura, denunciando seu nível de compreensão.

3.2.3 A QUESTÃO SOCIOECONÔMICA

A questão socioeconômica é usada de maneira indiscriminada por muitos que se atrevem a falar sobre a conjuntura econômica do País. A expressão é usada de maneira indiscriminada, mas sabe-se que ela trata das variáveis macroeconômicas como a inflação, renda, distribuição de renda, desenvolvimento econômico, crescimento econômico, nível de emprego, fatores esses que interferem diretamente na vida das pessoas, trazendo modificações em suas condições de vida que se refletem na sociedade como um todo.

O padrão socioeconômico das famílias repercute nas condições de saúde, nutrição, moradia, higiene, saneamento básico e possibilidades de escolarização dos estudantes. As comunidades mais pobres são servidas, em muitas cidades brasileiras, por sistemas escolares com recursos escassos e professores com treinamentos limitados.

Os sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman introduziram o conceito de *capital* na análise social para se referirem não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural e social. Esse termo da área econômica foi utilizado pelos dois autores no estudo das desigualdades escolares, como metáfora para falar das vantagens culturais e sociais que indivíduos ou famílias possuem e que, geralmente, os conduzem a um nível socioeconômico mais elevado. (CAZELI, 2005, P.03).

Segundo o dicionário Aurélio (2004), o termo socioeconômico é referente a fatores sociais e econômicos e sua inter-relação na vida de um indivíduo ou em uma determinada sociedade.

Não há consenso sobre como aferir o nível socioeconômico relacionado à aprendizagem ou resultados dessa. O que se concorda é que o nível socioeconômico deva incluir indicadores de renda, educação e prestígio educacional dos pais. O nível socioeconômico dos universitários é um fator que tem possibilidades de impactar na sua formação, pode ajudar ou dificultar a aprendizagem do aluno.

Segundo Svalastoga ao citar Alvarenga (1973, P.03), as tentativas para a mensuração de status têm girado em torno de um ou mais dos quatro critérios básicos de estratificação, ou seja: status social, status econômico, status educacional (informacional) e status político². Os três últimos critérios são freqüentemente considerados mais específicos que o primeiro o que leva à introdução, em medidas de status geral de itens particularmente relacionados aos status econômico e educacional.

É bastante conhecida a distinção realizada por WEBER entre as três dimensões da sociedade: a ordem econômica, representada pela classe; a

² As classificações ocupacionais são consideradas como equivalentes ao status social.

ordem social, pelo status ou estado (stand) e a ordem política, pelo partido. Cada uma dessas dimensões apresenta uma estratificação própria: a econômica representada pelos rendimentos e pelos bens e serviços de que o indivíduo dispõe; a social, pelo prestígio e a honra que desfruta; e a política pelo poder que ostenta. (ALVARENGA, 1973, p.04).

Percebe-se que esse julgamento considera a estratificação como resultante não somente de uma dimensão econômica, mas também de uma hierarquia de status, fenômeno social. Para WEBER, uma classe (dimensão econômica) apresenta-se como certo número de pessoas que tem em comum uma ou mais causas de oportunidade de vida.³

No pensamento de Bourdieu o capital econômico (diferentes fatores de produção), assim como dinheiro, patrimônio, (bens materiais) permite que indivíduos e grupos elaborem estratégias para manter ou melhorar sua posição social.

³ Discorrendo a respeito do significado de oportunidade de vida Gerth ; Mills (1970) citado por Alvarenga(1973), incluem: "tudo, desde a oportunidade de permanecer vivo durante o primeiro ano após o nascimento, até a oportunidade de apreciar as Belas Artes, a oportunidade de permanecer saudável, adquirir boa estatura e, se doente, recuperar rapidamente a saúde; a oportunidade de evitar transformar-se num delinqüente Juvenil, e, o que é decisivo, a oportunidade de completar o curso secundário ou superior".

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Curiosidade, criatividade, disciplina e especialmente paixão são algumas exigências para o desenvolvimento de um trabalho criterioso, baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade.”

Mirian Goldenberg (2007, p. 36).

A ciência não é obra de um roteiro de criação totalmente previsível. Assim sendo, não há apenas um modo de entendimento capaz de dar conta do complexo mundo das investigações científicas.

A convivência de quase quatro anos com colegas, amigos, professores e funcionários do Curso de Biblioteconomia da UFC podem viabilizar vivências de momentos ímpares. As referidas vivências forneceram a matéria fundamental para que fosse edificada esta produção científica. São relatos de aprendizagens, de esperança, angústias, dúvidas, superação e de medos, sentimentos que são comuns na vida de um universitário, desde o momento de sua aprovação em vestibular até sua saída da universidade, uma trajetória cheia de desafios a serem superados ou não.

Neste capítulo descreve-se o caminho, as dificuldades, os instrumentos e os métodos, local, sujeitos da pesquisa, escolhidos para dar êxito a essa pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Ao iniciar a pesquisa fez-se uma investigação bibliográfica sobre leitura. Um mundo tão amplo, tão cheio de facetas que sua delimitação dentro de uma perspectiva da aprendizagem de adultos, especificamente de universitários, as correntes teóricas que estudam além dos aspectos da leitura do texto e da estrutura cognitiva do leitor. As escassas publicações sobre leitura para além do lúdico, infantil, se limitam aos manuais de metodologias da pesquisa que não contemplam as questões pertinentes a este trabalho. Grande parte da literatura sobre leitura acadêmica que foi encontrada era estrangeira o que limitou um pouco, a pesquisa pelo fato de a aluna-pesquisadora não dominar o idioma, no caso, a língua inglesa.

No entanto, os artigos científicos publicados em revistas eletrônicas brasileiras foram essenciais para o estudo, as abordagens atuais e interdisciplinares só enriqueceram o estudo. A compreensão de leitura no meio acadêmico e suas interferências para construção de conhecimento é um assunto atual, dado que somente nos últimos anos, essas características de produzir conhecimento enquanto estudante em nível de graduação, de trabalhar e compreender diversos tipos de leituras e a exigência de um alto grau de entendimento e até de domínio são características de um período muito contemporâneo e de um momento em ascensão nas universidades brasileiras.

Alguns autores que constituíram o aporte teórico, sem os quais seria impossível conceber esta monografia: Ângela Kleiman, Magda Soares, Ezequiel Silva, Eliane Yunes, as teorias de Regina Zilberman, a Professora Ana Maria Sá, Professora Dra. Fátima Portela. Prof.Dr.Francisco das Chagas dentre outros Professores, Mestres e Doutores que ainda não são conhecidos em outros campos de conhecimentos, não por falta de empenho e de trabalho, pelo contrário, ricos e precisos estudos com olhares singulares da questão da leitura acadêmica e seus condicionantes.

4.1.2 A Abordagem

A metodologia da pesquisa foi fundamentada no método de abordagem exploratória por se caracterizar como pesquisas que são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, a cerca de determinado fato. (GIL, 1995, p.45). Foi feita uma pesquisa documental por se entender a necessidade de obter fundamentos teóricos a partir de questões já levantadas por outros estudiosos.

Julgou-se necessária a utilização da abordagem do método A.D.C - **Análise do discurso Coletivo**, pois como sustentam Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcante Lefèvre citados por Lira (2007), tal abordagem permite que os indivíduos se expressem livremente, produzindo discursos. Lira (2007, p, 60) explica que este método permite o resgate do imaginário social sobre um dado tema. Na técnica do DSC esse imaginário adquire a forma de um painel de discursos, que reflete o que é possível pensar em uma dada coletividade sobre determinado assunto. Ainda de acordo com estes autores, através do DSC o pensamento

individual ou coletivo é reconstruído durante o processo de investigação com uma fala na primeira pessoa do singular. Para a elaboração do DSC foram utilizadas as seguintes figuras metodológicas:

Expressões-CHave (ECH): ‘ são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, [...] que revelam a essência do depoimento’ (LEFÈVRE; LEFÈVRE, *apud* LIRA 2003, p.17). Assim, as ECH funcionam como prova das Idéias Centrais e das Ancoragens.

Idéia Central (IC): ‘ nome ou expressão lingüística que revela e descreve, da maneira mais sintética, [...], o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH, [...]’ (LEFÈVRE; LEFÈVRE, *apud* LIRA 2003, p.17).

Ancoragem (AC): ‘manifestação lingüística de uma corrente de pensamento à qual o sujeito reconhece como válida para representar uma realidade, seja ela uma ideologia, teoria ou crença’ (LEFÈVRE; LEFÈVRE, *apud* LIRA 2003, p.17). Assim, as ancoragens são teorias ou ideologias nas quais o sujeito se apóia para manifestar seu pensamento.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): ‘é um discurso síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas Expressões-Chave que têm a mesma Idéia Central ou a Ancoragem’ (LEFÈVRE; LEFÈVRE, *apud* LIRA 2003, p.18). O DSC agrupa os discursos semelhantes e complementares dos sujeitos em um só discurso para representar o pensamento coletivo. (LIRA, 2007, p.60).

Um maior aprofundamento neste método não foi possível dado o pouco tempo disponível para a pesquisa.

4.1.3 Caracterização do campo

A pesquisa foi realizada com alunos pertencentes ao 1º, 2º, 5º e 7º semestres do Curso de Biblioteconomia da UFC. O motivo da escolha destas turmas foram os seguintes:

- a) O primeiro semestre pelo Novo currículo a disciplina novas tecnologias da informação passa ser obrigatória é uma disciplina que demanda a compreensão de autores e teóricos como Maturana, Freud, Edgar Morin dentre outros em que sua análise, posicionamento crítico e compreensão constituem-se em uma tarefa complexa pose-se até mesmo dizer difícil dada a inexperiência de muitos alunos com este tipo de leitura;

- b) No segundo semestre os alunos sentirão mais facilidades em expressar suas dificuldades e ou facilidades no que diz respeito à leitura acadêmica e ou ao seu desempenho acadêmico e estarem cursando a disciplina Teoria e prática da leitura que trata de questões sobre a aprendizagem da leitura e da leitura na aprendizagem;
- c) No quinto semestre se acentuam, ainda mais, as exigências em leituras científicas. Neste semestre, os graduandos de Biblioteconomia têm maior contato com textos de cunho científicos para escreverem um projeto de pesquisa, na disciplina Metodologia da Pesquisa Científica quando elaboram um anteprojeto de sua futura monografia, reunindo, assim, todas as faculdades que um trabalho científico exige;
- d) No sétimo semestre os alunos estão em momento de produção de sua monografia, dada à disciplina Monografia II. E muitos deles terão que dividir o tempo entre as cinco disciplinas obrigatórias e o estágio ou trabalho.

O pesquisador é uma pessoa que deseja conhecer aspectos da vida de outras pessoas. Estas, como todos os grupos humanos, têm seus próprios valores que podem ser muito diferentes dos valores dos pesquisadores. Em cada turma escolhida será feita a observação de suas atitudes de leitura, compreensão, criticidade, dificuldades e facilidades frente aos textos trabalhados pelos professores em sala de aula, mediante aplicação do questionário composto de perguntas abertas e fechadas nas turmas supracitadas.

4.1.4 Instrumentos metodológicos

Recorreu-se, neste estudo, a duas modalidades de tratamento de informações: quantitativa e qualitativa. Uma parte dos dados e informações provém de questionários semi estruturados aplicados aos alunos em todas as turmas da amostra (1º, 2º, 5º e 7º semestres do Curso de Biblioteconomia da UFC) e entrevista aberta com os professores desses alunos.

Os questionários foram respondidos por 67 alunos, sendo 14 alunos do primeiro semestre, 24 do 2º, 16 alunos do 5º semestre e 13 do 7º semestre. Cada questionário consta quarenta e quatro questões divididas em questões abertas e fechadas, são pertinentes ao perfil socioeconômico dos discentes em Biblioteconomia, assemelhando-se ao já utilizado pela CCV quando do ato da inscrição do vestibular. Referem-se ao nível de compreensão, afetividade e interesse da leitura acadêmica. Para se aproximar da situação socioeconômica dos alunos, procurou-se construir questões que se referiam sobre a renda familiar, trajetória escolar do estudante, grau de instrução dos pais, o tipo de relação com a leitura, dificuldades de aprendizagem, e outras questões que se julgaram necessárias.

Os questionários foram aplicados em sala de aula, no início da aula foi solicitada a permissão dos professores e em seguida era fornecida a explicação do propósito do questionário. Foram três dias consecutivos para aplicá-los nos quatro semestres. No momento da aplicação do questionário na disciplina Teoria e Prática da Leitura, por coincidência, o assunto em pauta tratava-se coincidentemente aprendizagem à luz da teoria de Vigostsky e Baktin. O posicionamento, as indagações, as justificativas do não entendimento dos textos que leram por parte da sala, a intervenção da professora que estava à frente da disciplina, foram observadas e somaram-se a análise deste estudo.

Os questionários possibilitaram a elaboração de um quadro para as análises das diferentes categorias de perguntas e facilitou a análise das respostas dos estudantes. Tal procedimento permitiu o entendimento de uma visão mais clara e específica dos sujeitos pesquisados.

Foi observado que os alunos sentiam-se inibidos em se identificar nos questionários. Quando os mesmos eram informados que era opcional a identificação com os nomes, sendo necessário escrever apenas o semestre, um clima de relaxamento foi perceptível, eles ficaram mais a vontade em escrever. O medo de se identificar era nítido, um deles até confessou: “[...] nem a idade quero colocar, pois sou o mais velho de todos, se escrevo minha idade, os professores vão saber quem sou e não quero isso. Prefiro o anonimato, pois posso escrever o que realmente penso”. Muitos que já tinham escrito seus nomes no questionário apagaram logo depois que foram avisados não ser obrigatório.

A maioria dos pesquisados reclamou do número de perguntas, se mostravam indispostos a responderem principalmente as perguntas das quais eles tinham que justificar.

Dessa forma, foram necessárias explicações a respeito do que significava cada pergunta foram necessárias em todas as turmas e observou-se também, que as dificuldades de entender as perguntas se repetiam sempre nas mesmas perguntas: A pergunta nº. 17, que questionava a respeito do tempo dedicado à leitura fora da universidade e dentro da universidade e a pergunta referente à relação leitura/situação socioeconômica. Por exemplo, com relação à interferência socioeconômica nas habilidades de leitura, dois ou três chegaram a expressar oralmente: “não tem nenhuma ligação uma coisa com a outra”.

Em média, o tempo gasto para responder todo o questionário foi de 10 a 20 minutos. Alguns alunos não queriam responder no momento, queriam mesmo era responder em casa. Foi necessário explicar a urgência, pois a data para terminar todo o trabalho estava próxima para eles atenderem o apelo e sempre com a ajuda da professora que estava em sala de aula que reforçava o apelo. Algumas perguntas estavam sem opções de respostas para determinados alunos, por exemplo: a média salarial estava com todas as opções acima de 01 salário mínimo e muitos são bolsistas tendo como remuneração o valor de 200 reais, ou seja, menor do que o mínimo nacional.

4.1.4.2 Questionários aplicados pela CCV/UFC

Os questionários Socioeconômicos aplicados pela Universidade Federal do Ceará nos vestibulares dos anos 2005 2006 e 2007⁵ respondidos pelos classificados para o Curso de Biblioteconomia, também constituíram – se conteúdo para se aproximar do objeto de pesquisa que hora se estuda. Tais informações foram concedidas por intermédio de um ofício enviado à Comissão Coordenadora do Vestibular (CCV) em nome do Departamento de Ciências da Informação, do qual o Curso de Biblioteconomia cujo curso faz parte e todo o procedimento descrito foi sob a responsabilidade da orientadora desta monografia.

⁵ Os modelos dos questionários encontram-se em anexo a este estudo.

4.1.4.3 *As entrevistas com os professores*

Entrevista é a obtenção de informações de um entrevistado, sobre determinado assunto ou problema. A entrevista pode ser: padronizada ou estruturada, (roteiro previamente estabelecido), não padronizada ou não-estruturada (não existe rigidez de roteiro).

Para se aproximar do que se deseja conhecer ou pesquisar os caminhos são variados, alguns são mais curtos outros bem mais longos, exige-se um fôlego a mais, a experiência ajuda bastante. Buscou-se assim, alternativas nas técnicas e instrumentos de pesquisa para acurar as informações para melhor compreender e /ou retirar as dúvidas e questões motivadoras deste estudo. Considerou-se necessário, também, ouvir o outro lado da história os professores. Saber como eles avaliam o nível de leitura de seus alunos, que fatores consideram determinantes e limitantes, saber quais os procedimentos que propiciam melhores níveis de leitura e aprendizagem ou desempenho acadêmico o que sabem sobre o contexto social e econômico dos discentes enfim ao entrevistá-los poderíamos saber qual a visão dos professores, dentro de um contexto acadêmico, acerca dos que serão os futuros bibliotecários do Ceará.

As perguntas foram bem diretas, claras e objetivas.⁶ Foram oito perguntas dirigidas a quatro professores (dos alunos participantes desta pesquisa) e com vasta experiência, (três são Doutores e um Mestre). Os professores escolhidos são todos os professores dos mesmos alunos que responderam aos questionários. Todos se mostraram confortáveis e seguros para falarem de um assunto tão íntimo para eles: leitura. A experiência em pesquisas e elaboração de projetos tão comuns nas atividades em que exercem: professores pesquisadores deixaram o momento da entrevista bem mais prazeroso do que falar sobre temas que não mantêm intimidade do cotidiano. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas para melhor qualidade na análise, as mesmas se encontram na íntegra em anexo a esse estudo.

As conversas informais com os alunos pertencentes a diferentes semestres enriqueceram e contribuíram para entender o posicionamento dos mesmos no que toca a

⁶ O roteiro das entrevistas encontra-se em anexo a este estudo.

questão da aprendizagem, compreensão de conteúdos dados em sala de aula enfim ao seu desempenho como acadêmico. Fora da sala de aula o estudante retira todas as máscaras, se mostra como estudante e é possível chegar mais próximo de seu mundo, a percepção de certos comportamentos e posicionamentos torna-se mais ou menos nebulosas.

As conversas e bate-papos com muitos professores até mesmo de outros cursos, a experiência em sala de aula, com toda a estrutura de uma universidade pública interferindo, limitando ou contribuindo para a aprendizagem dos alunos de uma maneira direta ou indireta. Todo esse momento de trocas, de confissões não se pode negar a sua importância, mesmo que anônima, para este estudo.

5 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

“[...] o legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores pertence realmente (embora seja formalmente oferecido a todos) aos que detêm os meios para dele se apropriarem, quer dizer, que os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais (ao lado das satisfações simbólicas que acompanham tal posse) por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los”. (BOURDIEU, 2003, p. 297).

5.1 COLETA DOS DADOS

A leitura e a análise dos dados coletados foram iniciadas pela elaboração de um relatório parcial de campo, no qual foram registradas as primeiras impressões da pesquisadora e, depois, discutido em reunião de orientação para uma contextualização inicial das informações obtidas a consolidação da monografia.

Nos próximos itens serão abordados alguns aspectos relativos à receptividade ou reação dos sujeitos à pesquisa, resistência e dificuldades dos alunos quanto à leitura ou ao entendimento das perguntas do questionário da pesquisa, dados que, também, foram tomados no conjunto das análises de competência de leitura e desempenho acadêmico.

Foram aí considerados os registros referentes às coletas dos dados quantitativos e qualitativos e, ainda, os que resultaram das observações e análises subjetivas realizadas pela estudante-pesquisadora, de acordo com o conteúdo e formato sugeridos pela metodologia desta pesquisa e roteiro de relatório parcial, o que não impediu variações quanto à composição e nível de detalhamento dos relatos, que fez com que o tamanho do relatório-base desta monografia ficasse bastante volumoso.

Sendo assim, os resultados foram analisados quantitativamente e qualitativamente, e serão apresentados e discutidos a seguir. O discurso dos professores e o dos alunos (perguntas abertas) como foi falado anteriormente, será analisado baseado em uma abordagem da Análise do discurso do sujeito Coletivo - DSC. Em alguns pontos se assemelha e em outros

tamanho reduzido da amostra da pesquisa não foi considerado necessário o uso de sistemas de maior aptidão como o em *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), que possibilita a construção de uma base de dados a partir da amostragem de uma determinada pesquisa.

Os dados coletados por meio dos questionários com os alunos e entrevista aos professores. Para a organização sistemática dos dados, as informações foram utilizados planilhas do MS Excel e editor de texto do MS Word. Dado o tamanho reduzido da amostra da pesquisa não foi considerado necessário o uso de sistemas de maior aptidão como o em *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), que possibilita a construção de uma base de dados a partir da amostragem de uma determinada pesquisa.

A análise das respostas dos alunos através dos questionários foi dividida em análise das respostas fechadas e análises das respostas abertas. Nas questões de múltipla escolha (questões fechadas) as respostas foram analisadas com a ajuda dos gráficos e a obtenção das percentagens das respostas. A análise das respostas abertas dadas pelos alunos foi organizada em forma de painel de acordo com a perspectiva da abordagem da análise do discurso coletivo (ADC).

A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2000), uma metodologia de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos a partir de recortes de falas dos alunos pesquisados, consiste em apresentar os resultados sob a forma de um ou vários discursos-síntese, escritos na primeira pessoa do singular, expediente que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse o emissor de um discurso.

5.3 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO PERFIL ESTUDANTIL DE BIBLIOTECONOMIA/UFC E AO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ALUNOS

5.3.1 Analisando as questões abertas

Tabela 1

Você considera suficientes os conhecimentos adquiridos nas escolas para sua aprendizagem na Universidade?

1º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] a base não é voltada para a universidade, à falta de incentivo para a leitura. [...] O conhecimento que recebi foi muito restrito não acredito no ensino da escola pública. [...] fiz supletivo [...].</i>	70,08%	Consideram o ensino médio e público das escolas públicas como precário e insuficiente para sua aprendizagem na universidade.
<i>Sim, tive uma boa base para minha aprendizagem aqui na universidade [...].</i>	14,6%	A escola deu uma base para a aprendizagem;
Não justificaram	14,6%	
2º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos		Idéias centrais
<i>[...] as escolas estão mais interessadas em vestibular do que na formação do aluno [...]. [...] aprendi apenas para o vestibular.</i>	25%	Consideram que as escolas se preocuparam em capacitá-lo apenas para o vestibular.
<i>[...] O que aprendi na escola é diferente do que estou aprendendo na universidade; Falta uma ligação entre universidade e escola. [...]</i>	25%	Consideram que não há relação da aprendizagem nas escolas com a universidade
<i>[...] O conhecimento que recebi foi muito superficial;</i>	29,17%	Consideram o ensino médio e público das escolas públicas como precário e insuficiente para sua aprendizagem na universidade.
Não justificaram	20,83%	-
5º Semestre		
Respostas dos alunos	%	Idéias centrais
<i>Porque nas escolas não nos incentivavam no aprendizado da pesquisa; Ensino deficiente [...] O mundo acadêmico sempre exige mais do que aprendi na escola; Faltava professor [...]</i>	56,25%	Consideram o ensino médio e público das escolas públicas como precário e insuficiente para sua aprendizagem na universidade.
<i>Na universidade é uma realidade diferente [...] Temos que esquecer o que é visto na escola.</i>	18,75%	Não consideram a existência da continuação da aprendizagem da escola e a universidade.
Não justificaram	25%	-
7º Semestre		
Respostas dos alunos	Percentual	Idéias centrais
<i>[...] Porque a escola pública e não tinha qualidade. A escola pública não presta [...]</i>	38,46%	Consideram o ensino médio e público das escolas públicas como precário e insuficiente para sua aprendizagem na universidade.
<i>Não lia textos.</i>	7,69%	Não desenvolveram habilidades de leitura.
<i>A metodologia de ensino é diferente.</i>	7,69%	Consideram duas formas de aprendizagem diferentes.

Não justificaram.	46,15%	-
-------------------	--------	---

Em todos os semestres como se pode observar é evidenciado a não satisfação da aprendizagem nas escolas de ensino fundamental e médio. Os alunos consideraram, principalmente, o ensino público como precário e insuficiente, não contribuindo para a aprendizagem no nível superior. Um número ínfimo apontou a aprendizagem no período escolar como suficiente ao seu desenvolvimento na academia. Existe a possibilidade de relacionar esses alunos como sendo estudantes os oriundos de escolas particulares. Em quanto a essas escolas houve reclamação por parte dos alunos por sentirem que a aprendizagem escolar estava apenas direcionada para o vestibular e não para preparar o aluno a compreender novos conhecimentos na academia.

O percentual geral de alunos que não justificaram suas respostas é significativo. Esse não posicionamento do aluno em relação a sua aprendizagem escolar é indicativo de uma não reflexão a respeito do nível de seu próprio conhecimento, metacognição.

Tabela 2

Você considera suficiente o tempo que dispõe para ler a maioria do material requerido pela Universidade?

1º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] são muitas disciplinas. [...] não há possibilidades de aprofundar em nenhum texto.</i>	64,29%	Consideram o tempo insuficiente devido ao grande número de textos e disciplinas.
<i>[...] porque trabalho também.</i>	14,29%	O trabalho toma parte do tempo de estudo e das leituras.
<i>[...] é só organizar o tempo [...].</i>	7,14%	Consideram o tempo suficiente.
Não justificaram	14,29%	
2º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] não dar para fazer uma boa leitura. [...] não, o fato de fazer muitas disciplinas torna a aprendizagem cansativa. [...] tenho meu trabalho e minha família.</i>	62,5%	Consideram o tempo insuficiente devido ao grande número de textos e disciplinas somadas à outras atividades pessoais.
<i>[...] sim, aproveito bem o tempo que tenho.</i>	8,33%	Consideram o tempo suficiente.
Não justificaram	29,17%	-

5º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] é muito conteúdo, é muito texto ao mesmo tempo.</i>	50%	Consideram o tempo insuficiente devido ao grande número de textos e disciplinas
<i>[...] tenho muitas atividades fora da universidade como o estágio [...].</i>	37,5%	Apontam para fato de trabalhar ou estagiar além das atividades que o curso exige.
Não justificaram	12,5%	-
7º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] não tenho tempo, eu trabalho [...]</i>	69,23%	Apontam para fato de trabalhar ou estagiar além das atividades que o curso exige
Não justificaram	30,77%	-

Os alunos se posicionaram em harmonia ao considerar o tempo que dispõem para estudar, como sendo insuficiente. Até mesmo os alunos que ainda desenvolvem atividades no mercado de trabalho ou um estágio, geralmente nos semestres iniciais, como indica a tabela número 6 das análises das perguntas fechadas, a não satisfação com tempo é semelhante aos argumentos daqueles que já estão desempenhando essas atividades nos últimos semestres.

Outro aspecto que parece ser paradoxal é confirmado pelas tabelas número 5 e 6, ainda referente às questões fechadas, onde o perfil do aluno de Biblioteconomia é solteiro, sem filhos e moram com os pais. Podendo ser esses considerados estudantes profissionais, pois ainda não tem responsabilidades com uma família. E ainda que participem de atividades extra- sala de aula, essas não ultrapassam a 20 horas semanais como confirma a tabela número 9. As justificativas apresentadas pelos alunos são sintetizadas pelo grande volume de disciplinas e textos que o Curso exige e a necessidade de trabalhar ou estagiar.

Tabela 3

**O quê você considera como principal obstáculo para melhorar
suas habilidades de leitura?**

1º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] tempo para ler mais, a falta de tempo é um grande obstáculo. [...]</i>	28,57%	Não especificam de que maneira o tempo se torna um obstáculo.
<i>[...] dificuldades de compreensão e concentração no momento da leitura. A existência de palavras desconhecidas nos textos técnicos e científicos</i>	35,71%	Apontam para inexistência de compreensão relativa ao que é solicitado nos textos científicos e técnicos.
<i>Não tenho ambiente adequado para estudar em casa</i>	7,14%	Fator do ambiente, em casa, de estudo que não é favorável.
<i>Não sinto nenhum obstáculo [...].</i>	7,14%	Não relatam nenhum obstáculo.
<i>Não responderam</i>	21,43%	-
2º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] Falta de tempo [...].</i>	25%	Classificam o tempo como insuficiente.
<i>Não consigo identificar o pensamento dos autores. Não tenho domínio dos assuntos tratados em sala de aula. O significado das terminologias;</i>	41,67%	Inexistência de habilidades leitoras.
<i>[...] Não tenho força de vontade. [...] Não tenho concentração.</i>	12,5%	Motivos pessoais e subjetivos.
<i>Não responderam.</i>	20,83%	-
5º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] falta de tempo [...].</i>	12,5%	O fator tempo posto como preponderante.
<i>[...] Condições econômicas e falta de tempo.</i>	6,25%	Ressaltam a própria situação socioeconômica
<i>Falta de prática. [...] eu não tenho fluência. Não tenho tempo nem habilidade para leituras</i>	37,5%	Ausência de estratégias de leitura.
<i>[...] falta de orientação do professor [...].</i>	6,25%	Responsabilizam o professor.
<i>Não justificaram</i>	37,5%	-
7º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>Não ter tido contato com a leitura na educação básica [...]</i>	30,77%	Educação básica sem aprendizagem da leitura.
<i>[...] falta de concentração.</i>	15,38%	Motivos pessoais e subjetivos.
<i>[...] Falta de tempo [...].</i>	7,69%	Apontam o fator tempo como preponderante.
<i>Não justificaram</i>	46,15%	-

Os alunos reconhecem a necessidade de melhorar o seu nível de compreensão de leitura. Houve uma predominância do fator tempo como sendo um fator determinante para aprofundar seus conhecimentos através da leitura. Um número considerável de alunos não se posicionou sobre essa questão. Alguns obstáculos de ordem pessoal, do próprio nível de compreensão dos alunos também foram apontados, demonstrando uma maior conscientização dos alunos a respeito de suas dificuldades de leitura.

Os alunos demonstram não sentirem-se habilitados a compreenderem as leituras acadêmicas e indicam a precária educação que receberam do ensino público e a falta de contato com a leitura. Muitos não quiseram justificar suas respostas a respeito de suas dificuldades de leitura. Nesse sentido é correto o pensamento de Orlandi (1988, p.40), quando defende que toda leitura tem sua história o que implica considerar também a história de leitura do sujeito-leitor. A trajetória escolar de alguns alunos denuncia o pouco contato com a leitura. Muitos universitários nunca ouviram falar em filosofia, sociologia, marxismo, epistemologia. Em muitos casos é preciso o professor começar do ponto inicial, sendo determinante o cortejo entre professor, texto e aluno.

Tabela 4

Que grau de influência a sua condição socioeconômica interfere nas suas habilidades de leitura?

1º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>Porque uma condição socioeconômica melhor poderia ajudar na compra de livros Limita o acesso aos livros.</i>	64,29%	A condição não possibilita a compra de livros
<i>[...] não interfere porque tenho o hábito da leitura.</i>	7,14%	Apontam a não interferência da condição pelo motivo de existir o hábito de leitura.
Não justificaram	28,57%	-
2º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>Facilitaria na compra de livros</i>	45,83%	Interfere no ato de comprar livros.
<i>[...] a condição socioeconômica nada influencia, tem as bibliotecas.</i>	12,5%	As bibliotecas universitárias supriram as supostas deficiências que uma condição socioeconômica baixa acarretaria.
<i>Trabalho para me sustentar e não me sobra tempo para estudar [...]</i>	8,33%	A condição interfere na obrigação de ter que trabalhar e não apenas

		estudar.
Não justificaram	33,33%	-
5º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>[...] não compro livros e outros materiais [...].</i>	43,75%	Interfere na compra de livros.
<i>[...] não tem nada haver, tenho acesso à biblioteca.</i>	25%	O acesso à biblioteca universitária elimina as interferências socioeconômicas.
Não justificaram	31,25%	-
7º Semestre		
Expressões - chave dos discursos coletivos dos alunos	%	Idéias centrais
<i>Nenhuma, porque tenho acesso à biblioteca [...] Pouco, pois tenho acesso à biblioteca universitária.</i>	15,38%	Indicam a biblioteca universitária como sendo capaz de suprir todas as exigências para desenvolver habilidades de leitura.
<i>[...] Muita, porque não tenho condições financeiras para comprar livros.</i>	23,08%	.Limitam-se a interferência acentuada pela falta de possibilidade de adquirir livros.
<i>[..] Porque tenho que trabalhar ao invés de estudar.</i>	15,38%	A condição o sujeita a trabalhar acarretando prejuízos à aprendizagem pela falta de tempo para leitura
Não justificaram	46,15%	-

No primeiro semestres o fato de os alunos não dispor de dinheiro foi uma justificativa para alegarem ser a condição socioeconômica um interferente nas habilidades de leitura. No segundo semestre a existência de bibliotecas universitárias foi o argumento de maior percentual a não considerar a situação socioeconômica como não sendo interferente em suas habilidades de leitura. No quinto semestre prevaleceu como sendo 43% dos alunos acreditam que a situação socioeconômica influencia nas habilidades de leitura por não terem condições de comprar livros. No sétimo semestre 46,15% não justificaram suas respostas.

As respostas dadas pelos estudantes indicam ser o a condição financeira a responsável pela não possibilidade de adquirir livros, prejudicando assim suas habilidades de leitor. No entanto, uma vez sendo essa condição favorável, resultaria na possibilidade da compras de livros por parte dos mesmos e elevariam a qualidade do nível de leitura dos mesmos. Martins (1984, p.27) ao falar sobre o desenvolvimento da habilidade da leitura e da escrita, explica que “[...] a questão é mais complexa do que se imagina, pois tem raízes antigas, vem principalmente da precariedade das condições socioeconômicas e se espalha na ineficiência das instituições escolares, determinando e limitando as opções dos estudantes”.

Como mostra a tabela número 1 em que os estudantes verbalizam não se sentirem preparados a compreender leituras de nível acadêmico que consiste basicamente no posicionamento crítico por parte do estudante-leitor, a construção de novo texto a partir do texto lido, a confrontação diante dos argumentos apresentados pelos autores, não se limitando a simples detecção de idéias principais e /ou a apreensão de uma temática. Tal comportamento de leitura exige por parte dos universitários uma boa bagagem escolar e cultural, em que a condição socioeconômica poderá ampliar ou reduzir as possibilidades de aquisição de tais experiências.

5.4 ANALISANDO AS QUESTÕES FECHADAS

A leitura assim como seus interferentes para a aprendizagem do discurso dos discentes é analisada sob a perspectiva de quantitativa nas questões fechadas:

TABELA 1

IDADE

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Menos de 20 anos	28,57%	8,33%	0%	0%	7,46%
Entre 20 e 25 anos	50%	66,67%	81,25%	76,92%	67,16%
Entre 25 e 30 anos	7,14%	16,67%	6,25%	15,38%	11,94%
Mais de 30 anos	14,29%	4,17%	12,5%	7,69	10,45%
Não responderam	0%	4,17%	0%	0%	2,99%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

A quantidade de estudantes acima de 20 anos prevaleceu em todos os semestres. Ao pesquisar sobre o perfil socioeconômico dos universitários do curso de Química da UFC, Mazzetto e Carneiro (2002, p.02) explicam que pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), que os estudantes brasileiros ingressam tarde no ensino superior. A idade média dos alunos que estão no sistema é de 25 anos, quando, se todos iniciassem seu curso aos 18 ou 19 anos, ela deveria ser 21 ou, no máximo 22 anos, levando-se em conta o prazo médio de cinco anos para a conclusão do curso de graduação. O que leva a crer que os estudantes terminaram o ensino médio com atraso em termo de faixa

etária ou só conseguiram entrar em um curso superior um determinado tempo depois de seus estudos escolares.

TABELA 2

FILHOS:

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	7,14%	4,17%	12,50%	0%	5,97%
Não	85,71%	95,83%	87,5%	100%	92,54%
Não responderam	7,14%	0%	0%	0%	1,49%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 3

RESIDÊNCIA PRÓPRIA

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	85,71%	83,33%	93,75%	100%	91%
Não	14,29%	12,50%	6,25%	0%	9%
Não responderam	0%	0%	0%	0%	0%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 4

ESTUDOU O ENSINO MÉDIO EM

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Esc. Pública	71,43%	50%	68,75%	61,54%	61,19%
Esc. Part. s/bolsa	14,29%	20,83%	12,5%	23,08	17,91%
Esc. Part. c/bolsa	14,29%	0%	12,5%	15,38	8,96%
Outros	0%	29,17%	0%	0%	10,45%
Não responderam	0%	0%	6,25%	0%	1,49%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 5
MORA COM

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Pais	85,72%	79,17%	81,25	69,23%	79,10%
Conjuge	7,14%	8,33%	6,25	7,69	7,46%
Residência universitária	0%	8,33%	0%	15,38	5,98%
Amigos	0%	0%	0%	0%	0%
Parentes	0%	0%	0%	7,69	1,49%
Sozinho	0%	0%	6,25%	0%	1,49%
Não responderam	7,14	4,17%	6,25%	0%	4,48%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

O perfil do aluno de Biblioteconomia tem as seguintes características: solteiro, oriundo de escolas públicas, de família de classe baixa, que possui residência própria, com renda familiar entre 02 e 03 salários de pais com um nível de escolarização de fundamental para médio. São alunos de faixa etária entre vinte e vinte cinco anos, não têm filhos e que moram com os pais.

TABELA 6
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DO ESTUDANTE

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Trabalho	14,29%	8,33%	31,25%	38,46%	20,90%
Estágio	0%	29,17%	43,75%	30,77%	26,87%
Bolsa	0%	8,33%	25%	15,38%	11,94%
Não trabalha	85,71%	54,17%	0%	0%	37,31%
Respondentes	0%	0%	0%	15,38%	2,99%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

No decorrer do curso muitos alunos conseguem ingressar no mercado de trabalho, conseguem ganhar seus primeiros salários, e o seu relacionamento com a leitura não apresenta mudança, não passaram a adquirir livros para seu enriquecimento cultural. O poder de compra, aquisitivo tem uma mudança nas vidas dos discentes, no entanto, a relação com a

leitura não muda, continua a mesma, uma vez que as leituras continuam com caráter de obrigatoriedade, pesada, difícil e permanece para o aluno distante.

Comparando o número de estudantes que responderam que exercem alguma atividade remunerada seja estágio, bolsa ou mesmo trabalho do primeiro e o segundo semestre em relação aos demais semestres, existe uma disparidade muito grande. Parece que como bem falou uma Professora entrevistada neste estudo: “*O que eu percebo é que neste curso existem dois tipos de ascensão: uma vertical e outra horizontal na vida acadêmica do estudante de Biblioteconomia.*” O que a professora quis dizer com essas palavras é que nos primeiros semestres o aluno por não desenvolver nenhum tipo de atividades extra-faculdade, se dedica muito mais ao curso, ao estudo das disciplinas trabalhadas em sala de aula, desenvolvendo um desempenho acadêmico bom para excelente, essa seria um movimento horizontal.

De outra forma, quando o aluno passa a desempenhar uma atividade como um estágio, uma bolsa de trabalho ou mesmo um emprego este aluno passar a ter acessos a bens como uma vestimenta melhor, objetos de necessidade pessoal como celular, computador, máquina digital e outros, trazendo para sua vida um pouco mais de bem estar e conforto. No entanto, é neste momento que o aluno parece estar mais ligado ao seu estágio, ao seu trabalho do que com as atividades do Curso, dedica-se menos aos estudos, aos eventos ligados à sua área, em detrimento de suas novas responsabilidades extra-faculdade.

TABELA 7
REMUNERAÇÃO-FAIXA SALARIAL DO ESTUDANTE

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Entre 1 e 2 salário	14,29%	4,17%	93,75%	84,62%	56,72%
2 e 4 salário	0%	0%	6,25%	15,38%	4,48%
Mais de 4 salário	0%	0%	0%	0%	0%
S/remuneração	78,57%	54,17%	0%	0%	35,82%
Menos de 1 salário	0%	41,67%	0%	0%	1,49%
Não responderam	7,14%	0%	0%	0%	1,49%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Pelo fato de serem bolsistas ou estagiários em período de aprendizagem, os estudantes pesquisados recebem a remuneração como um ajuda de custo para que se mantenham na universidade, resolvendo seus problemas de passagens de transporte coletivos, lanches, e outras necessidades estudantis. A faixa salarial está entre duzentos (200) reais e quatrocentos e cinquenta (450) reais. No entanto, parece que no decorrer da graduação os laços de dependência do estudante e a remuneração que o estágio proporciona tende a aumentar, tornando-se essa uma complementação de renda familiar.

TABELA 8
DEPENDE FINANCEIRAMENTE DO TRABALHO/ESTÁGIO/BOLSA
PARA SE MANTER NA UNIVERSIDADE?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	14,29%	54,17	68,75	61,54%	50,75%
Não	78,57	45,83	31,25%	38,46%	47,76%
Não responderam	7,14%	0%	0%	0%	1,49%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Este quadro é um dos que mais chama atenção em suas respostas. Pois à medida que os alunos vão avançando nos semestre a necessidade de se ter uma renda financeira também cresce, se tornando uma condição para a permanência do aluno na graduação. A dependência da remuneração dos estágios, bolsas ou trabalho é crescente nos semestres, essa relação faz com que o aluno se distancie do Curso em detrimento de outras responsabilidades fora da universidade.

A faixa salarial desses alunos não ultrapassa a 02 salários mínimos e a carga horária está entre vinte e vinte cinco horas semanais.

TABELA 9
CARGA HORÁRIA DO TRABALHO/ESTÁGIO/BOLSA POR SEMANA

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Até 20 horas	0%	29,17	68,75%	76,92%	42,79%
Até 25 horas	14,29%	0%	18,75%	15,38%	10,49%
Até 46 horas	0%	0%	12,5%	0%	2,92%
Mais de 46 horas	0%	0%	0%	0%	0%
Não trabalha	78,57%	70,83	0%	7,69%	43,8%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Por ser o curso de Biblioteconomia - UFC ser diurno (entre 13h00min e 19h00min), o aluno pode desempenhar atividades de bolsas, estágios e ou mesmo trabalho em apenas em um turno do dia afim de que seus estudos não sejam prejudicados.

TABELA 10
QUAL É O NÍVEL ESCOLAR DE SEU PAI?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Ensino Primário	7,69%	15%	18,75%	23,08%	20,9%
Ensino Fund. Completo	30,77%	5%	25%	30,77%	18,99%
Ensino Fund. Incompleto	30,77%	35%	12,5%	15,38%	22,39%
Ensino Médio Completo	15,39%	15%	43,75	23,08%	22,39%
Ensino Médio Incomp.	7,69%	25%	0%	0%	9,98%
Ensino Sup.. Completo	7,69%	5%	0%	7,69%	5,35%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

O nível de escolaridade do pai é um pouco superior ao da mãe, no entanto o número de ambos em escolaridade acadêmica é ínfimo.

TABELA 11
QUAL É O NÍVEL ESCOLAR DE SUA MÃE?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Ensino Primário	21,43%	12,50%	12,50%	23,08%	16,42%
Ensino Fund. Completo	28,57%	8,33%	25,00%	30,77%	20,90%
Ensino Fund. Incompleto	28,57%	29,17%	6,25%	7,69%	19,40%
Ensino Médio Completo	14,29%	20,83%	37,50%	23,08%	23,88%
Ensino Médio Incomp.	7,14%	25,00%	12,50%	7,69%	14,93%
Ensino Superior Comp.	0,00%	4,17%	6,25%	7,69%	4,48%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 12
RENDA FAMILIAR

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Até 2 salários	64,29%	70,83%	12,5%	46,15%	50,75%
De 2 até 5 salários	21,43%	25%	87,5%	30,77%	40,3%
Mais de 5 salário	0%	4,17%	0%	23,08	5,97%
Menos de 1 salário	0%	0%	0%	0%	0%
Sem remuneração	0%	0%	0%	0%	0%
Menos de 1 salário	0%	0%	0%	0%	0%
Não responderam	14,28%	0%	0%	0%	2,99%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Conclui-se que a renda familiar dos estudantes está entre dois salários. Uma pequeníssima parte dos alunos apontou uma renda familiar até cinco salários mínimos. Pode - assim dizer que os estudantes de Biblioteconomia pertencem a uma classe humilde da sociedade, sem grandes ganhos financeiros.

TABELA 13
QUANTIDADE DE PESSOAS QUE MORAM EM CASA

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
De 1 a 3 pessoas	14,29%	0%	43,75%	30,77%	22,39%
De 3 a 5 pessoas	42,86%	50%	56,25%	38,46	47,76%
Mais de 5 pessoas	21,43%	20,83%	0%	30,77%	17,91%
Não responderam	21,47%	29,17%	6,25%	0%	12,13
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Os estudantes moram com uma família composta aproximadamente cinco pessoas. Poucos são os que moram sozinhos ou com o conjugue. Ainda não possuem independência financeira, dependente dos pais ou parentes para custearem todas as despesas.

TABELA 14

QUANTAS HORAS POR DIA DEDICA À LEITURA FORA DA UNIVERSIDADE?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Nenhuma hora	7,14	25%	18,75%	15,38	17,91%
De 01 a 02 horas	71,43	58,33%	56,25%	76,92	64,18%
Mais de 02 horas	7,14	0%	6,25%	7,69	4,48%
Não responderam	14,29	16,67%	18,75%	0%	13,43%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Mesmo considerando o tempo como insuficiente para aprofundar as leituras exigidas nas disciplinas do curso de Biblioteconomia, os alunos alegaram ter o hábito de estudarem no mínimo duas horas por dia além do período em que estudam em sala de aula. Considera-se esse tempo suficiente para o estudo extra-sala de aula, caso o aluno permaneça com dificuldades de aprendizagem, não deve ser atribuído à falta de tempo para estudo, neste caso.

TABELA 15

VOCÊ CONSIDERA SUFICIENTES OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS NAS ESCOLAS PARA SUA APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	21,43%	8,33%	18,75%	30,77%	17,91%
Não	71,43%	87,5%	81,25%	69,23%	79,10%
Não responderam	7,14%	4,17%	0%	0%	2,99%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

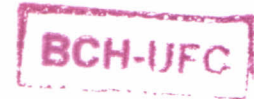


TABELA 16

VOCÊ CONSIDERA SUFICIENTE O TEMPO QUE DISPÕE PARA LER A MAIORIA DO MATERIAL REQUERIDO PELA UNIVERSIDADE?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	14,29%	8,33%	12,5%	23,08%	13,43%
Não	64,29%	87,5%	87,5%	69,23%	79,1%
Não responderam	21,43%	4,17%	0%	7,69%	7,46%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

O tempo foi considerado como insuficiente para os alunos ao responderem que as atividades acadêmicas (trabalhos, resumos, leituras, seminários etc.) solicitadas pelos professores, mas principalmente para lerem os textos, a falta de tempo foi o motivo mais citado como fator interferente na aprendizagem dos alunos, segundos os pesquisados.

O que contradiz esse fato é que mesmo os alunos dos primeiros semestres já apontam o tempo como interferente em sua aprendizagem, quando não dispõem de tempo para o aprofundamento nos conteúdos trabalhados em sala, mesmo quando um estágio ou trabalho ainda não fazem parte do seu cotidiano, pois a maioria apenas estuda nesta fase, diferente dos alunos dos últimos semestres.

Corroborando com os resultados obtidos, um estudo realizado por Bartalo citado por Carelli (1999) em numa comunidade de estudantes de Biblioteconomia, semelhantemente foi observado que a maioria dos sujeitos da pesquisa apontou o fator falta de tempo para estudar como a maior dificuldade na aprendizagem, seguido pela falta de hábito de leitura, além da falta de conhecimento prévio sobre o assunto estudado.

TABELA 17**QUE TIPO DE LEITURA SENTE MAIS DIFICULDADE DE COMPREENSÃO?**

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Nenhum tipo de leitura	0%	4,17%	12,5%	0%	4,48%
Leitura filosófica	21,43%	33,33%	18,75%	7,69%	22,39%
Leitura Téc./Científica	64,29%	62,5%	68,75%	61,54%	64,18%
Literatura	0%	0%	0%	0%	0%
Outras	0%	0%	0%	15,38%	2,99%
Não responderam	14,29%	0%	0%	15,38%	5,97%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 18**O QUE FAZ QUANDO SENTE DIFICULDADE NA COMPREENSÃO DE LEITURA?**

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Faz uso de dicionário	14,29%	54,17%	62,5%	7	32
Procura ajuda de professores	21,43%	4,17%	0%	2	6
Procura ajuda em outros livros	21,43%	8,33%	18,75%	2	10
Procura ajuda de outras pessoas	21,43%	33,33%	12,5%	0	13
Desiste de compreender a Leit.	0%	0%	6,25%	0	1
Não responderam	21,43%	0%	0%	0	3
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Pelas respostas dadas acima, parece que os professores não são procurados pelos alunos para diminuir a falta de compreensão dos textos. Os alunos optam por procurarem colegas, usar dicionário a lerem textos complementares ao entendimento da disciplina. As estratégias de estudo e leitura são as mesmas em todos os semestres. Um comportamento que parece não sofrer alteração ao longo da formação do discente.

Os alunos demonstraram receio ao citar a metodologia do professor como fator contribuinte para a não compreensão de texto. Evidenciam as dificuldades de compreensão

textuais como sendo oriundas de deficiências da escolarização anterior à universidade, à falta de melhores oportunidades de condições ideais de estudo.

TABELA 19
QUE TIPO DE LEITURA SENTE MAIS FACILIDADE?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Nenhum tipo de leitura	0%	8,33%	0%	0%	2,99%
Leitura filosófica	7,14%	16,67%	25%	23,08%	17,91%
Leitura Técnica/Científica	7,14%	12,5%	0%	15,38%	8,96%
Literatura	71,43%	62,5%	56,25%	61,54%	62,69%
Outras	14,29%	0%	18,75%	0%	7,46%
Não responderam	0%	0%	0%	0%	0,00%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

As disciplinas que requerem leituras de textos filosóficos e científicos foram citadas como sendo as mais complicadas e de raro entendimento. O tipo de leitura mais fácil para os alunos em todos os semestres foram os textos literários, a Literatura. Os últimos livros que os alunos alegaram terem lido, nos primeiros semestres, foram ligados ao vestibular (os obrigatórios). E nos últimos semestres foram livros ligados à área de Biblioteconomia.

Pela própria natureza desse tipo de leitura, a científica e a filosófica, demandando uma visão mais ampla dos conceitos, inferências, pela própria complexidade do conteúdo, os discentes do primeiro semestre foram quase unânimes em caracterizar as leituras de natureza científica e técnicas como as que mais dificuldades para compreender e atribuir algum sentido.

Um fato que já fora citado também pode contribuir para apontar esse tipo de leitura como difícil ou complexa ou a deficiente na aprendizagem sejam decorrentes de suas vidas escolares anteriores à universidade. O pensamento de Lopes e Ribeiro citado por Carelli *et al.* (1999, p. 14) reforça esse atributo: “Ao facilitar o acesso à Universidade, sem simultaneamente estabelecer mecanismos de melhoria no desempenho em leitura, a política educacional brasileira levou o ingresso de alunos no 3º grau que não dominam habilidades básicas em leitura.”.

Há de se considerar o fato de que a disciplina *Novas Tecnologias da Informação* tanto no primeiro como no segundo semestre foi uma das disciplinas mais apontadas como sendo de difícil compreensão, ficando em segundo lugar disciplinas ligadas à informática. Ao falar com os professores das seguintes disciplinas, os mesmos confessaram que os alunos em sua maioria, não possuem uma intimidade com as novas mídias e que é difícil tanto para o professor, como para o aluno, conseguirem êxito nas aulas por terem um quadro muito heterogêneo no que diz respeito ao nível de conhecimento dos alunos. Alguns até chegam a acompanhar a disciplina, no caso da disciplina de Informática, outros não conseguem compreenderem ou mesmo obter êxito nesta disciplina.

A disciplina *Novas Tecnologias da Informação* embora suscite algo concreto como computador, mídias, diz respeito às relações interativas e cognitivas entre o homem e essas novas próteses midiáticas. Segundo o professor que ministra essa disciplina, as leituras são de caráter psicológico, filosófico e científico. São leituras complexas, textos complexos como resumos de autores como Freud, Maturana e outros grandes teóricos. Essas leituras para muitos alunos do primeiro semestre não são simples, pelo fato da terminologia técnica do próprio texto, o significado das palavras. Em alguns casos, o estilo do autor não é explicado pelo professor, a complexidade do assunto exige muito do aluno que ainda não é experiente o suficiente para atribuir algum sentido a esse tipo de leitura, as próprias limitações pessoais do aluno, não contribuindo para que o aluno avance em sua aprendizagem.

TABELA 20
GOSTA DE ESCREVER?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	78,57%	75%	62,5%	84,62%	74,63%
Não	0%	20,83%	37,5%	7,69%	17,91%
Não responderam	21,43%	4,17%	0%	7,69%	7,46%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

O número de estudantes que alegaram gostar de escrever é significativo. Os professores ao se reportarem a seus alunos como sendo esses poucos interessados, que seus têm o hábito de escreverem artigos, resenhas, resumos críticos e analítico parece estranho e paradoxal ao relacionarmos com o grande número de respondentes declararem gostar de escrever.

TABELA 21
O QUE GOSTA DE ESCREVER?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sobre assuntos que não dizem respeito às disciplinas do curso	57,14%	75%	50%	61,54%	62,69%
Sobre assuntos que dizem respeito às disciplinas do curso	21,43%	20,83%	25%	30,77%	23,88%
Não responderam	21,43%	4,17%	25%	7,69%	13,43%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Os estudantes preferem escrever sobre assuntos, temáticas que não dizem respeito ao curso, esse fato foi mais acentuado nos primeiros semestres. Talvez por ainda não se sentirem inteirados sobre as produções científicas da área que escolheram para estudarem. Ou por não se sentirem entusiasmados pelo curso que fazem parte.

TABELA 22
FREQÜENTA BIBLIOTECA?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	78,57%	91,67%	100%	84,62%	89,55%
Não	0%	4,17%	0%	7,69%	2,99%
Não responderam	21,43%	4,17%	0%	7,69%	7,46%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Todos os alunos alegaram freqüentar a biblioteca universitária. Estará esse número, de alguma maneira, relacionado ao fato de poucos estudantes adquirem livros através do ato da compra? No curso de biblioteconomia existe uma máxima entre os professores: “a biblioteca universitária é a livraria do aluno pobre”.

Talvez exista um pouco de radicalismo nessa frase, mas será mesmo que apenas os estudantes que não dispõem de uma situação financeira favorável freqüentam tal biblioteca? O interesse por outros tipos de leitura que não a de sua própria área de estudo,

Biblioteconomia, denuncia um comportamento automático, não do prazer, de autonomia para com a leitura, trazendo a idéia de um comportamento dirigido por professores, o que não é bom para o universitário. Delegando suas leituras a outras pessoas, não desenvolve atitude pessoal com a leitura.

TABELA 23
QUAL BIBLIOTECA FREQUENTA?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Bibliotecas universitárias	78,57%	83,33%	100%	76,92%	85,07%
Bibliotecas Públicas	0%	0%	0%	0%	0%
Outras	0%	16,67%	0%	0%	5,97%
Não responderam	78,57%	83,33%	0%	76,92%	85,07%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 24
COM QUE FINALIDADE FREQUENTA A BIBLIOTECA?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sem finalidade definida	0%	0%	0%	0%	0%
Estudos ligados às discip. do curso	78,57%	70,83%	62,5%	69,23%	70,15%
Sempre que precisa de informação	0%	29,17%	37,5%	15,38%	22,39%
Não responderam	21,43%	0%	0%	15,38%	7,46%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

TABELA 25
COSTUMA COMPRAR LIVROS?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	14,29%	16,67%	50%	23,08%	25,37%
Não	64,29%	79,17%	50%	69,23%	67,16%
Não responderam	21,43%	4,17%	0%	7,69%	7,46%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Os estudantes alegam não comprar livros por não possuírem uma boa condição financeira. É uma justificativa muito comum não só por estudantes de Biblioteconomia, mas por outros cursos também, que nem mesmo conseguem perceber que o fato desse hábito não fazer parte de suas vidas pode estar associado a outros fatores como o lado afetivo com a leitura.

A escolha entre comprar um livro e outro objeto de necessidade pessoal denuncia muitas vezes esse à inexistência de um afeto com a leitura. Talvez possa estar para além de uma condição financeira.

TABELA 26
VOCÊ CONSIDERA QUE JÁ ESCREVEU ALGUM TRABALHO DE CUNHO CIENTÍFICO?

Opções de Resposta	1º Sem.	2º Sem.	5º Sem.	7º Sem.	Total da amostragem pesquisada
Sim	7,14%	79,17%	25%	30,77%	41,79%
Não	71,43%	8,33%	75%	61,54%	47,76%
Não responderam	14,29%	12,50%	0%	7,69%	8,96%
Total de alunos pesquisados	14	24	16	13	67

Fonte: Pesquisa própria.

Muitos dão à impressão de que a condição socioeconômica influi apenas no gesto de comprar livros, indiciando ser a única forma pela qual se desenvolve habilidades de leitura. Não poder viajar, participar de encontros de estudantes fora do estado, enfim outra forma de ter acesso ao conhecimento, que não seja apenas através da compra de livros, mas exposições, teatro, amostras, cinema não foram citados como espaços que proporcionam oportunidades para aquisição de novos conhecimentos. As respostas são bastante divididas quando os alunos se posicionaram em relação ao fator socioeconômico e aprendizagem, leitura.

A problemática leitura não é percebida como sendo resultante de um ambiente desfavorável ao mesmo, em casa ou em outros ambientes, a falta da cultura livresca mesmo na família não é indicada como um dos fatores determinantes da sua aprendizagem. A escola é a mais indicada como sendo responsável pelo insucesso do aluno na universidade.

O número de alunos que não justificaram suas respostas também foi significativo. Poucos justificaram suas respostas. Não houve predominância de uma resposta quando indagados a respeito da interferência socioeconômica. A interferência da questão socioeconômica na aprendizagem do aluno, não foi explicitada, nesse neste momento ou o aluno não soube responder. As justificativas foram evasivas, sem muita profundidade denunciando a pouca reflexão a respeito dessa relação, por parte do aluno.

5.5 CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Todas as entrevistas foram realizadas no Departamento de Ciências da Informação entre os dias 30 de maio e 06 de junho de 2007. As entrevistas foram agendadas com no mínimo de três dias de acordo com a disponibilidade de cada professor. Sendo que dois dos professores concederam as entrevistas no mesmo dia que foram solicitados.

O professor entrevistado (E01) ⁷ é um dos professores que mais está envolvido com projetos de pesquisa no Curso. No momento o professor coordena dois projetos de pesquisa dos quais também contam com a participação de dois bolsistas de pesquisa, os projetos.

O professor entrevistado (E2) concedeu a entrevista muito gentilmente, pois em meio a tantas atividades que exerce, no momento, além de ser professor, o mesmo está exercendo funções de subchefe do Departamento de Ciências da Informação. O professor se mostrou contente em contribuir para a pesquisa, já sabia de que se tratava a pesquisa, pois em um outro momento já havia contribuído tecendo algumas considerações sobre os meus primeiros capítulos dessa pesquisa. É um estudioso da leitura na e para educação. É criador de um projeto de extensão cujo nome é 'Buscando Espaços de Leitura na Internet para leitores reflexivos, críticos'. E também por um outro projeto de pesquisa intitulado 'Práticas leitoras nas escolas públicas do Conjunto Ceará'.

Entrevista com o Professor (E3) um professor muito experiente e atualmente mantém uma relação muito estreita com os alunos do Sétimo semestre, na Disciplina de

⁷ Os professores entrevistados serão chamados de entrevistado número um, dois, três e quatro (E1, E2, E3 e E4 independente do gênero).

Planejamento bibliotecário em que o aluno é obrigado a construir um planejamento para uma determinada Organização aplicando seus conhecimentos teóricos e práticos. Também é quem coordena a disciplina de estágio supervisionado do oitavo semestre. Último período do curso em que o aluno tem que cumprir uma carga horária de 18 horas semanais, estagiando numa instituição em que possibilite o aprendizado das disciplinas teóricas, agora, nesse momento praticando sob a supervisão de um bibliotecário já formado.

Entrevista com o Professor (E4) que leciona a disciplina de Novas Tecnologias da Informação, uma disciplina que no antigo currículo era optativa e agora no novo currículo do curso passa a ser obrigatória no primeiro semestre. Ao responderem o questionário para a construção deste trabalho: Qual é a disciplina que você mais sentiu dificuldade de entender? Os alunos do segundo semestre responderam como sendo a disciplina Novas Tecnologias da Informação uma das mais difíceis e complexas.

As entrevistas não ultrapassam cada uma a 60 minutos. Foram todas gravadas em fitas magnéticas e posteriormente transcritas.

A tabulação para cada uma das respostas dadas a cada uma das perguntas dirigidas aos participantes da pesquisa foi baseada na abordagem DSC - Análise do Discurso do sujeito Coletivo de Lefèvre e Lefèvre (2003). A abordagem possibilitou a reflexão sobre o pensar de uma dada coletividade sobre determinado assunto ao mesmo tempo em que proporciona uma leitura individual da opinião de cada participante da pesquisa.

A técnica consiste na organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos através de depoimentos ou entrevistas. Após a coleta, os dados em forma de depoimentos ou expressões verbais são organizados e analisados a partir de 'expressões-chave' que serão organizadas e transcritas em termos de 'idéias centrais' e de 'âncoras' das questões referidas diretamente à temática em estudo. O objetivo é fazer uma análise do discurso coletivo, representando o pensamento do corpo docente do curso de Biblioteconomia a respeito do nível de compreensão de leitura e da situação socioeconômica dos discentes, de acordo com as questões temáticas dadas a seguir:

- a) Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?
- b) Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?
- c) Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresentar, em sua visão, qual é a que você considera maior?
- d) Você faz alguma relação dessas dificuldades, limitações ou deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?
- e) A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações por parte do aluno?
- f) Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia da UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho ou estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?
- g) Saindo desse ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?
- h) Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?

5.5.1 Discurso do Sujeito Coletivo – DSC dos professores entrevistados

As entrevistas com os professores têm como características pontos convergentes ou outros totalmente divergentes o que dificultou bastante trabalhar o discurso do sujeito coletivo. Isto levou a se criar um painel em que se expôs recortes do discurso de cada entrevistado, em função de cada pergunta, seguido da organização em um só discurso do coletivo pensado e sintetizando com uma frase de ancoragem.

Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?

A maioria dos professores considerou o nível de compreensão dos alunos como insuficiente, precário e deficiente. Delegam tais deficiências à precária formação escolar dos alunos e a falta de interesse pelo curso. Com esta questão foi possível perceber qual a percepção dos professores para com os seus alunos. Como bem diz Kleiman (1995) a leitura só se realiza quando o sujeito - leitor é capaz de construir um outro texto a parti do texto lido. E1: [...] *Ele lê o signo lingüístico, os códigos, mas nem todos, são pouquíssimos alunos que têm uma compreensão do texto que eles estão lendo [...].* E2: [...] *estão conseguindo acompanhar muito bem as leituras. Estão num nível melhor.* E3: [...] *o nível não é tão bom assim. Porque tem muito erro de gramática, tem muito erro de estruturação de frases e isso reflete a falta de leitura por parte do aluno.* E4 [...] *Às vezes o aluno não alcança, não atinge essa interpretação que esses textos requerem. É preciso muita paciência por parte do aluno, outras leituras, e força de vontade para captar o entendimento dos textos.*

Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?

A insuficiente leitura conseqüentemente a sua incompreensão foram apontadas como os principais empecilhos para a aprendizagem do discente. Parece que a contribuição do professor na compreensão para o entendimento do aluno é imprescindível. Ainda no pensamento de Kleiman (1989, p.40) ao se referir sobre o papel do professor, a este convém assumir o papel de mediador entre autor e leitor. Sabe-se que quando falamos de leitura acadêmica o exercício da abstração, um posicionamento crítico, a capacidade de estabelecer conexões são atividades que se devem fazer presentes para que seja possível a aprendizagem.

E1: [...] *e a principal dificuldade de aprendizado que eu percebo é primeiro: a compreensão do que é para ser desenvolvido ao se pedir a elaboração de uma determinada atividade. [...] Parece-me que para eles a prática é uma coisa que pode ser feito de qualquer modo, de qualquer jeito, o que não é verdade.*

E2: [...] *Eu considero que esse processo de leitura é que está faltando neles. Ou seja, essa falta de leitura, esse não entendimento do que se lê mesmo, viu. É um problema que vem desde as séries iniciais, desde o 1º, 2º e agora aqui, na universidade, né?... Que vêm acompanhando o aluno, essas deficiências.*

E3: [...] *O aluno não procura ampliar o estudo através de leitura de outros livros, outros livros, fica só naquilo mesmo, naquele capítulo, talvez por ser caro, o livro, eu não sei te dizer.*

E4: *Principalmente às relacionadas às subjetividades, pois para o aluno fazer comentários sobre interpelações referentes a tais assuntos, ele necessariamente precisará ter vivido, ter experiências de vida maior.*

Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresenta, em sua visão, qual é a que você considera maior?

Para os professores os alunos ainda não estão inteirados com a Biblioteconomia, com o curso em si, tal evidência possibilita um desinteresse em investir mais esforço na sua própria aprendizagem. Nenhuma explicação sobre esse distanciamento do discente não foi vislumbrada por nenhum professor. Souza (2003, p. 40) enfatiza que essas deficiências são decorridas por vários fatores sociais. De modo geral, o conceito de aprendizagem envolve aquisição, retenção, generalização e transferência de conhecimentos, de habilidades e de atitudes que o aluno dever ter para alcançar e construir seu próprio conhecimento.

E1: *Eu acho que a maior dificuldade de aprendizagem para esses estudantes é a falta de motivação para área que eles estão envolvidos. Eles não têm pertença com essa área. Os estudantes de Biblioteconomia só fazem este curso por que oferece muitos estágios.*

E2: *Olha, o que eu percebo é a dificuldade que o aluno tem de ligar, de relacionar o que ele lê com a realidade dele próprio, com a sua própria vida.*

E3: *é um compromisso com o curso. Encontramos alguns, mas todos os alunos têm que levarem este curso mais a sério. Eu não sei por que isso não acontece, talvez seja falta de motivação, a família não motive, talvez por não saber sobre o curso, não incentive, eu não tenho certeza[...].*

E4: [...] *o aluno é muito mal acostumado com um sistema de cobrança pelos professores, os alunos estão acostumados com aquele estilo de professores carrascos [...].*

Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações/deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?

Unanimidade por parte dos professores em apontar a leitura como sendo uma das causas da não aprendizagem do aluno. Mesmo que indiretamente, a leitura foi indicada como sendo insuficiente, não é uma habilidade vista pelos professores através de comportamentos, atitudes, trabalhos vindo da parte dos alunos de Biblioteconomia da UFC, segundo os professores. É válido refletir sobre o que diz Chartier (1996) quando diz que ninguém pode compreender as situações evocadas nos livros, se elas forem totalmente estranhas à sua experiência e a seus conhecimentos, ou mesmo, exteriores ao seu meio. A realidade, os diversos contextos sociais, culturais dos alunos podem indicar possíveis respostas para as características apontadas pelos professores. A ausência desses “links” cujos professores se referem às pontes que o aluno não consegue fazer entre a teoria e prática, pode ser viabilizada pela capacidade de se fazer leitura crítica, uma atividade complexa, séria, em que o sujeito-leitor interfere no texto, procura estabelecer relações entre os ensinamentos acadêmicos de cunho teórico e a vida cotidiana. São exigências triviais no ensino universitário leituras que requerem essa contextualização evidenciando a habilidade de percepção crítica por parte do aluno.

E1: *Porque ele só lê o código lingüístico, mas eles não conseguem fazer a leitura sígnica daquilo que eles estão lendo. Eles não conseguem fazer a leitura do que eles estão lendo, eles trabalham dissociados de uma prática onde ele não entende.*

E2: *[...] devo ressaltar que não é somente a leitura em si. Veja as questões culturais mesmo. A questão educacional, a própria formação do sujeito fora da escola, da faculdade. [...].*

E3: *[...] O aluno podendo ter mais acesso a novos e mais conteúdos melhora sua compreensão, sua aprendizagem como um todo.*

E4: *A leitura é fundamental, mas quando eu falo em leitura, não é apenas essa leitura de livros, livresca. É a leitura de vida.*

A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações?

Nesta pergunta as respostas refletiram sobre a precária trajetória escolar dos alunos, a condição socioeconômica e a falta de estudo por parte dos alunos. Ou seja, para além da postura do aluno para com a sua aprendizagem, são apontados fatores externos a ele, que podem causar impactos negativos em sua aprendizagem na universidade. Sobre essas trajetórias cheias de ausências de possibilidades de aprendizagens Silva (1998) diz que o acesso aos livros, à escola e os próprios professores, deveriam alcançar os educando de modo que fosse possível o preenchimento dos seus interesses (e desenvolver outros) e satisfazer as suas necessidades, de acordo com as suas capacidades de leitura. Ainda Santos *et al* (2005) considera que é inquestionável a responsabilidade da leitura em uma educação de qualidade, mas as evidências apontam que diversos alunos saem do ensino fundamental e médio sem essa habilidade.

E1: [...] *Eu acho que o calo acontece desde o ensino fundamental e médio. Por quê? Porque lá no ensino fundamental e médio ele lê e responde questões, textos sem criatividade. [...] Ai o aluno chega aqui na universidade e não entende realmente nada.*

E2: [...] *o que acontece é que quando se tem uma situação econômica melhor, existe nessa situação uma leitura de mundo maior.*

E3: *acredito que seja pela ausência de um aprofundamento, tanto por parte do aluno que muitas vezes se mostra apático aos conteúdos ministrados em sala de aula como por parte dos professores que entram no esquema dos alunos e não cobram mais, não vão mais além [...].*

E4: *Eu não posso lhe dizer precisamente [...]. [...] A resposta para essa sua questão presente pode estar lá no passado dos alunos.*

Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho/estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?

Apenas um professor considerou ser um fato negativo na aprendizagem do aluno o fato de o mesmo dividir seu tempo desempenhando atividades extra-faculdade como um

estágio, trabalho. Os demais disseram não acreditar que tal necessidade, seja um fator que atrapalhe ou justifique um mau desempenho acadêmico por parte dos alunos. Os professores sabem da dependência da remuneração fruto dessas atividades para manutenção do estudante na universidade, no entanto, não a relacionam, não reconhecem como uma justificativa para o aluno não alcançar resultados positivos nas disciplinas.

E1: *Eu acho que não é só isto. Isto influencia, mas não é só isto. A grande questão da aprendizagem eu vou repetir: é a falta de sentimento de pertença ao curso [...] Mas eu acho que não chega a prejudicar, não atrapalha.*

E2: *Eu acho que sim, que interfere sim. O fato de ter que trabalhar implica na falta de tempo para o estudo. Eu penso que o estudante deveria ter mais tempo para seus estudos, para se aprofundar mesmo nas disciplinas.*

E3: *os estudantes precisam, têm necessidade da remuneração que o estágio ou o trabalho oferece, a sua manutenção na universidade depende desse benefício financeiro [...]. [...] por sua vez, prefere desagradar mais ao professor ao empregador.*

E4: *Eu não sei se existe alguma justificativa para que o aluno não venha obter êxito nas disciplinas. Mas, como eu digo: cada caso é um caso.*

Saindo deste ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?

A participação dos alunos em eventos fora da sala e aula, como Encontros, palestras, mesas redondas foi considerada insignificativa. Para os professores os alunos são apáticos, não se interessam em participar de tais eventos. Não é um gesto voluntário, despojados de autonomia da parte dos alunos. Salvo a exceção, de alguns bolsista que, segundo os professores “fazem a diferença”. Algumas considerações tecidas pelos professores sobre este comportamento recaem sobre o desinteresse do aluno em ampliar seus conhecimentos. No entanto, é interessante o pensamento de Santos (2006) quando sugere que ao ambiente acadêmico e social não será suficiente se não for percebido pelo aluno como momento propício à sua aprendizagem.

E1: [...] *é uma questão de afetividade com o curso. Existe aquele aluno que é capaz de passar quatro anos aqui e simplesmente passar. O aluno de Biblioteconomia vem aqui, finge que estuda, [...].*

E2: *Então vejo que a melhor saída para diminuir esse problema de leitura, da participação do estudante do estudante dentro da universidade possa está relacionada ao fato que mais professores tivessem pesquisas. [...] Eu enfatizo o bolsista de pesquisa, por que é ele que estuda mais [...].*

E3: *O aluno não se envolve, não se interessa. Se por acaso, não tem aquela aula tradicional, com nota, com a chamada o aluno vai embora, o compromisso do aluno é só na sala de aula.*

E4: [...] *eu não sei. Eu só posso avaliar os lugares onde estou presente, nos lugares onde estou ministrando alguma palestra, [...] até vejo a presença de alguns alunos [...].*

Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem e na construção do conhecimento do acadêmico?

Apenas um professor declarou acreditar na interferência da condição socioeconômica na aprendizagem do aluno. Os demais, não consideraram como um fator determinante na vida acadêmica do estudante. Todavia é sabido que aqueles trazem um conhecimento social, construído ao longo de suas vidas, antes de fazer parte da academia, tais conhecimentos possuem potencial para que o mesmo interfira na concepção de mundo e na aprendizagem neste momento acadêmico. Ainda que as condições econômicas, sociais, culturais, não sejam percebidas pelos professores, Zago (2006) acredita que as condições de permanência no ensino superior é uma realidade que não se deve ignorar.

E1: *Eu não acredito que contexto socioeconômico vai influenciar na compreensão de leitura dos alunos.*

E2: *Eu acho que interfere. Por que a gente tem aluno que não compra livro por que não tem dinheiro. A gente ver o aluno reclamando que não tem dinheiro nem para tirar xérox dos textos.*

E3: Não, eu não acho que isso seja o fator determinante na sua aprendizagem não. A condição socioeconômica não é determinante, não totalmente. Pode interferir, mas, não determina.

E4: Como eu já falei, eu não acredito que esse fator seja determinante na aprendizagem do aluno.

De acordo com a abordagem adotada neste estudo, obteve-se um Discurso do Sujeito Coletivo - DSC representativo da totalidade dos discursos dos participantes da pesquisa. Esse discurso é o que vem a seguir:

5.5.2 Tabulação dos discursos do sujeito coletivos – DSC dos Professores

1 Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	[...] ainda tem muito a desejar em relação aquilo que está lendo [...] Eles não conseguem fazer uma ponte entre que leram e o curso [...] Eles decoram muitas coisas [...]	1. Não desenvolvem habilidades de compreensão de textos. 2. Decoram, não fazem as pontes.	1. Não há compreensão.
E2	[...] estão num nível melhor.	1. Vem evoluindo nas suas habilidades de leitura	1. Um nível melhor.
E3	[...] o nível não é tão bom assim [...]. [...] têm muitos erros de gramática [...] fica tudo sem sentido sem nenhum nexos, as [...] coisas ficam sem pontuação [...]	1. Erros de gramática. 2. Desconexão das idéias escritas	1. Ausência de um pensamento estruturado. 2. Falta de embasamento.
E4	[...] Eu acho que os alunos sentem uma dificuldade acentuada. [...]. Eu vejo essa falta. [...]. Eu noto que existe uma grande dificuldade [...]. [...] chegam à universidade muito inexperiente [...]. [...] ficam mesmo um pouco perdidos no início. [...]. Algumas turmas têm me surpreendido [...]. Alguns alunos tiveram desempenho excelente.	1. Grande dificuldade em realizar atividades. 2. Criam-se situações, momentos para o desenvolvimento cognitivo do aluno. 3. As dificuldades são acentuadas no início do mestre.	1. Ausência das respostas dos alunos. 2. Conseguem alcançar a compreensão a partir de Instrumentos que são dados aos alunos para trabalharem os textos.

2 Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?

	EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	<i>[...] eles não conseguem entender o porquê de seu fazer [...]; [...] eles sentem dificuldades de entenderem a aplicabilidade da teoria na prática [...]; o aluno não sabe construir [...].</i>	1. Não há aplicabilidade da teoria; 2. Dificuldade de construir na prática.	1. Inabilidade de entender o porquê do fazer a prática.
E2	<i>[...] o processo de leitura é o que está faltando neles [...]; falta de leitura esse não entendimento do que se lê [...]; [...] a educação não contribui para o desenvolvimento do estudante [...].</i>	1. A educação básica não provoca entendimento do que é leitura.	1. Educação básica é precária. 2. Ausência de leitura
E3	<i>[...] um pouco de estudo; [...] pouquíssimos os que procuram se aprofundar em adquirir mais conhecimento [...]. Ele não procura ampliar seu estudo.</i>	1. O aluno se limita a estudar apenas o que é oferecido em sala. 2. O estudo não é amplo, aprofundado.	Conhecimento fragmentado, limitado.
E4	<i>Principalmente as relacionadas às subjetividades. [...] eu vou ter que regrar minha exigência em relação a isso [...] a compreensão não ocorre em tempo real, acontece de pois de muitas experiências.</i>	1. Textos subjetivos são mais difíceis de compreender. 2. Não há compreensão imediata do que se lê.	1. A compreensão ocorre num tempo indeterminado pelo aluno.

3 Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresentar, em sua visão, qual é a que você considera maior?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	<i>[...] a falta de motivação para área que eles estão envolvidos. Eles não têm pertença com essa área. [...] eles não acreditam no que estão fazendo. [...] eles não vêem aplicabilidade no mercado.</i>	1. Falta de sentimento de pertença com o curso. 2. Falta de motivação.	Sem motivação é impossível existir aprendizagem.
E2	<i>[...] muitos deles colocam que os pais não sabem ler. [...] quando se tem uma condição socioeconômica melhor, existe nessa situação uma leitura de mundo melhor. [...] elas acabam se igualando a outras [...]; [...] elas conseguem chegarem juntos nesse nível.</i>	1. Situação socioeconômica influi; 2. O grau de instrução dos pais influi.	1. Grau de instrução dos pais, condição socioeconômica interferem, mas não determinam a aprendizagem.
E3	<i>[...] O aluno é muito mal acostumado por um sistema de cobrança pelos professores [...]; com estilo de professor carrasco [...]. [...] o aluno precisa estar disposto a aprender por si só.</i>	1. Precisa de autonomia no estudo.	Autonomia e disposição para aprender. A responsabilidade de aprender é do aluno
E4	<i>[...] ele precisa ligar a teoria a prática [...]; [...] os alunos têm que levarem esse curso mais a sério; [...] está faltando mesmo é um aprofundamento [...]; um domínio [...]. [...] falta de motivação a família não motiva.</i>	1. Ausência de seriedade para com o curso. 2. Maior domínio do conhecimento.	Vários fatores de ordem pessoal do aluno e fatores externos a ele.

3.1 Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações/deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	[...] <i>Porque ele só lê o código lingüístico [...]; ele não consegue fazer leitura signica [...]. Ele não tem nenhum entendimento do que está fazendo [...]; [...] ele não sabe fazer elos entre cada pedaço da área [...]; [...] eles trabalharam dissociados de uma prática onde ele não entende. [...] eles não conseguem captar a mensagem [...]; [...] eles não produzem sentido a partir de uma compreensão do escrito. [...] é uma falha do ensino básico [...].</i>	1. Não existe atribuição de sentido sobre o que é lido. 2. A educação básica não proporcionou aprendizagem do uso da leitura.	1. Não há produção de sentido do que é lido pelos alunos.
E2	[...] <i>Não é somente a leitura em si. [...] a própria formação do sujeito fora da escola, da faculdade [...] é difícil. [...] questões culturais [...].</i>	1. É para além da leitura. 2. Fatores culturais.	Fatores culturais.
E3	[...] <i>poderá aprofundar seus conhecimentos através da leitura. Pode ser [...] alcance de um maior entendimento por falta de explicações [...].</i>	Aprofundando os conhecimentos não explicados.	Existência de um conhecimento superficial.
E4	[...] <i>não apenas a leitura de livros [...]; [...] o aluno está em construção, eu não posso fazer uma avaliação em absoluto do aluno. [...] você quando ler faz comparações, ler é comparar.</i>	Aponta para as leituras de vida, sãs experiências, questões difíceis de precisar.	Capital cultural, capital de experiência extrapola a leitura de livros.

3.2 A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	[...] <i>lá no ensino fundamental e médio, ele lê e responde questões determinadas, os textos não exigem criatividade.</i>	Ensino fundamental e médio insuficiente.	O grande mal está na educação básica.
E2	[...] <i>Às vezes o aluno se mostra apático aos conteúdos [...]; [...] a medida que o aluno é passivos não cobra muito do professor, a tendência é o professor se acomodar também; [...] temos que puxar mais dele, ficar mais tempo em sala.</i>	1. O não envolvimento do aluno demonstrando apatia aos conteúdos; 2. O professor é influenciado pela passividade dos discentes.	1. Aluno é passivo; 2. Cobrança de professor para com aluno e vice-versa para melhorar a aprendizagem.
E3	[...] <i>crianças que detêm uma situação socioeconômica melhor carregam uma bagagem cultural maior [...].</i>	O contexto social, cultural e econômico interfere no contexto da leitura.	A erudição é limitada por fatores externos ao indivíduo.
E4	<i>Eu, por exemplo, hoje gosto de música clássica por causa de uma tia [...]; [...] formação cultural, sobre seus contextos familiares, tudo isso é importante.</i>	Contexto cultural e social interfere na aprendizagem.	Os acessos informacionais limitam ou ampliam os capitais culturais.

4 Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho/estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	<i>[...] atrapalha um pouco, mas, não ao ponto de jogar toda culpa nesse fato. [...] a maioria dos nossos estudantes tem o estágio remunerado como complementação de renda familiar. [...] é a falta de sentimento de pertença ao curso que interfere, determina. [...] se isso não acontece nada vai interessá-lo.</i>	1. O aluno não desenvolve uma relação de afetividade com o que está estudando. 2. Depende do estágio para complementação de renda.	É uma questão subjetiva, pessoal, de escolhas, preferências, prioridades.
E2	<i>[...] o fato de que trabalhar implica na falta de tempo para seus estudos. [...] eu acho que atrapalha e muito.</i>	1. O trabalho prejudica a aprendizagem do aluno, tomando-o tempo do aluno.	Os alunos não acompanham as atividades pela falta de tempo.
E3	<i>[...] é um pouco positivo, porque ele vai criando uma aprendizagem profissional [...]; [...] o aluno de Biblioteconomia precisa dessa renda; [...] o aluno por sua vez prefere agradecer ao empregador ao professor.</i>	1. Uma relação de dependência para com a remuneração que o estágio oferece. 2. O estágio assume uma posição de prioridade na vida do estudante.	Um pouco positivo para experiência do aluno que o torna dependente da remuneração financeira.
E4	<i>[...] cada caso é um caso [...] eu não sei se existe justificativa para o aluno não obter êxito nas disciplinas [...], [...] é uma estrutura muito complexa que a gente não pode chegar aí generaliza.</i>	1. É uma questão subjetiva, pertence a uma conjuntura complexa.	É da ordem das subjetividades.

5 Saindo desse ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	<i>[...] é uma questão de afetividade com o curso [...] o aluno finge que estuda, vai embora, está aqui apenas para tirar uma média, uma nota [...]; [...] ele mesmo se exclui na universidade [...]; [...] não se envolve com nada que diz respeito à área. [...] ele não tem como falar bem deste curso, com prazer [...].</i>	1. O aluno não tem comportamentos de prazer com o curso. 2. Não participa de eventos porque não tem afetividade com a Biblioteconomia.	1. Falta de afetividade. 2. Falta de autonomia. 3. Age em função de nota.
E2	<i>[...] o bolsista de pesquisa, por que é ele quem estuda mais, ele apresenta uma determinada diferença [...].</i>	O destaque é para os bolsistas de pesquisas.	Estudantes engajados em programas, projetos apresentam um diferencial.
E3	<i>[...] esse interesse é da maioria [...]; [...] o aluno não se envolve, não se interessa [...]; [...] ele não luta pelo seu próprio interesse [...]; [...] existe pouco envolvimento por parte dos alunos.</i>	Não há participação dos alunos.	Os alunos deveriam ter essa consciência de participação.
E4	<i>[...] só posso avaliar os lugares em que estou presente.</i>	Pouca representatividade	-----

6 Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?

	EXPRESSÕES – CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
E1	<i>[...] eu não acredito que a condição socioeconômica vai influenciar na compreensão [...]; [...] é a formação que ele teve na educação básica [...]; [...] não é porque uma pessoa nasceu de baixa renda que ele não vai gostar de ler.</i>	A situação socioeconômica não influencia na compreensão da leitura.	Educação fundamental e o ensino médio.
E2	<i>Eu acho que interfere [...]; a gente vê o aluno reclamando que não tem dinheiro nem para tirar xérox dos textos; [...] a questão socioeconômica tem sua parcela de culpa na aprendizagem sim.</i>	A situação socioeconômica interfere na aprendizagem de leitura.	Questão socioeconômica interfere.
E3	<i>[...] a condição socioeconômica não é determinante, não totalmente. Pode interferir [...]; [...] o esforço, a força de vontade pode superar muitas dificuldades [...].</i>	Interfere parcialmente, mas não a determina.	-
E4	<i>[...] eu não acredito que apenas a condição socioeconômica possa determinar o desenvolvimento de uma habilidade.</i>	Não interfere no desenvolvimento de habilidades.	-

6 SUGESTÕES E CONCLUSÕES

Diante das características e resultados constatados na pesquisa: as acentuadas dificuldades de leitura por parte dos alunos, o não contentamento dos professores diante do pouco envolvimento desses com o curso, a falta de motivação, um baixo rendimento acadêmico relatado tanto pelo os professores como pelos alunos. O perfil socioeconômico dos alunos denuncia sua trajetória escolar em que não propiciou aprendizagens condizentes ou suficientes para um entendimento dos conteúdos acadêmicos.

Há de se reconhecer o esforço da parte dos professores relacionados à temática da leitura, podemos citar como exemplo a disciplina Teoria e Prática da leitura uma disciplina que antes era optativa agora passa a ser obrigatória está propiciando momentos de reflexões, de questionamentos, a respeito do relacionamento do discente com a leitura. As histórias de vidas, os relatos das experiências individuais com a leitura possibilitam o diálogo entre aluno e professor colaborando para uma maior aprendizagem do discente.

A universidade deve viabilizar através de Programas, Projetos de extensão em que a temática leitura seja alvo de suas ações e que os primeiros beneficiados sejam os próprios alunos da universidade que venham ter essas deficiências de leitura acarretadas pela sua pregressa vida escolar. A ausência de conduta e procedimentos sistemáticos de cunho institucional não contribui para o sucesso acadêmico dos alunos, principalmente para aqueles que não tiveram oportunidades de aprendizagem na educação básica.

Como exemplo, o Projeto Nacional de Incentivo a Leitura PROLER-CE, na responsabilidade do Departamento de Ciência da Informação, curso de Biblioteconomia, tem possibilidades de contribuir de maneira direta para aprendizagem dos discentes da área. Pois suas diretrizes segundo sua coordenadora (uma das professoras do curso de Biblioteconomia) dizem respeito à promoção do interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania; promover políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura; articular ações de incentivo à Leitura

entre diversos setores da sociedade e viabilizar a realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita. Que podem ter como público alvo os próprios estudantes do curso.

A de se considerar a especificidade de cada grupo, o conhecimento do contexto cultural, social dos alunos, a própria estima dos alunos são possibilidades que tornam possíveis o conhecimento das reais condições de produção de leitura, para que se faça morrer alguns mitos em torno da relação estudante e leitura no curso de Biblioteconomia da UFC e se encontre caminhos para a solução (em termos) de verdadeiros empecilhos à aprendizagem dos universitários.

A educação do ensino superior no país caracteriza-se como uma oportunidade para poucos. A permanência na mesma com uma real aprendizagem e desempenho acadêmico sofre influências externas e muitas podem até determinar a qualidade da aprendizagem de alguns estudantes. Muito embora, alguns professores, não compactuem dessa relação entre condição socioeconômica e aprendizagem. São visíveis seus efeitos na vida acadêmica de muitos universitários.

Ao se mesclar tal fator com outros de gravidade tão relevante quanto o mencionado acima (sociais, econômicas existentes no país, com as condições da rede pública de educação básica) não teremos um resultado satisfatório na formação desses discentes.

A pesquisa mostrou que o nível de compreensão de leitura dos alunos, principalmente as de cunho científico e filosófico, não corresponde às expectativas de aprendizagem dos alunos e nem as dos professores. O grau de dificuldade apontado foi significativo. Os professores foram unânimes em dizer que os discentes não conseguem chegar a um nível de letramento exigido pela academia, não possuem características de leitores ativos e competentes, reconhecidos como sujeitos passivos, e não como alunos que constroem pensamento reflexivo, crítico, concordando ou discordando a respeito do que estão lendo, não conseguindo assim fazer uso da leitura. É contundente o que relatou um professor entrevistado: [...] *Ele lê o signo lingüístico, os códigos, [...], são pouquíssimos os alunos que têm uma compreensão do texto.*

A ausência de motivação, empenho, interesse, envolvimento com o curso e assuntos correlatos à área, foi apontada como os principais fatores da não aprendizagem dos alunos, tendo a leitura um destaque especial, pois é através da mesma (principalmente).

Foi constatado que os professores trabalham com diferentes métodos didáticos referentes à leitura. A leitura é vista como algo imprescindível, é atribuída atribuem à mesma um alto grau de importância para aprendizagem dos discentes. O nível de compreensão dos alunos é analisado através da feitura de seminários, resumos, provas escritas e o posicionamento crítico em sala diante dos conteúdos apresentados pelos professores.

O aluno reconhece a importância da leitura para sua formação, os estudantes têm o acesso à biblioteca universitária é consciente da importância de atividades acadêmica extra-sala de aula, no entanto, esses comportamentos não significaram uma real contribuição para sua aprendizagem, pois as dificuldades, interferências são bem parecidas entre os primeiros e os últimos semestres, ou seja, não condicionou melhoria em suas aprendizagem.

O perfil dos estudantes do curso de Biblioteconomia retrata que o aluno não está envolvido com essa área do conhecimento. Denotando, portanto, para os professores que chegaram ao curso por acaso, sem justificativas coerentes para a escolha da futura profissão. A baixa concorrência ou a falta de oportunidade de ingressar no curso de seu interesse podem descortinar e revelar indícios de explicações do pouco envolvimento com a Biblioteconomia.

A conclusão desta pesquisa também traz a luz as seguintes observações: a dificuldade de realização das atividades acadêmicas também são atribuídas ao cansaço físico ocasionado pelo acúmulo de atividades extra-faculdade, falta de tempo, falta de conhecimento de termos científicos, dispersão, dificuldades de concentração, ausência de material como livros, acesso a internet, são carências apresentadas pelos próprios alunos.

Observou-se que os alunos são oriundos de escolas públicas, os pais com escolaridade baixa, entre o ensino fundamental e médio. Os estudantes declaram o gosto

por leitura, contudo, esse sentimento não está refletido nos dados coletados em relação ao tempo dedicado à leitura, na dificuldade extrema em compreender o que se lê.

Poucos foram os que responderam não ter dificuldades ao desenvolver a leitura de textos científicos complexos, o que é testemunhado, cotidianamente pelos professores durante as aulas, em atividades de leitura, em apresentações orais e escritas, exibem dificuldades na construção de argumentos, na confecção de resumos, em sintetizar pensamentos e idéias, em detectar e resolver situações-problema, estabelecer relações, tudo isso aliado à falta de técnicas alternativas para estudar. Ao se expressarem na aplicação dos questionários, percebe-se a baixa estima quanto às próprias potencialidades e habilidades. As evidências mostram a necessidade do desenvolvimento de esquemas intelectuais necessários à abstração e estratégias de aprendizagem que subsidie o aluno em resolver situações-problema.

Um número expressivo de estudantes é sustentado pela família (dos inquiridos), muito embora alguns possam acumular outras fontes de rendimento como bolsas, estágios no decorrer de sua formação. Constatou-se que é na universidade que dá-se a primeira experiência profissional do acadêmico.

A solução para o que foi exposto não é das mais simples, ao contrário, são questões complexas que merecem ações eficazes para que o nível do ensino superior eleve-se, é preciso acreditar na missão da universidade: formar estudantes com autonomia na sua aprendizagem, co-responsáveis pela busca e construção do conhecimento.

Percebeu-se a influência da condição socioeconômica em todas as situações acadêmicas dos estudantes de Biblioteconomia ainda que de forma indiretas, muitas vezes não percebidas nem por alunos ou professores as marcas da origem humilde dentro da academia são visíveis, muito embora não determine sua aprendizagem. O esforço, a determinação e o aproveitamento das oportunidades e benefícios que a universidade propicia como as bolsas de trabalho, de pesquisa e de extensão, podem suavizar as dificuldades na vida daqueles que não dispõem do mínimo necessário para permanecer no ensino superior, pois apesar de a Universidade ser gratuita, é preciso o custeio de transporte, alimentação e material para estudo para a permanência na graduação.

A família, a escola em que estudaram as próprias condições de estudo em casa, as relações construídas com a leitura durante o tempo da educação básica em um sistema de educação pública, a própria estima do aluno são fatores que estão de alguma maneira imbricados com o perfil estudantil atual do aluno. São relevantes as palavras de Zago (2006, p.07) quando questiona:

O acesso à universidade, sim, e depois? Não basta ter acesso ao ensino superior, mesmo sendo público (...) torna-se redutor considerar indiscriminadamente os casos de estudantes que têm acesso ao ensino superior como o de sucesso escolar.

Finalizando com o pensamento de Dauster, uma estudiosa do ingresso e a permanência de alunos de origens humilde nas universidades públicas:

[...] a permanência na universidade, na qual as transmissões de conhecimento acadêmico são fortemente enraizadas na cultura escrita, devem constituir-se como uma seqüência deste rito [a vitória no vestibular], que vai exigir grande ênfase na produção e leitura de textos, cabendo à universidade propor um trabalho curricular que garanta à apropriação dos códigos da cultura escrita acadêmica. (DAUSTER, 2002, p.36).

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, A. T. de et al. Índice de status socioeconômico da família da mulher grávida... **Rev. Saúde pública.** São Paulo, v. 7, p.351-67, 1973.
- BARROS, Maria Helena T. C. O bibliotecário e o ato de ler, In: SILVA, E. T. *O bibliotecário e a análise dos problemas da leitura.* Cad. da ALB, Campinas: Mercado Aberto, v.1, p. 31-36,1986.
- BENOTTO, Marta E. K. Kling; FERREIRA, Glória Isabel Sattmini; VAN DER LAAN, Regina Helena. A presença da leitura na área de Organização e tratamento da Informação. In: SANTOS, Jussara Pereira. (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 77.
- BOFF, Leonardo. **Frases de Impacto.** Disponível em: <http://www.geocities.com/frasesdeimpacto/leonardo.html>. Acesso em: 13/02/07.
- BOGAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Kopp. **Investigação qualitativa em educação.** Tradução de Maria J. Alvarez, Sara B. dos Santos e Telmo M. Batista. Porto (Portugal): Porto Editora 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p 297-305.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: 1997-1998. Disponível em: www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/lista.asp?. Acesso em 02 de Fev./2007.
- CARELLI, A. E., BARTALO, L., CRUZ, V. A. G. *et al*: **Leitura na universidade: resultados preliminares de um estudo.** Londrina: Universidade Estadual, 2004. Ed. UEL. Disponível em: [estudo. http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html](http://snbu.bvs.br/snbu2000/parallel.html) . Acesso em: 26 Dez.2006.
- CARVALHO, Ana Maria Sá de. **Leitura, saberes e transformação pedagógica: o que considerar nesse contexto.** In: **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação.** SANTOS, Jussara Pereira (Org.). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 77.
- CAZELLI, Sibebe. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC, 2005. Disponível em: www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/download/Tese_Sibebe_05.pdf. Acesso em: 02 de Jan.2007.
- CHARTIER, Anne Marie. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita.** Tradução

Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLL, C. A leitura na sociedade da informação. [2004?] **Psicología de la educación y prácticas educativas mediadas por las tecnologías de la información y la comunicación.** Disponível em:

<<http://www.edicoessm.com.br/ArchivosColegios/ALeituranasociedadedainformacao>>
Acessado em: 15 de jan./2007.

COMISSÃO COORDENADORA DO VESTIBULAR (CCV) / UFC. **Questionários socioeconômicos dos vestibulares de 2005, 2006,2007.** 14 Abri. 2007.

COSTA, Patrícia. **Hábitos de leitura e compreensão de textos:** uma análise da realidade de Pós-graduados em administração. Santa Maria, RS, 2006. p.01-18. Disponível em: <www.ufsm.br/adm/mestrado/Dissertacoes/Patr%EDcia/COSTA,%20Patr%EDcia.pdf>
Acesso em: 05 de Mar/2007.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa.** Fortaleza: EUFC, 1993, p. 105-120.

DAUSTER, Tânia. **A invenção do leitor acadêmico.** PUC/Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/educacao/downloads/livro.pdf>>. Acesso em: 03 de mar.2007, 15: 30.

FARIAS, Mônica Façanha. **Atos de leitura no contexto acadêmico:** discursos e práticas no curso noturno de pedagogia. Fortaleza, 2006.179f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação brasileira, Universidade Federal do Ceará, 2006.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça B. B. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicol. Reflex. Crit.** v.18, n.3. Porto Alegre, set./dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a04.pdf>. Acesso em: 28 Dez. 2006.

FERREIRA, Buarque de Holanda. **Novo dicionário de língua portuguesa.** Aurélio: versão 5.0. 3. ed. (versão eletrônica em CD-ROM) autorizada à Positiva informática . 2004.

FONTELES, A. R. Ações Afirmativas. **Universidade Pública.** v. 5, n. 28, p.14-17, nov./dez 2005.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno Profissional da Informação. Elementos para sua formação no Brasil. **Rev. Transinformação,** UNESP, v.9, n.1. abril 1997.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da Informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIN, Marta Ligia (Org.). **O profissional da informação, formação, perfil e atuação profissional.** São Paulo: Polis 2000.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Os conceitos dos termos de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Rev. Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.** São Paulo, v.26, n.1, p.100-114, jan./fev. 1993.

GERBER, Márcia Regina; SPONHOL Iria; VOLKER, Taciana Bylaardt. Propósito de Leitura e tipo de texto na geração de inferências. **Rev. Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa: Linguística e Literatura**, v. 3, n. 5, 2º Sem. 2006. Disponível em: <www.letramagna.com/leitura.pdf> Acesso em: 15 de Jan./2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

GISI, Maria Lourdes. A educação Superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência. **Revista Diálogos**. Curitiba, v.6, n.17, p.97-112, jan./abr. 2006.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologia qualitativa na sociologia**. 4ª. ed. Petrópolis – RJ. Ed. Vozes, 1995.

KATO, Mary A. **O aprendizado da leitura**_4ª ed. São Paulo - SP: Martins Fontes, 1995.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

_____. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. **Habilidades de leitura com deferentes tipos de textos nas séries iniciais** – UFSC - Disponível em: <teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/3005.pdf>. Acesso em: 12 de Jan./2007.

LENCASTRE, Leonor. **Leitura: a compreensão de textos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 200 -234.

LIRA, Elda Lopes. **Contribuição do profissional bibliotecário na formação do discente de graduação na universidade**. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MACEDO, N. D. de. Reflexão sobre educação contínua para o Bibliotecário. **Rev. Bras. Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo – SP, v.18, n.1/2, p.56-61, junho 1985.

MARINHO, Raimunda Ramos. **Biblioteconomia, Legitimação Científica: Elementos para discussão**. Rev. Biblioteconomia, São Luiz – MA. v.1, p.35-42, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 93p.

MAZZETTO, Selma Elaine; CARNEIRO, Claudia Christina Bravo e Sá. Licenciatura em Química da UFC: perfil sócio-econômico, evasão e desempenho dos alunos. **Quim. Nova**, vol. 25, n. 6, p. 1204-1210. 2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13.pdf. Acesso em: 12 nov.2006.

MOURA, Eduardo de Sousa; MATSUDO, Sandra Machado; ROQUE, Douglas. Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU. **Rev. Bras. Ciên. e Mov**. Brasília v. 9 n. 2 p. abril 2001.

OLIVEIRA, Katya Luciane; SANTOS, A.A.A. Compreensão em Leitura e Avaliação da Aprendizagem em Universitários. **Rev. Psicologia: Reflexão e crítica**, 2005, v.18 n.1, p.118-124. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?>> Acesso em 15 de Fev.2006.

ORLANDI, E. (Org.). **A leitura e os leitores**. São Paulo: Pontes, 1998.

PAVÃO, Andréa. **Inclusão e exclusão das camadas populares na universidade**: o papel da leitura e da escrita. p. 76 -125. 280f. (Tese de doutorado) Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2004. Disponível em: < www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/5665_1.PDF?>. Acessado em: 21 de dez. de 2006.

PONTES, Rute Batista de; VALLO, Else Benetti. Leitura do Bibliotecário Acadêmico: formação e atuação. **Transinformação**, v.10, n.3, p. 45-72, set./dez. 1998.

GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Pulcinelli; OTONI, Paulo. **O texto**: escrita e leitura. Campinas, SP: Pontes, 1988.

RICHARDSON, Eoberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Saraiva. 1989.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 10ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAMPAIO, Isabel S.; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Compreensão em leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. **Psicologia: reflexão e crítica**, 2005, 18(1), p.118-124. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13.pdf. Acesso em: 02 Dez 2006.

SAMPAIO, Isabel S.; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Leitura e redação entre universitários: avaliação de um Programa de intervenção. **Psicologia em estudo**. 2002, v.7, n. 1, p. 31-38, jan./jun.2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13.pdf. Acesso em: 02 Dez 2006.

SANTOS, Eva Catalina Pierotti dos. Compreensão de leitura: aplicação da técnica de cloze em estudantes universitários. **A pedagogia das competências no ideário da formação de professores**. **Intellectus – Revi. Acadêmica Digital das Faculdades Unopec**. Sumaré-SP, vol.2, n. 04, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.unopec.com.br/revistaintellectus/>. Acesso em: 05 Abr.2007.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Desempenho em leitura: um estudo diagnóstico da compreensão e hábitos de leitura entre universitário. **Reflexão e crítica**. 1991, v.18 n.1, p.11-22. Disponível em: <pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?>. Acesso em: 24 de jan/2007.

_____. Leitura e redação entre os universitários: avaliação de um programa de intervenção. **Psicol. estud.**v.7 n.1 Maringá Jan./Jun.2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a04.pdf>. Acesso em: 02 Dez.2006.

SALES, Cecelina de Maria Veras. (Coor.). **Relatório parcial da pesquisa universidade pública: (re) conhecendo diferenças**. UFC. Pró-Reitoria de Extensão. Out. 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, E. T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987. 104 p.

SILVA, E. T. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, p. 58–98, 1998.

_____. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 104 p. (Série Novas Perspectivas).

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1993.

_____. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990. 116p.

_____. **Modernização e Biblioteconomia nova no Brasil**. Florianópolis: NUP/CEDI/UFSC, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

UNESCO (Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Tendência da Educação Superior para o Século XXI**. Declaração Mundial sobre Educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades de aprendizagem. Anais da conferência Mundial sobre Educação Superior. Paris, 5 a 9 de outubro de 1998. Brasília, UNESCO/CRUB, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Perfil socioeconômico e cultural do estudante de graduação da Universidade Federal do Ceará. **Novos documentos universitários**. nº1, 1999.

VIANA, Fernanda Leopoldina Parente. **Da linguagem oral à leitura: construção e validação do teste de identificação de competências lingüísticas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 378p. (Série de Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas da Fundação Calouste Gulbekian).

VENDRAMINI, Claudete Maria Medeiros et al. Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). **Estudos de Psicologia**. Maio/Ago.2004, v.9 n.2, p. 259-268. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a07v9n2.pdf >. Acesso em: 15 Jan.2007.

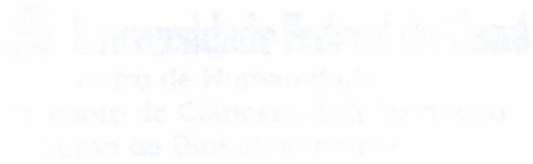
YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

WITTER, G. P. **Leitura e universidade**, Campinas, São Paulo: Alínea, 1997.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.** vol. 11 n.32. Rio de Janeiro, Maio/Ago. 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988. 146p. (Coleção Repensando o Ensino.).

ANEXO I - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DE MATA CADAÍMA



QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo avaliar a percepção dos visitantes sobre o Parque Nacional de Mata Cadaíma, bem como a satisfação com os serviços oferecidos pelo Parque. O questionário é composto por 15 questões, sendo que as questões 1 a 10 são de natureza quantitativa e as questões 11 a 15 são de natureza qualitativa.

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____

ANEXOS

- 1. Mapa do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 2. Regulamento do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 3. Regulamento do Parque Nacional de Serra das Araras
- 4. Regulamento do Parque Nacional de Serra da Capivara
- 5. Regulamento do Parque Nacional de Serra do Mar

ANEXO II

- 1. Mapa do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 2. Regulamento do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 3. Regulamento do Parque Nacional de Serra das Araras
- 4. Regulamento do Parque Nacional de Serra da Capivara
- 5. Regulamento do Parque Nacional de Serra do Mar

ANEXO III

- 1. Mapa do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 2. Regulamento do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 3. Regulamento do Parque Nacional de Serra das Araras
- 4. Regulamento do Parque Nacional de Serra da Capivara
- 5. Regulamento do Parque Nacional de Serra do Mar

ANEXO IV

- 1. Mapa do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 2. Regulamento do Parque Nacional de Mata Cadaíma
- 3. Regulamento do Parque Nacional de Serra das Araras
- 4. Regulamento do Parque Nacional de Serra da Capivara
- 5. Regulamento do Parque Nacional de Serra do Mar

**ANEXO 1 - MODELO DO QUESTIONÁRIO ELABORADO PARA OS ALUNOS DE
BIBLIOTECOMIA**



Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidade
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

Prezado colega,

Solicito sua valorosa colaboração para responder este questionário socioeconômico que será utilizado na minha pesquisa de monografia “Interferências socioeconômicas nas habilidades de leitura e de aprendizagem”.

Antecipadamente agradeço sua participação.

Tatiana Apolinário Camurça
Aluna/pesquisadora
Orientadora: Prof^a Fátima Portela Cysne

SEMESTRES/PROFESSORES

I: Professor Antônio Wagner Chacon

II: Ana Sá de Carvalho

V: Virgínia Bentes Pinto

VII: Ivone Bastos Bonfim Andrade

I - Identificação

Semestre: _____

1. Idade:

- a) menos de 20 anos -
- b) entre 20 e 25 anos
- c) entre de 25 e 30 anos
- d) Mais de 30 anos

2. Residência própria

- a) sim
- b) não

3. Mora com:

- a) pais
- b) conjugue
- c) residência univ.
- d) amigos
- e) parentes
- f) só

g) () outros

Situação profissional/estudantil remunerada?

- | | | |
|-----------------|------------|------------|
| Trabalha | a) sim () | b) não () |
| Estágio | a) sim () | b) não () |
| Bolsa | a) sim () | b) não () |

7. Remuneração:

- a) () entre 01 e 02 salários
 b) () entre 02 e 04 salários
 c) () mais de 04 salários
 d) () menos de um salário
 e) () sem remuneração

8. Depende financeiramente do trabalho/estágio para se manter na Universidade?

- a) () sim
 b) () não

9. Carga horária no trabalho/estágio por semana

- a) () até 20 horas
 b) () até 25 horas
 c) () até 46 horas

III Formação escolar

10. Estudou o ensino médio em:

- a) () escola pública
 b) () escola particular sem bolsa
 c) () escola particular com bolsa
 d) () outros

IV Perfil familiar

11. Qual é o nível escolar de seus pais?

- a) () ensino primário (apenas alfabetizado)
 b) () ensino fundamental completo
 c) () ensino fundamental incompleto
 d) () ensino médio completo
 e) () ensino médio incompleto
 f) () ensino superior completo

12. Renda familiar:

- a) até 2 salários ()
 b) de 2 salários até 5 salários ()

- c) mais de 05 salários ()
- d) sem remuneração ()
- e) menos de 01 salário ()

13. Quantidade de pessoas que mora em casa:

- a) 01 a 03 pessoas ()
- b) de 03 a 05 pessoas ()
- c) mais de 05 pessoas ()

14. Filhos?

- a) sim ()
- b) não ()

V Hábitos Acadêmicos e Pessoais

15. Quantas horas por dia dedicam à leitura na universidade: - vontade própria

- a) nenhuma hora - 0
- b) de 01 a 02 horas - 11
- c) mais de 02 horas - 0

16. E fora da universidade:

- a) nenhuma hora
- b) de 01 a 02 horas
- c) mais de 02 horas

17. Você considera suficientes os conhecimentos adquiridos nas escolas para sua aprendizagem na Universidade?

- a) sim ()
- b) não ()

18. Por quê?

19. Você considera suficiente o tempo que dispõe para ler a maioria do material requerido pela Universidade?

- a) sim ()
- b) não ()

20. Por quê?

21. Que tipo de leitura sente mais dificuldade de compreensão?

- a) nenhum tipo de leitura ()
- b) leituras filosóficas ()
- c) leitura técnica /científica ()
- d) Literatura ()
- e) outras ()

22. Que tipo de leitura sente mais facilidade?

- a) nenhum tipo de leitura ()
- b) leituras filosóficas ()
- c) leitura técnica científica ()
- d) Literatura ()
- e) outras ()

23. Gosta de escrever?

- a) sim ()
- b) não-()

24. O quê?

- a) Sobre assuntos que não dizem respeito às disciplinas do Curso ()
- b) Sobre assuntos que dizem respeito às disciplinas do Curso ()

25. Costuma comprar livros?

- a) sim ()
- b) não ()

26. Se assinalou sim:

- a) ligados a sua área de estudo ()
- b) outros temas ()
- c) considero importante e fundamental adquirir livros ()
- d) sou obrigado a adquirir livros novos constantemente ()
- e) sempre cultivei esse hábito de comprar livros ()
- f) não encontro livros que preciso nas bibliotecas ()

27. Se assinalou não:

- a) não tenho esse hábito ()
- b) não preciso, pois utilizo as bibliotecas da universidade ()
- c) não possuo recursos financeiros suficientes para isso ()
- d) não considero importante e fundamenta ()

28. Freqüenta biblioteca?

- a) sim ()
- b) não ()

29. Qual?

- a) Bibliotecas universitárias ()
- b) Bibliotecas Públicas ()
- c) Outras ()

30. Com que finalidade?

- a) sem finalidade definida ()
- b) estudos ligados às disciplinas do curso ()
- c) sempre que precisa de informação ()

31. Quando e qual foi o último livro que você comprou?

- a) não lembro ()
- b) 01 mês atrás ()
- c) 02 a 03 meses atrás ()
- d) mais de ano atrás ()

32. Qual foi o último livro que você leu?

33. O que faz quando sente dificuldade na compreensão de leitura?

- a) Faz uso de dicionário ()
- b) procura ajuda de professores ()
- c) procura ajuda em outros livros ()
- d) procura ajuda de outras pessoas ()
- e) desiste de compreender a Leitura ()

34. Qual é a disciplina que você mais sente dificuldade de entender?

35. Por quê?

- a) O problema é referente ao tipo de textos ()
- b) Problema de didática do professor ()
- c) Outros ()

36. Você considera que já escreveu algum trabalho de cunho científico?

- a) Sim ()
- b) Não ()

37. Qual o autor (a) ou autores (as) que você sentiu mais dificuldade de entender?

38. Como conseguiu resolver o problema?

39. O quê você considera como principal obstáculo para melhorar suas habilidades de leitura?

40. Que grau de influência a sua condição socioeconômica interfere nas suas habilidades de leitura?

- a) pouco ()
- b) muito ()
- c) nenhuma ()

41. Por quê?

42. Você costuma participar de eventos que a Universidade promove?

- a) sim ()
- b) não ()

43. Por quê?

44. Assinale quais os eventos dentre os listados abaixo:

- a) esportivos ()
- b) culturais ()
- c) científicos ()
- d) sociais ()
- e) Outros ()

ANEXO 2 - ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

E1 - Um dos professores que mais está envolvido com projetos de pesquisa no Curso. No momento, coordena dois projetos de pesquisa dos quais também contam com a participação de dois bolsistas de pesquisa e um e extensão.

Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?

R - Eu acho que pelo fato do aluno de Biblioteconomia vir de uma escola pública, na sua maioria, então ele ainda tem muito a desejar com relação daquilo que ele está lendo, ele ainda não compreende. Ele lê o signo lingüístico, os códigos, mas nem todos, são pouquíssimos alunos que têm uma compreensão do texto que eles estão lendo. Quando se trabalha com seminários, por exemplo, que ai eles vão discutir entre eles, e eu acho que eles decoram muitas coisas dos seminários, mas quando vão discutir realmente os textos em sala de aula, eles não conseguem fazer uma ponte entre o texto que eles leram a própria Biblioteconomia, com a própria situação deles no mercado. Eles não conseguem fazer as pontes, por exemplo: Na disciplina de análise não existe uma ligação com outras disciplinas que eles estudaram, então eles não conseguem compreender os textos que são passados em sala de aula, pelo menos na área que eu trabalho é assim que eu percebo.

02. Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?

R-Eu acho que a principal dificuldade de aprendizado que eu percebo é primeiro: a compreensão do que é para ser desenvolvido ao se pedir a elaboração de uma determinada atividade. Por exemplo: fazer um projeto de pesquisa que tem todo um esqueleto a ser preenchido, uma grade que você precisa trabalhar. O aluno sabe a grade, mas, ele não sabe preencher aquela grade, entendeu? Ele sabe que num projeto têm que ter uma problemática, a justificativa, os objetivos. Mas ele não sabe construir, é difícil pra ele. Talvez por ser difícil mesmo. Por outro lado, os alunos de análise de informação [uma disciplina obrigatória do 5º semestre] eles não conseguem entender o porquê de seu fazer, por que ele tem de construir aquelas pistas. Eles não entendem que as palavras têm sentidos de uso, sentidos culturais, então quando você recorta do texto, eles podem perder os sentidos, isso é um exemplo de como eles sentem dificuldade de entender a aplicabilidade da teoria na prática. Parece-me que para eles a prática é uma coisa que pode ser feito de qualquer modo, de qualquer jeito, o que não é verdade. É isso é uma questão séria da Biblioteconomia, das pessoas colocarem a prática como se fossem uma coisa menor e dialeticamente falando você não distancia teoria de prática, isso é uma coisa absurda.

03. Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresenta, em sua visão, qual é a que você considera maior?

R- Eu acho que a maior dificuldade de aprendizagem para esses estudantes é a falta de motivação para área que eles estão envolvidos. Eles não têm pertença com essa área. Os estudantes de Biblioteconomia só fazem este curso por que oferece muitos estágios aos estudantes, por isso, por isso é por qualquer outro motivo... Se você perguntar: Por que você está fazendo Biblioteconomia? Eles não vão te responder:- Porque eu gosto. Nenhum deles vai dizer: Eu escolhi este curso por ser uma área boa. Porque eu acredito que a Biblioteconomia é uma área em ascensão. Por que é uma área que eu vou me identificar.

Porque eu gosto de Biblioteconomia, nenhum deles vai te responder isso. A Biblioteconomia é uma área que necessariamente trabalha com leitura, necessariamente e o aluno só vai ler se ele tiver sentimento de pertença com isso, caso contrário... Uma leitura de compreensão significa uma leitura crítica, né? Então, se eu não tenho afinidade como eu vou enxergar outras possibilidades, outros horizontes em uma área da qual eu não gosto? Não quero fazer parte? Se eu não estou motivado, é impossível. Por exemplo: semestralmente, em minha disciplina eu peço para que os alunos façam, teorizem um sistema de recuperação de informação. Mas os alunos só o fazem por que tem uma nota, né? Eles não acreditam no que estão fazendo, fazem por fazer, eles não vêem isso na aplicabilidade no mercado. [...] Se o aluno não tem essa compreensão teórica, o aluno vai decorar para fazer, por que você não entra no modelo teórico de construção e isso é a grande dificuldade que eles têm.

3.1 Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações/deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?

*R – Claro. Porque que eles têm essas dificuldades? Porque ele só lê o código lingüístico, mas eles não conseguem fazer a leitura signica daquilo que eles estão lendo. Eles não conseguem fazer a leitura do que eles estão lendo, eles trabalham dissociados de uma prática onde ele não entende. Ele faz por fazer ele não tem nenhum entendimento do que está fazendo. Ele não sabe fazer esses elos entre cada pedaço da área, eles percebem as disciplinas isoladas. Por exemplo: Eles não observam as disciplinas do quarto semestre, do primeiro semestre se relacionando. Eles não estudam essas disciplinas aleatoriamente, não é dissociada uma da outra, pelo contrário; se você estuda teoria da comunicação hoje, nesse semestre, é por que amanhã você vai construir uma linguagem para determinada sociedade, todo serviço de informação é para uma determinada sociedade, para uma determinada cultura. [...] Os alunos de Biblioteconomia, quando eu dou um texto, eles apresentam os seus seminários e não conseguem fazer um link com o mundo real. É a falta de leitura no sentido **signico**. Eles lêem à palavra escrita, mas eles não conseguem captar a mensagem, não lêem as entrelinhas, eles não produzem o sentido a parti do que eles estão lendo. Por que os alunos não compreendem. E você sabe só se produz sentido a parti de uma compreensão do escrito. Eu acho que isso é uma falha do ensino básico, vem lá da base, sabe?*

3.2 A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações?

R-Eu acho que o calo acontece desde o ensino fundamental e médio. Por quê? Porque lá no ensino fundamental e médio ele lê e responde questões, textos sem criatividade. É a praga das fichas de leitura. É o grande mal que acontece no ensino fundamental e médio. Ai o aluno chega aqui na universidade e não entende realmente nada. Eu converso com os alunos e ele não entende nada. Ele não tem o hábito se perguntar. O que é isso? Para que serve isso? O que eu vou fazer com isso? Qual é a importância disso? O que o autor está querendo dizer? Não existem essas coisas. Aqui na universidade é assim, é diferente, você tem que entender o conceito. O aluno não entende o que é pesquisa, ele pensa que é uma coisa dissociada da vida dele [...]. O aluno tem que ser criativo. A universidade tem esse papel de elevar o nível da educação do ensino fundamental e médio, sendo que não é esse o seu papel, esse papel seria da escola, mas isso não acontece. Agora, aqui na universidade temos que ensinar o aluno a ser crítico, a fazer perguntas, a ser criativo, né? É muito

complicado... Porque não existe essa mágica da criatividade, casos contrários seriam grandes pintores, artísticos... Isso é uma coisa que na o existe.

04. Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho/estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?

R – Eu acho que não é só isto. Isto influencia, mas não é só isto. A grande questão da aprendizagem eu vou repetir: é a falta de sentimento de pertença ao curso. Se não existe esse sentimento, o aluno não vai estar motivado, se isso não acontece nada vai interessá-lo. Por exemplo: os estudantes da área da saúde fazem estágios, são obrigados a fazer estágios em hospitais, em clínicas e com uma diferença: os estágios dos estudantes da área da saúde são para virar noites, plantões em finais de semana. E eles têm aulas pela manhã e tarde e te pergunto: Como é que eles dão conta? Você tá entendendo como é que é? Então, não é o caso do estágio que atrapalha na aprendizagem. É claro que atrapalha um pouco, mas não aponto de se jogar toda a culpa nesse fato. Porque no nosso caso, na nossa área, acredito eu, estou falando sem base, ei não fiz nenhuma pesquisa, mas eu acho que a maioria dos nossos estudantes tem o estágio como uma complementação de renda familiar. Ele passa a ser um emprego (o estágio) e o outro lado fica esquecido (o estudo) então isso aí é uma situação difícil... Mas eu acho que não chega a prejudicar, não atrapalha. Eu, por exemplo: sempre trabalhei e sempre estudei na minha vida, sempre. u conheço poucas pessoas que apenas estudaram na vida e nem por isso são pessoas estudiosas, pelo contrário.

O que acontece é que você tem que ver o que é prioritário na sua vida. Eu mesmo, enquanto professora, não tenho nenhum final de semana livre, nenhum. Porque eu corrijo os trabalhos dos meus alunos, um por um, leio todos os trabalhos dos alunos, como nossos professores também o fazem. Se você trabalha o tempo todo, existem os finais de semanas, tem que sacrificá-los, mas isso só vai acontecer se você estiver envolvido, motivado. A questão é muito séria para ser tratada de forma subliminar. A prioridade está relacionada com a relação de pertença, à afetividade e de sobrevivência, então é isso, é subjetivo do ser humano.

05. Saindo desse ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?

R – Eu volto à mesma questão: é uma questão de afetividade com o curso. Existe aquele aluno que é capaz de passar quatro anos aqui e simplesmente passar. O aluno de Biblioteconomia vem aqui, finge que estuda, vai embora, está aqui apenas para tirar uma média, se ele não conseguir, ele abandona ou então vai para A.F, em que aluno tira média cinco e pronto, tá passado. É um problema sério. O aluno nosso é excluído, ele mesmo se exclui, não é a universidade, ele não tem afetividade, ele não gosta, não se envolve com nada que diz respeito à área. Ele não tem porque defender o curso, ele não tem como falar deste curso com prazer, porque ele não vê possibilidade de trabalho. Ele só associa o curso com a biblioteca, com o espaço e não com a função.

O aluno sai daqui com uma estima muito baixa em relação ao curso porque ele não tem nenhuma relação com o curso. Como ele vai se envolver em eventos que dizem respeito ao curso? Ele não tem nenhuma relação com este curso. Ele fala mal do curso, ele nunca vai defender essa classe. Têm alunos da sua turma que denigrem a imagem deste curso, entendeu? Ele vê a arquitetura da Biblioteconomia, mas, ele não vê a função deste curso, ele não vê. [...].

06. Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?

R – *Não. Eu não acredito que contexto socioeconômico vai influenciar na compreensão de leitura dos alunos. Não é isso. O que influencia na compreensão de leitura em primeiro lugar é a formação que ele teve na educação fundamental e ensino médio. 2º lugar: a relação que ele tem com aquilo que ele está lendo. Então, não é por que uma pessoa nasceu de baixa renda eu ele não vai gostar de leitura que ele vai compreender o que leu. De jeito nenhum. Os próprios filósofos (Platão, Sócrates) e como foi que eles chegaram a isso? Porque eles tiveram uma formação básica que deu essa sustentação para eles apreenderem a ler, não apenas decodificação de códigos. Você pode ler um texto de um escritor francês e se envolver com aquilo ali mesmo sem conhecer a França. Se você se envolver, você vai fazer relações, vai se envolver na leitura. [...]. Você vai produzir sentido sim. Não é porque você nasceu pobre que você não vai entender. Não é por que você fez pós-graduação que você vai ler tudo, vai compreender tudo. É muito relativo. O Estado sim. Porque o Estado em quanto provedor, poderia dar sua contribuição, fazer com que as pessoas possam ler, aí sim, mas é o estado e não o indivíduo.*

E2 - A entrevista foi concedida muito gentilmente, pois em meio a tantas atividades que a mesma exerce, no momento, além de o mesmo está exercendo funções de subchefe do Departamento de Ciências da Informação. Estudioso da leitura na e para educação. É criador de um projeto de extensão cujo nome é 'Buscando Espaços de Leitura na Internet para leitores reflexivos, críticos'. E também por um outro projeto de pesquisa intitulado 'Práticas leitoras nas escolas públicas do conjunto Ceará'.

01 Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?

R. *“Estou sentindo que desde o ano passado alunos vêm participando mais, eles estão conseguindo acompanhar muito bem as leituras. Estão num nível melhor do que as turmas de um tempo atrás, eu acho que é essa exigência do vestibular, que cobra mais, que pede mais leitura dos alunos, talvez seja por isso que nível tem melhorado.”*

02. Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?

R. *“É leitura. Eles reclamam que não dispõem de tempo para ler, mas eu acho que não é só isso não. Eu considero que esse processo de leitura é que está faltando neles. Ou seja, essa falta de leitura, esse não entendimento do que se lê mesmo, viu. É um problema que vem desde as séries iniciais, desde o 1º, 2º e agora aqui, na universidade, né?... Que vêm acompanhando o aluno, essas deficiências. E a qualidade dessa leitura na educação básica? Você sabe como é tão deficiente, a própria estrutura em se é deficiente e podemos perceber isso através dos alunos. Essa educação, em geral, não contribui para o desenvolvimento do estudante aqui na universidade”.*

03. Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresentar, em sua visão, qual é a que você considera maior?

R. *“Olha, o que eu percebo é a dificuldade que o aluno tem de ligar, de relacionar o que ele lê com a realidade dele próprio, com a sua própria vida. Poderíamos dizer assim: existe uma dificuldade muito grande deles quererem escrever e relacionar isso, de fazer grandes links com as suas vivências, com seus contextos eles não chegam nesse nível, entende? Essa turma de agora, é até boa, sabe? Eu percebo isso, mas dentro da universidade se espera mais, sabe? Um nível mais alto.”*

3.1. Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações/deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?

R. *“Como eu já havia dito, é claro que sim... mas, devo ressaltar que não é somente a leitura em si. Veja as questões culturais mesmo. A questão educacional, a própria formação do sujeito fora da escola, da faculdade... é difícil.”*

3.2. A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações?

R. *“Veja só: as vezes a gente pensa na parte econômica, apenas, tudo bem. Por que ela influi mesmo. Mas quando a gente conversa com os alunos, por exemplo quando eu falo assim: sobre as problemáticas de leitura em sala de aula, peço para os alunos se posicionarem de alguma maneira, muitos deles colocam que os pais não sabem ler e geralmente o incentivo à leitura que eles tiveram, foram desses pais analfabetos. Eles incentivam, motivam de alguma forma tentam evitar que os filhos passem pela mesma história de vida que os pais viveram. O interessante é que é muito mais o pai do que a mãe. Quando eu escuto os alunos, a figura do pai em sala de aula, é colocada de forma objetiva pelo alunos. [...].*

O que acontece é que quando se tem uma situação econômica melhor, existe nessa situação uma leitura de mundo maior. Por exemplo: uma criança que viaja, que tem oportunidades de conhecer pessoas, culturas diferentes, que frequenta o meio social, que convive com pessoas eruditas vai ser diferente de uma criança que nunca frequentou esses lugares. Se esta é uma criança melhor? É difícil responder.... falando propriamente na leitura eu diria que é difícil julgar essa criança, se essa criança é melhor do que aquela... Crianças que detêm de uma situação socioeconômica melhor carregam uma bagagem cultural maior, melhor, por causa da própria vida, né? Mas, quando é uma pessoa que não teve essa bagagem, mas foram incentivadas a ler, elas acabam de certa maneira, se igualando, por outros caminhos, ao mesmo nível de uma criança que teve todas as oportunidades de desenvolver-se. Elas conseguem chegarem juntas nesse nível de leitura que a universidade exige. Sabemos que existem pessoas que mesmo possuindo dinheiro, possuindo condições favoráveis à aprendizagem não gostam de ler, a gente sabe disso.

04. Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho/estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?

R. " Eu acho que sim, que interfere sim. O fato de ter que trabalhar implica na falta de tempo para o estudo. Eu penso que o estudante deveria ter mais tempo para seus estudos, para se aprofundar mesmo nas disciplinas. Por que quando ele trabalha, o tempo fica pouco, fica apertado. Inclusive assim: quando agente passa um trabalho na sala de aula, eles alegam não ter tempo para fazer, eles não dispõem do tempo que precisam para fazer os trabalhos exigidos por nós, professores. Eles não conseguem acompanhar como deveriam. então eu acho que atrapalha e muito" .

05. Saindo desse ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?

R. " Eu acho que hoje em dia, eu já vejo assim: um movimento maior. Por que nós professores, Doutores que estamos envolvidos em pesquisas, envolvemos nossos alunos também. E os alunos, por sua vez, gostam de se envolver, eles se sentem bem, correspondem as expectativas dos professores. Então vejo que a melhor saída para diminuir esse problema de leitura, da participação do estudante dentro da universidade seria que mais professores tivessem pesquisas e incluíssem seus alunos nessas pesquisas, seria bom se tivesse mais bolsistas nas pesquisas, por que o número de bolsista de pesquisa ainda é muito pequeno.

Eu enfatizo o bolsista de pesquisa, por que é ele que estuda mais, já chega à sala de aula sabendo o que é uma pesquisa, as normas, ele apresenta uma determinada diferença em relação aos outros alunos. Eles vão aprendendo é mais fácil pra eles. Nossos bolsistas são poucos, talvez não cheguem nem a dez. Mas isso não é culpa nossa, esse problema é lá da Pró reitoria.... Até por que nós ainda não temos Pós Graduação. É preciso de nossa parte, um esforço maior para conseguir nosso mestrado. Mas veja que há dez anos nós não tínhamos nesse departamento o número de doutores que temos hoje, um número bastante significativo.

Mas, daqui a pouco, esses professores estão se aposentando e nós não estamos formando alunos para ficar no lugar desses professores. Não estamos formando alunos para o Mestrado. Isso é um problema sério. Nós temos potencialidade para isso, mas não estamos acontecendo, essa é a realidade.

06. Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?

R. Eu acho que interfere. Por que a gente tem aluno que não compra livro por que não tem dinheiro. A gente ver o aluno reclamando que não tem dinheiro nem para tirar xerox dos textos. A própria vivência dentro de casa não é aquela não é aquela cultura livresca. Muitas vezes o pai ou mãe não entende o estudo daquele aluno, a questão do apoio da família. Eu não sei... Será que entendem tanto estudo, tanto investimento? Acho que a questão socioeconômica tem sua parcela de culpa na aprendizagem sim.

Ela tem sua contribuição sim. De certa maneira, eu acho que ela acaba tendo. Apesar, de ter essas bolsas aí essas bolsas ajudam que a universidade oferece, de extensão, de trabalho, mas ainda não é o suficiente. Já é uma abertura, né?

E3 - Um professor muito experiente e atualmente mantém uma relação muito estreita entre os alunos do Sétimo semestre, na Disciplina de Planejamento bibliotecário em que o aluno é obrigado a construir um planejamento para uma determinada Organização aplicando seus conhecimentos teóricos e práticos. Também é quem coordena a disciplina de estágio supervisionado do oitavo semestre. Último período do curso em que o aluno tem que cumprir uma carga horária de 18 horas semanais, estagiando numa instituição em que possibilite o aprendizado das disciplinas teóricas, agora, nesse momento praticando sob a supervisão de um bibliotecário já formado.

01. Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?

R-Bem quando a gente pede ao aluno em uma avaliação, estou me referindo àquela prova por escrito mesmo, as provas teóricas na disciplina em que ministro, por exemplo, administração a gente sente, percebemos claramente que o nível não é tão bom assim. Porque tem muito erro de gramática, tem muito erro de estruturação de frases e isso reflete a falta de leitura por parte do aluno. O que existe é ausência de um pensamento estruturado ocasionado pela falta da leitura. Se aluno está falando com agente, ele se expressa comigo perfeitamente bem, mas quando este mesmo aluno vai colocar seu pensamento, suas idéias no papel, fica tudo sem sentido, sem nenhum nexos, as coisas façam mal estruturadas, desconectadas, sem pontuação, justamente pela falta de embasamento que a leitura pode propiciar.

02. Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?

R-A principal dificuldade que eu percebo é a falta de um pouco de estudo. Eu não sei te dizer bem se é bem à falta de condição para comprar livros, essa cultura ai da xerox, não é boa... Talvez o aluno se limite somente aquele fragmento de conhecimento que os professores lhes fornecem em sala de aula, aquele pedacinho de texto, aquele recorte de conhecimento. O aluno não procura ampliar o estudo através de leitura de outros livros, outros livros, fica só naquilo mesmo, naquele capítulo, talvez por ser caro, o livro, eu não sei te dizer. Mas percebo que o aluno não procura se aprofundar em adquirir mais conhecimento, é pouco, são pouquíssimos os que procuram realmente ir além do que damos em sala de aula.

03. Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresentar, em sua visão, qual é a que você considera maior?

R-Eu acho o seguinte: Hoje em dia o aluno tem que estar atualizado. Ele precisa ligar a teoria à prática. Mas é justamente isto que está faltando por parte do aluno. É isso que vejo como empecilho na sua aprendizagem, é um compromisso com o curso. Encontramos alguns, mas todos os alunos têm que levarem este curso mais a sério. Eu não sei por que isso não acontece, talvez seja falta de motivação, a família não motive, talvez por não saber sobre o curso, não incentive, eu não tenho certeza. Mas, acredito que o que está faltando mesmo é um

aprofundamento, um domínio dos estudos por parte dos discentes. Essa é a principal dificuldade que eu vejo.

3.1 Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações/deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?

R-Sim. Pode ser. A leitura aprofunda, esclarece as dúvidas, aquilo que ficou obscuro que não permitiu o alcance de um maior entendimento por falta de explicações, seja lá por quaisquer motivos. O aluno podendo ter mais acesso a novos e mais conteúdos melhora sua compreensão, sua aprendizagem como um todo. De repente, o professor não conseguiu trabalhar todo um conteúdo necessário dentro da sala de aula e o aluno por sentir necessidade vai a busca desse conhecimento. Posso citar o meu caso: Eu leciono Administração, no entanto eu não vou passar para o meu aluno toda a teoria da Administração, porque ele é aluno de biblioteconomia, não de Administração. Eu sei que como futuro gestor de uma biblioteca, de um centro de informação ele precisará ter domínio ou se pelo menos um conhecimento da teoria da Administração. Existirá algum momento em que ele, no exercício de sua profissão terá que tomar decisões importantes em sua profissão. Caso este mesmo aluno sinto a necessidade, não tenha segurança em seu conhecimento devido às dúvidas não esclarecidas, poderá aprofundar seus conhecimentos através de outras leituras, lendo mais conteúdos.

3.2. A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações por parte do aluno?

R-Como eu já falei, acredito que seja pela ausência de um aprofundamento tanto por parte do aluno que muitas vezes se mostra apático aos conteúdos ministrados em sala de aula como por parte dos professores que entram no esquema dos alunos e não cobram mais, não vão mais além, ultrapassando as expectativas dos alunos, é um jogo perigoso. Às vezes passamos o conteúdo de forma rápida ou superficialmente e o aluno não se importa com isso, isso denuncia o quê? Eu falo por mim, que sou pressionada de uma determinada forma pelos alunos, os alunos reclamam, chagam a dizer o seguinte: chega professora, tá bom, pare de escrever, já é o suficiente... Mas, nós temos que puxar mais dele, ficar mais tem pó em sala de aula, cobrar mesmo. No entanto, à medida que o aluno é passivo, não cobra muito professor a tendência é o professor se acomodar também. Eu sei que isso depende de todos nós, professores e alunos, temos que ficar mais atento. Se o aluno não cobrar o professor vai ficar mais acomodado.

04. Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho/estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?

R-Esse fato do aluno ter um trabalho ou um estágio é um pouco positivo, porque ele vai criando uma aprendizagem por conta da vivência profissional nas empresas. Mas me compensação eu penso que esse estágio, esse trabalho não deve chegar a prejudicar, a atrapalhar o estudo do universitário. Eu cito meu exemplo: bem, eu, em meu tempo de estudante apenas estudei, só comecei a trabalhar depois que me formei. Isso me levou a acreditar que é bom trabalhar e estudar, você acumula experiências e conhece o

outro lado sem ser apenas aquilo que a universidade ensina. A gente sabe que apesar do que estou falando e defendendo, acontece algo de negativo aqui, no nosso curso de Biblioteconomia: é o caso de o aluno levar mais em consideração, colocar em primeiro lugar o seu estágio, isso é fato. Eu questiono muito essa atitude do nosso aluno, eu sempre digo o seguinte: Você é um estudante da universidade, só consegui esse estágio por causa da universidade, esta não está subordinada aquela, é justamente o contrário. Mesmo assim ele valoriza muito mais um estágio em detrimento dos seus estudos. O Estágio é uma coisa boa, na medida em o estudante da conta de seus estudos, em que ele se compromete com a universidade, o aluno tem que saber dosar. A razão para esse comportamento contraditório por parte do estudante é pelo medo de perder o estágio, eu acredito que os estudantes precisam, têm necessidade da remuneração que o estágio oferece, a sua manutenção na universidade depende desse benefício financeiro. O aluno de biblioteconomia precisa dessa renda, ele tem necessidade dessa bolsa e essa dependência fica visível para o empregador fazendo com que este se beneficie dessa necessidade para exigir mais do estagiário. O aluno por sua vez, prefere agradar mais ao empregador ao professor. É uma relação que se baseia na necessidade por parte do aluno.

05. Saindo desse ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?

R - Eu acho que o estudante de biblioteconomia se interessa por Pesquisa, se interessa pelos Projetos de Extensão, pela Monitoria. Mas esse interesse não é da maioria, isso nós sabemos, infelizmente. Eu considero que aula não é somente na sala de aula, entre aquelas quatro paredes, não. A coisa que eu mais observo, quando há qualquer evento que a universidade oferece, a primeira coisa que o aluno faz é ir embora. O aluno não se envolve não se interessa. Se por acaso não tem aquela aula tradicional, com nota, com a chamada o aluno vai embora, o compromisso do aluno é só na sala de aula. Posso dizer, porque ouvi não de apenas um, mas de vários alunos, na Semana de Humanidades, por exemplo, [evento que o Centro de Humanidades da UFC promove] uma coisa do tipo: Ai que bom... Não vai haver aula, estou adorando essa semana de folga... É lamentável. Para que o aluno compareça a esses eventos é preciso exigir dele um relatório, uma prova que comprove sua presença, sua participação em tais eventos. Essa cobrança não é legal, não é boa, isso não pode existir na universidade. Nossos alunos deveriam ter essa consciência da participação dele em eventos que trarão melhorias para o curso do qual ele faz parte, ele não luta pelo seu próprio interesse, pelo coletivo do seu curso. Existe pouco envolvimento em eventos por parte dos alunos, os auditórios estão sempre vazios, isso é lamentável.

06. Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?

Não, eu não acho que isso seja o fator determinante na sua aprendizagem não. A condição socioeconômica não é determinante, não totalmente. Pode interferir, mas, não determina. O esforço, a força de vontade pode superar muitas dificuldades que o aluno pode vir a enfrentar. Se existe envolvimento o aluno supera muitas dificuldades. Se existe envolvimento o aluno vai encontrar uma saída. É preciso muito esforço. Mas aluno dizer que a condição socioeconômica é o fator, a causa que influencia e limita sua

aprendizagem, eu particularmente, acho que isso é uma desculpa. O aluno coloca isso como um carro chefe, mas isso não é verdade.

E4 - Entrevista com o Professor que leciona a disciplina de Novas Tecnologias da Informação, uma disciplina que no antigo currículo era optativa e agora no novo currículo do curso passa a ser obrigatória no primeiro semestre. Ao responderem o questionário para a construção deste trabalho sobre qual a disciplina que você mais sentiu dificuldade de entender os alunos do segundo semestre responderam como sendo a disciplina Novas Tecnologias da Informação uma das mais difícil e complexa.

01. Como você considera o nível de leitura do aluno de Biblioteconomia, especificamente em suas aulas?

02.

R - Eu faço uso de dois métodos: primeiro, solicito resumos interpretativos sobre os textos que são passados em sala de aula. Segundo, eu solicito a apresentação de seminários. Esses dois métodos são solicitados depois de eu causar, de provocar situações em que os alunos identifiquem em suas vivências, alguns traços das leituras feitas em sala de aula, ou fora das mesmas. No entanto, às vezes eu noto que existe uma grande dificuldade de se fazer isso, às vezes esses procedimentos não são possíveis. Eu falo não baseado em estatísticas, não fiz levantamento estatístico da disciplina. Eu faço essas observações através do cotidiano, de sala de aula, eu vejo essa falta, através das respostas dos alunos quando das minhas interpolações, das solicitações que eu faço, dos resumos que recebo, da própria fala. Por exemplo: quando eu peço para que eles se expressem em sala de aula oralmente, que façam questionamentos, que façam aplicações sobre o que é tratado no texto, é isso que eu percebo que eu acho que os alunos sentem uma dificuldade acentuada. A disciplina que eu trabalho, Novas Tecnologias da Informação I, eu acho primordial que seja ministrada mesmo no primeiro semestre. A disciplina trata justamente do relacionamento humano com a tecnologia, eu sei que o próprio nome da disciplina suscita algo concreto, palpável, mas não se trata disso, é mais subjetivo. Eu percebo que nem todos os alunos conseguem acompanhar a disciplina. Pois, são conteúdos que tratam de subjetividade, temas subjetivos requerem experiências de vida e apostamente é isso que acontece: os alunos chegam à Universidade muito inexperiente, muito jovem. Às vezes o aluno não alcança, não atinge essa interpretação que esses textos requerem. É preciso muita paciência por parte do aluno, outras leituras, e força de vontade para captar o entendimento dos textos. Pois, tem que haver uma recorrência entre a experiência de vida do aluno com o que ele está lendo. Todo e qualquer saber só tem sentido se ele for identificado a partir de sua história de vida, o aluno precisa fazer uma associação, uma comparação entre essas duas ocorrências, está falando entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e a história de vida dos alunos. A leitura é um ato recorrente.

Falando sobre a metodologia aplicada, o que eu tenho experimentado é que até a metade da disciplina, quando eu dou instrumentos aos alunos para eles trabalharem tais textos, pois eles ficam mesmo um pouco perdidos no início, é muito complexo mesmo para os alunos entenderem esses conteúdos, é um desafio. Os primeiros contatos com esses textos, essas dificuldades são visíveis no início do semestre, por isso mesmo, eu procuro causar situações em que os alunos compreendam a situação deles próprios, no espaço-tempo. É diferente de eu usar uma metodologia, em que eu poderia passar uma prova de questões fechadas e abertas e exigir dos alunos respostas decoradas ou retiradas dos textos tal e qual. Tal procedimento não permite demonstração de que eles estão compreendendo os conteúdos, mas eu acho que no final eles conseguem, eu acredito nisso. Depois, em um segundo

momento, trabalha-se a parte crítica do aluno. Eu tenho notado que no final da disciplina a gente tem conseguido atingir essa compreensão sim. A disciplina Novas Tecnologias da Informação pode até ser vista como uma disciplina pesada difícil, mas eu acredito que são os alunos que não gostam ou que não estejam acostumados a ler, de discutir, a pensar criticamente. São os alunos que não estão habilitados a empreenderem pensamentos críticos de se em relação ao texto, de se em relação aos outros, de se em relação a todo um conjunto de eventos que permite ao aluno se situar numa rede interativa e cognitiva. São esses os alunos que devem sentir a disciplina uma coisa pesada impossível de entendê-la. A metodologia que eu uso é uma metodologia crítica, procurando transformar o aluno em alguém crítico também. Mas, algumas turmas têm me surpreendido mais do que outras, eu não sei o motivo, é tudo contingencial. Eu posso falar que alguns alunos tiveram desempenho excelente. Pelo menos uns dez alunos. Esses alunos possuíam características pessoais, muito voltadas à crítica. Esses tais alunos, possuíam uma abordagem crítica da realidade, são alunos que já gostavam de ler, anterior à disciplina. São alunos curiosos que procuram ler outras obras sem mesmo eu ter recomendado. Esses alunos têm me surpreendido com suas atitudes e posturas autônoma frente aos estudos.

01. Quais as principais dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresenta que você percebe em sala de aula?

R - Principalmente às relacionadas às subjetividades, pois para o aluno fazer comentários sobre interpelações referentes à tais assuntos, ele necessariamente precisará ter vivido, ter experiências de vida maior. Porque, por mais eu solicite comentário de ordem subjetivas, eu vou ter que regravar a minha exigência em relação à isso. Mas dar para perceber quando o aluno se desinteressa, não gosta do assunto. Eu vejo assim: o que você ler hoje, você poderá vir a entender muito tempo depois. A compreensão não ocorre em tempo real, ela é incompleto no momento da leitura, depois de algumas experiências o aluno pode chegar a seguinte descoberta: o que li, o que o professor estava se referindo em sala de aula, agora estou entendendo....vem as lembranças, a identificação então acontece.

02. Dentre as dificuldades de aprendizagem que o aluno pode apresentar, em sua visão, qual é a que você considera maior?

R - A aprendizagem tem um tripé: Primeiro, a experiência de vida do aluno. Segundo, a leitura. No entanto, quero enfatizar que o aluno é muito mal acostumado com um sistema de cobrança pelos professores, os alunos estão acostumados com aquele estilo de professores carrascos que causa o funcionamento do aluno, o professor tendo que cobrar uma reprodução do aluno. Esse não é o meu estilo. O aluno não chega à universidade disposto a aprender, com espontaneidade, com vontade. Para aprender o aluno precisa estar disposto. O aluno precisa saber que lê pode mudar o rumo de uma aula, ele tem voz e vez dentro da sala de aula. Esse estilo não é comum das escolas, de se trabalhar numa perspectiva dialógica, de onde vêm esses alunos nem mesmo nas universidades.

3.1 Você faz alguma relação dessas dificuldades/limitações/deficiências que foram apresentadas agora, com a leitura?

R - A leitura é fundamental, mas quando eu falo em leitura, não é apenas essa leitura de livros, livresca. É a leitura de vida. A leitura de livros não é nada mais do que o relato de experiências de outras pessoas, e você quando ler faz comparações com as suas próprias experiências, a leitura é ampla. Quando você vai ler um livro você transporta todo o seu capital cultural, seu capital de experiências e interpreta da maneira que pode. Por isso daquela máxima: A informação se forma no receptor. Ler é comparar experiências passadas. Se você pegar esse livro aqui, por exemplo, e começar a sua leitura e interromper por alguns meses, quando você retomar irá ler de maneira diferente, com outros olhos, sabe por quê? Porque você acumulou experiências que mudaram suas perspectivas. Com a leitura você acaba adquirindo duas coisas: a experiência com a leitura, com o próprio texto e a capacidade de bem escrever, de redigir. Quanto ao aluno, ele é um recorte, eu sou um recorte, o aluno está em construção, eu não posso fazer uma avaliação em absoluto do aluno.

3.2. A que você atribui tais deficiências/dificuldades/limitações por parte do aluno?

R - Eu não posso lhe dizer precisamente. Você pode obter essas informações, essas respostas, exatas fazendo a pesquisa em relatórios que a própria UFC pode lhe fornecer. Você também pode entrevistar aos alunos sobre seus acessos informacionais, quais as pessoas de certa maneira, isso é importante para sua formação cultural, sobre seus contextos familiares, sociais, tudo isso é importante. As práticas no âmbito familiar, escolar. Eu, por exemplo, hoje gosto de música clássica por causa de uma tia que gostava, ouvia e através desse convívio eu também passei a gostar desse estico musical. A resposta para essa sua questão presente pode estar lá no passado dos alunos.

04. Você concorda com o fato de o estudante de Biblioteconomia/UFC, em sua maioria, dividir seu tempo com o trabalho/estágio, tal fato influencia em seu aprendizado? De que forma?

R - Olha cada caso é um caso único. Eu posso te dizer que quando eu entrei na universidade para o curso de Biblioteconomia, eu me encontrava casado, minha filha estava nascendo, e eu estava desempregado. Depois de algum tempo eu me esforcei bastante e consegui passar em processo seletivo e consegui um bom estágio, com uma boa remuneração. Mais algum tempo depois, eu passei a ser funcionário nessa mesma empresa, meu horário de trabalho era de oito horas diárias, mas como eu ainda estudava, consegui um horário especial, trabalhando seis horas pela manhã, estudava à tarde e voltava a trabalhar à noite. Tudo isso pra te dizer que de nenhuma forma isso afetou a minha aprendizagem de maneira negativa. Pelo contrário, só obtive êxito em todas as minhas atividades profissionais, na conquista do conhecimento e depois tendo me tornado o profissional que sou hoje, atingindo todas as posições acadêmicas possíveis e imagináveis conquistando inclusive, o título de Doutor. Eu conheço outros amigos que têm uma história de vida muito parecida com a minha, com todos esses percalços e que também chegaram ser Doutor na

universidade. Eu não sei se existe alguma justificativa para que o aluno não venha obter êxito nas disciplinas. Mas, como eu digo: cada caso é um caso. Por que fazer essas perguntas e querer obter respostas é o mesmo que você querer resolver problemas muitos complexos... Eu não sei te dizer....Pois se sabe que os estudantes além de trabalharem, estudarem, têm muitas das vezes, problemas de moradia, com a família, e tudo isso pertence à uma conjuntura muito complexa que a gente não pode chegar a generalizar sobre tais questões.

05. Saindo desse ambiente de sala de aula, e contextualizando universidade em todos seus espaços e eventos, como você avalia a participação e o envolvimento do aluno da Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará?

R – Olha, eu não sei. Eu só posso avaliar os lugares onde estou presente, nos lugares onde estou ministrando alguma palestra, coordenando alguma mesa. Em referência a outros locais em que não estou presente, eu não posso falar. Mas nas mesas que coordeno, das palestras que ministro eu vejo uma representatividade dos alunos.

06. Em que medida você percebe que a condição socioeconômica interfere de alguma forma, negativamente, positivamente, direta ou indiretamente na aprendizagem, na construção do conhecimento do acadêmico?

R - Como eu já havia falado eu não acredito que apenas a condição socioeconômica de uma pessoa possa determinar o desenvolvimento de uma habilidade como da leitura, não diretamente eu não acredito.

ANEXO 3 – ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS QUESTIONÁRIOS SOCIOECONÔMICOS FORNECIDO PELA CCV/UFC

GRÁFICO 1 – Ensino Fundamental

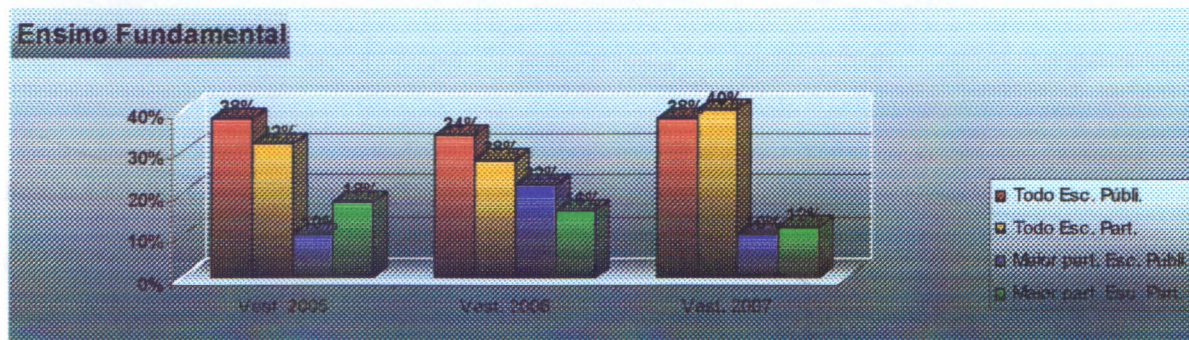
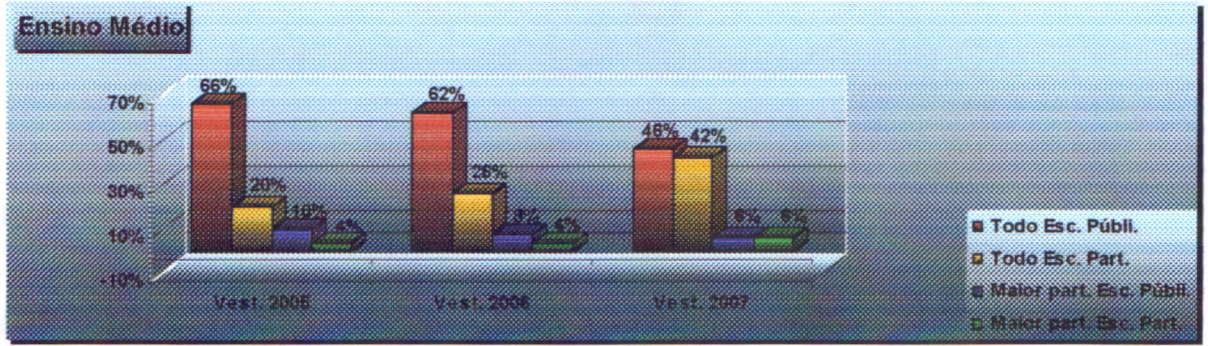
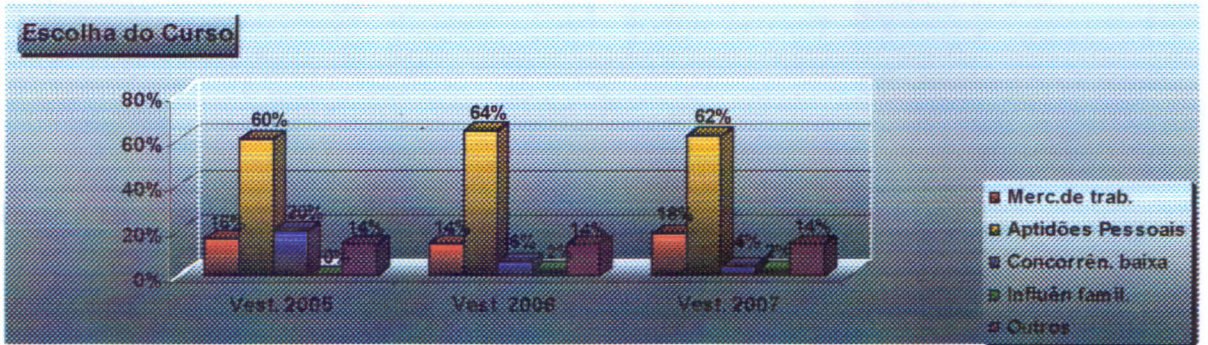


GRÁFICO 2 – Ensino Médio



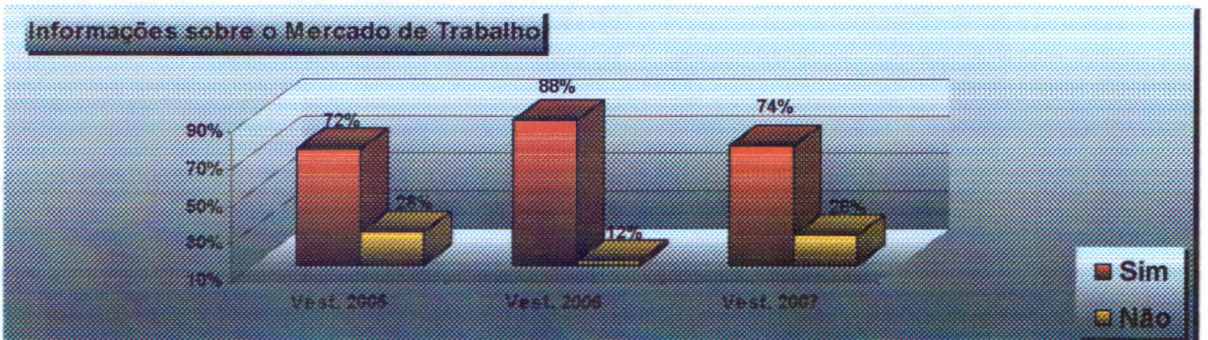
Fonte: CCV/UFC

GRÁFICO 3 – Escolha do Curso



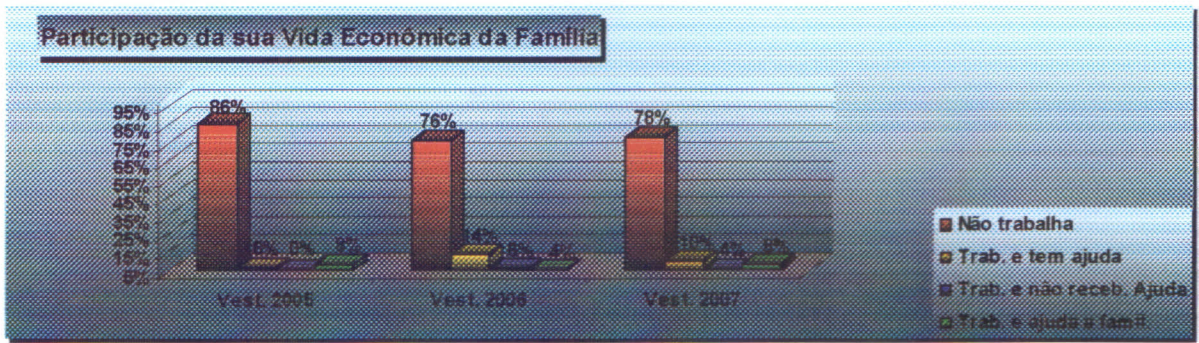
Fonte: CCV/UFC

GRÁFICO 4 – Informações sobre o Mercado de Trabalho



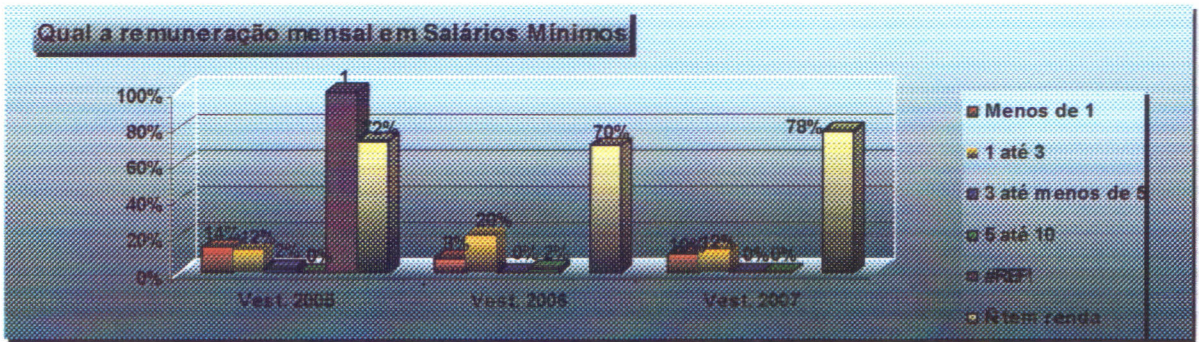
Fonte: CCV/UFC

GRÁFICO 5 – Participação da sua Vida Econômica da Família



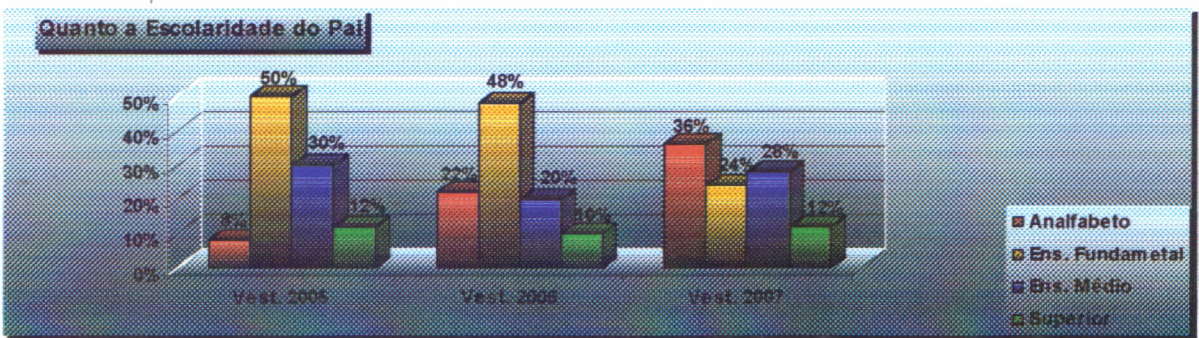
Fonte: CCV/UFC

GRÁFICO 6 – Qual a remuneração mensal em Salários Mínimos



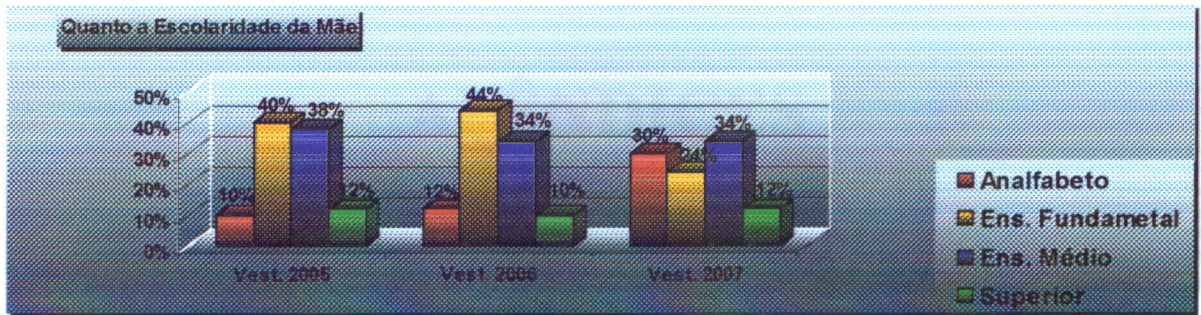
Fonte: CCV/UFC

GRÁFICO 7 – Quanto a Escolaridade do Pai



Fonte: CCV/UFC

GRÁFICO 8 – Quanto a Escolaridade da Mãe



Fonte: CCV/UFC

APÊNDICES

Instituto de Economia
Rio de Janeiro, 2004

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa "Análise da estrutura produtiva e da dinâmica econômica do Estado do Rio de Janeiro", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do Edital de Chamada de Propostas de Trabalho de Pesquisa (CTP) nº 301/2002.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro. Também agradeço ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ) pelo apoio técnico e administrativo.

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Sr. João e Sr.ª Maria, e aos meus irmãos, Sr. João e Sr.ª Maria.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa "Análise da estrutura produtiva e da dinâmica econômica do Estado do Rio de Janeiro", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do Edital de Chamada de Propostas de Trabalho de Pesquisa (CTP) nº 301/2002.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro. Também agradeço ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE/UFRJ) pelo apoio técnico e administrativo.

Este trabalho é dedicado aos meus pais, Sr. João e Sr.ª Maria, e aos meus irmãos, Sr. João e Sr.ª Maria.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa "Análise da estrutura produtiva e da dinâmica econômica do Estado do Rio de Janeiro", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do Edital de Chamada de Propostas de Trabalho de Pesquisa (CTP) nº 301/2002.

**1 - MODELOS DOS QUESTIONÁRIOS CCV/UFC DOS VESTIBULARES 2005,
2006,2007.**

**Questionário Sócio-Econômico
Vestibular 2005/UFC**

Este questionário não tem caráter de avaliação. Sua finalidade é recolher dados sobre os candidatos que concorrem a uma vaga na UFC e, a partir daí, poder responder perguntas como: “Qual a faixa etária dos candidatos?”, “Onde moram?” etc. Por isso, é importante responder com seriedade. Leia as questões a seguir e marque suas respostas no verso do Formulário de Solicitação de Inscrição.

01 – Qual o seu sexo?

1. Feminino
2. Masculino

02 – Qual a sua faixa etária em 31/12/2004?

1. menor de 17 anos
2. 17 ou 18 anos
3. 19 a 24 anos
4. Acima de 24 anos

03 – Onde se localiza seu domicílio?

Obs: Use a tabela de códigos de localidade do Apêndice A. Se mora em Fortaleza, indique o bairro; se em outro município, estado ou país, use o código apropriado.

04 – Você se considera identificado com qual etnia?

1. Amarela
2. Branca
3. Indígena
4. Negra
5. Parda

05 – Você é portador de deficiência?

1. Não
2. Sim – auditiva
3. Sim – visual

4. Sim – motora

5. Sim – outra

06 – Que tipo de curso do Ensino Fundamental concluiu?

1. Regular (ginasial, 1o grau ou equivalente)

2. Supletivo (Madureza ou equivalente)

07 – Onde fez seus estudos do Ensino Fundamental

(1o grau ou equivalente)?

1. Todo na escola pública

2. Todo na escola particular

3. Maior parte na escola pública

4. Maior parte na escola particular

08 – Que tipo de curso do Ensino Médio (2o grau ou equivalente) concluiu ou concluirá ?

1. Ensino Médio regular

2. Ensino profissionalizante/técnico 3. Supletivo

09 – Onde fez ou está fazendo seus estudos do Ensino Médio?

1. Todo na escola pública

2. Todo na escola particular

3. Maior parte na escola pública

4. Maior parte na escola particular

10 – Em que escola concluiu ou está concluindo o 3o Ano do Ensino Médio?

Obs: Utilize a tabela de códigos de escolas do

Apêndice B

11 – Você frequenta ou frequentou curso preparatório para o vestibular ?

1. Sim, em instituição pública

2. Sim, em instituição particular

3. Não

12 – Quantas vezes prestou exame vestibular na UFC?

1. Nenhuma vez

2. Apenas uma vez

3. Duas vezes

4. Três ou mais vezes

13 – Qual o principal motivo da escolha do seu curso?

1. Mercado de trabalho

2. Adequação às aptidões pessoais

3. Baixa concorrência pelas vagas

4. Influência familiar

5. Outros

14 – Você obteve informações sobre o mercado de trabalho da carreira superior escolhida?

1. Sim

2. Não

15 – As informações sobre o curso escolhido foram obtidas, principalmente, de que fonte?

1. Amigos

2. Familiares

3. Professores

4. Orientação profissional

5. Outras

16 – Você acha que as informações obtidas acerca do curso e do mercado de trabalho foram suficientes para uma escolha sensata da carreira superior escolhida?

1. Sim

2. Não

17 – Qual sua participação na vida econômica de sua família?

1. Não trabalha

2. Trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas

3. Trabalha e é responsável pelo próprio sustento, não recebendo ajuda financeira

4. Trabalha, é responsável pelo próprio sustento e contribui para o sustento da família

Obs: Se não trabalha, passe para a questão 19.

18 – Qual a sua remuneração mensal em salários mínimos?

1. menos de 1

2. 1 até menos de 3

3. 3 até menos de 5

4. 5 até 10

5. Mais de 10

19 – Nível de instrução do pai ou responsável?

1. Analfabeto

2. Ensino Fundamental

3. Ensino Médio

4. Curso Superior

20 – Nível de instrução da mãe ou responsável?

1. Analfabeto
2. Ensino Fundamental
3. Ensino Médio
4. Curso Superior

UFC - Vestibular 2006 - Questionário Sócio-Econômico

Este questionário tem a finalidade de recolher dados sobre os candidatos que concorrem a uma vaga na UFC e, a partir daí, poder responder perguntas como: “Qual a faixa etária dos candidatos?”, “Onde moram?” etc. Por isso, é importante responder com seriedade. Leia as questões a seguir e marque suas respostas no verso do Formulário de Solicitação de Inscrição.

01 – Qual o seu sexo?

1. Feminino
2. Masculino

02 – Qual a sua faixa etária em 31/12/2005?

1. menor de 17 anos
2. 17 ou 18 anos
3. 19 a 24 anos
4. Acima de 24 anos

03 – Onde se localiza seu domicílio?

Obs: Use a tabela de códigos de localidade do Apêndice A. Se mora em Fortaleza, indique o bairro; se em outro município, estado ou país, use o código apropriado.

04 – Como você classificaria o local de moradia de sua família?

1. Comunidade/favela/morro
2. Conjunto habitacional
3. Loteamento
4. Bairro de classe média
5. Bairro de classe média alta
6. Bairro popular

05 – Você se considera identificado com qual etnia?

1. Asiática
2. Branca
3. Indígena
4. Negra
5. Parda

06 – Você é portador de deficiência?

1. Não
2. Sim – auditiva
3. Sim – visual
4. Sim – motora
5. Sim – outra

07 – Que tipo de curso do Ensino Fundamental concluiu?

1. Regular (ginasial, 1o grau ou equivalente)
2. Supletivo (Madureza ou equivalente)

08 – Onde fez seus estudos do Ensino Fundamental (1o grau ou equivalente)?

1. Todo na escola pública
2. Todo na escola particular
3. Maior parte na escola pública
4. Maior parte na escola particular

09 – Que tipo de curso do Ensino Médio (2o grau ou equivalente) concluiu ou concluirá ?

1. Ensino Médio regular
2. Ensino profissionalizante/técnico
3. Supletivo

10 – Onde fez ou está fazendo seus estudos do Ensino Médio?

1. Todo na escola pública
2. Todo na escola particular
3. Maior parte na escola pública
4. Maior parte na escola particular

11 – Em que escola concluiu ou está concluindo o 3o Ano do Ensino Médio?

Obs: Use a tabela de códigos de escolas do Apêndice B

12 – Você frequenta ou frequentou curso preparatório para o

vestibular ?

1. Sim, em instituição pública
2. Sim, em instituição particular
3. Não

13 – Quantas vezes prestou exame vestibular na UFC?

1. Nenhuma vez
2. Apenas uma vez
3. Duas vezes
4. Três ou mais vezes

14 – Qual o principal motivo da escolha do seu curso?

1. Mercado de trabalho
2. Adequação às aptidões pessoais
3. Baixa concorrência pelas vagas
4. Influência familiar
5. Outros

15 – Você obteve informações sobre o mercado de trabalho da carreira superior escolhida?

1. Sim
2. Não

16 – As informações sobre o curso escolhido foram obtidas, principalmente, de que fonte?

1. Amigos
2. Familiares
3. Professores
4. Orientação profissional
5. Outras

17 – Você acha que as informações obtidas sobre o curso e o mercado de trabalho foram suficientes para sua escolha?

1. Sim
2. Não

18 – Qual sua participação na vida econômica de sua família?

1. Não trabalha
2. Trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas

3. Trabalha e é responsável pelo próprio sustento, não recebendo ajuda financeira
4. Trabalha, é responsável pelo próprio sustento e contribui para o sustento da família

Obs: Se não trabalha, passe para a questão 20

19 – Qual a sua remuneração mensal em salários mínimos?

1. menos de 1
2. 1 até menos de 3
3. 3 até menos de 5
4. 5 até 10
5. Mais de 10

20 – Qual o nível de instrução do pai ou responsável?

1. Sem escolaridade
2. Ensino Fundamental
3. Ensino Médio
4. Curso Superior

21 – Qual o nível de instrução da mãe ou responsável?

1. Sem escolaridade
2. Ensino Fundamental
3. Ensino Médio
4. Curso Superior

9. Questionário Sócio-Econômico
UFC - Vestibular 2007

9. Questionário Sócio-Econômico

Este questionário tem a finalidade de recolher dados sobre os candidatos. Por isso, é importante responder com seriedade. Leia as questões a seguir e marque os códigos numéricos de suas respostas no verso do Formulário de Solicitação de Inscrição.

01. Qual o seu sexo?

1. Feminino
2. Masculino

02. Qual sua idade em anos em 31/12/2006?

03. Onde se localiza a moradia dos pais ou daqueles que exerceram tal papel

em sua criação? Se seus pais têm endereços diferentes, opte pelo endereço do responsável com quem você usualmente mora.

Obs.: Use a tabela de códigos de localidade do Apêndice A.

04. Como define a localidade em que habitou predominantemente até hoje?

1. bairro de classe alta
2. bairro de classe média
3. bairro de classe média alta
4. bairro popular
5. comunidade popular
6. condomínio de classe alta
7. condomínio de classe média
8. conjunto habitacional popular
9. favela / morro
10. loteamento popular
11. periferia
12. zona rural

05. Você se considera identificado com qual etnia?

1. Asiática
2. Branca
3. Indígena
4. Negra
5. Parda

06. Você é portador de deficiência?

1. Não
2. Sim . auditiva
3. Sim . visual
4. Sim . motora
5. Sim . outra

07. Que tipo de curso do Ensino Fundamental concluiu?

1. Regular (ginasial, 1o grau ou equivalente)
2. Supletivo (Madureza ou equivalente)

08. Onde fez seus estudos do Ensino Fundamental (1o grau ou equivalente)?

1. Todo na escola pública
2. Todo na escola particular
3. Maior parte na escola pública
4. Maior parte na escola particular

09. Que tipo de curso do Ensino Médio (2o grau ou equiv.) concluiu/concluirá?

1. Ensino Médio regular
2. Ensino profissionalizante/técnico
3. Supletivo

10. Em que estabelecimento de ensino cursou/está cursando o Ensino Médio?

1. em estabelecimento público
2. em estabelecimento não público
3. maior parte em estabelecimento público
4. maior parte em estabelecimento não público

11. Em que escola concluiu/está concluindo o 3º ano do Ensino Médio?

Obs.: Use a tabela de códigos de escolas do Apêndice B.

12. Em que ano você concluiu ou concluirá o 3º ano do Ensino Médio?

1. no ano de 2006
2. no ano de 2005
3. em 2004 ou 2003
4. entre 2002 e 2000
5. antes do ano 2000

13. Você freqüenta/freqüentou curso preparatório para o vestibular ?

1. Sim, em instituição pública
2. Sim, em instituição particular
3. Não

14. Quantas vezes prestou exame vestibular na UFC?

1. Nenhuma vez
2. Apenas uma vez
3. Duas vezes
4. Três vezes
5. Mais de três vezes

15. Qual o principal motivo da escolha do seu curso?

1. Mercado de trabalho
2. Adequação às aptidões pessoais
3. Baixa concorrência pelas vagas
4. Influência familiar
5. Outros

16. Obteve informações sobre o mercado de trabalho do curso escolhido?

1. Sim
2. Não

17. As informações sobre o curso foram obtidas principalmente de que fonte?

1. Amigos
2. Familiares
3. Professores
4. Orientação profissional
5. Outras

18. Você acha que as informações obtidas sobre o curso e o mercado de trabalho foram suficientes para sua escolha?

1. Sim
2. Não

19. Qual sua participação na vida econômica de sua família?

1. Não trabalha

2. Trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas
3. Trabalha e é responsável pelo próprio sustento, não recebendo ajuda financeira
4. Trabalha, é responsável pelo próprio sustento e contribui para o sustento da família

Obs.: Se não trabalha, passe para a questão 22.

20. Assinale se você exerce alguma ocupação remunerada:

1. Formal
2. Informal

21. Qual a sua remuneração mensal em salários mínimos?

1. menos de 1
2. 1 até menos de 3
3. 3 até menos de 5
4. 5 até 10
5. Mais de 10
6. não opinou ou não tem renda

22. Qual a escolaridade de seu pai/daquele que exerceu tal papel em sua criação?

1. Não teve uma pessoa que exerceu tal papel na criação
2. Sem instrução, não alfabetizado
3. Sem instrução, sabe ler e escrever
4. 1º segmento do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) . Incompleto
5. 2º segmento do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) . Completo
6. 2º segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) . Incompleto
7. 2º segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) . Completo
8. Ensino Médio (antigo 2º grau) . Incompleto
9. Ensino Médio (antigo 2º grau) . Completo
10. Superior . Incompleto
11. Superior . Completo
12. Pós-Graduação, mestrado ou doutorado

23. Qual a escolaridade de sua mãe/daquela que exerceu tal papel em sua criação?

Obs.: Use os códigos da questão 22.

24- Qual a renda média mensal de sua família em salários mínimos (SM)?

1. Não tem/nunca possuiu renda
2. Meio SM (R\$ 175,00)
3. 1 SM (R\$ 350,00) A
4. 2 SM (R\$ 700,00) B
5. 3 SM (R\$ 1.050,00) C

6. 4 SM (R\$ 1.400,00)
7. 5 SM (R\$ 1.750,00)
8. 6 SM (R\$ 2.100,00)
9. 7 SM (R\$ 2.450,00)
10. 8 SM (R\$ 2.810,00)
11. 9 SM (R\$ 3.150,00)
12. 10 SM (R\$ 3.500,00)
13. 10 a 20 SM (R\$ 3.500,00-7.000,00)
14. Acima de 20 SM (R\$ 7.000,00)

25-A que atividade, preferencialmente, você se dedica no tempo livre?

1. literatura
2. cinema
3. esporte
4. show musical
5. teatro
6. dança
7. desenho
8. pintura
9. capoeira
10. grupos de hip hop
11. grupos de rock
12. grupos religiosos
13. outras

26-A que atividade cultural, prioritariamente, você tem acesso?

Obs.: Use os códigos da questão

27-Indique a atividade com a qual gasta dinheiro.

Obs.: Use os códigos da questão 25.

Manual do Vestibulando 15